



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE MÚSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA**

MICHAL SIVIERO FIGUERÊDO

**CORAL CANTO QUE ENCANTA:
UM ESTUDO DO PROCESSO DE EDUCAÇÃO MUSICAL COM IDOSOS EM
MADRE DE DEUS, REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR, BAHIA**

Salvador
2009

MICHAL SIVIERO FIGUERÊDO

**CORAL CANTO QUE ENCANTA:
UM ESTUDO DO PROCESSO DE EDUCAÇÃO MUSICAL COM IDOSOS
EM MADRE DE DEUS, REGIÃO METROPOLITANA DE SALVADOR,
BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Música, Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Música.

Área de concentração: Educação Musical.

Orientador: Prof. Dr. Luís César Marques Magalhães

Salvador
2009

Biblioteca da Escola de Música - UFBA

F475 Figuerêdo, Michal Siviero.

Coral Canto que Encanta: um estudo do processo de educação musical com idosos em Madre de Deus, região metropolitana de Salvador, Bahia / Michal Siviero Figuerêdo. - 2009. 143 f: il.

Orientador: Prof. Dr. Luiz César Marques Magalhães.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Música, 2009.

1. Música – Instrução e estudo. 2. Educação musical – Idosos – Interação social. 3. Coral – Idosos – Salvador (BA). I. Magalhães, Luiz César Marques. II. Universidade Federal da Bahia. Escola de Música. III. Título.

CDD – 780.7

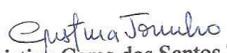
A Dissertação de Michal Siviero Figueredo foi aprovada



Luiz César Marques Magalhães
Orientador



Magali Oliveira Kleber



Ana Cristina Gama dos Santos Tourinho

Salvador, 17 de março de 2009

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida, saúde e companhia constante nestes dois anos especiais.

Aos meus pais e irmãos, pelas orações e conselhos. A meu marido e filha, pela companhia e compreensão nos momentos de intensa atividade.

Ao meu orientador, Luiz César, pela competência, apoio, confiança e incentivo à minha autonomia como pesquisadora.

Às coralistas do Coral Canto que Encanta, por fazerem parte de minha vida.

À Prefeitura Municipal de Madre de Deus, por incentivar a Cultura e a Educação e, em especial, às coordenadoras Adelize Dias e Débora Araújo, pela competência.

À Fonoaudióloga Leila Mazarakis, pela contribuição profissional e parceria.

À Fonoaudióloga Joana Poubel, à Fisioterapeuta Aline Lacerda e à Educadora Musical e Etnomusicóloga Mackely Ribeiro, pelas sugestões enriquecedoras.

Ao Analista de Sistemas João Celso, pela paciência amiga na edição conjunta do vídeo.

Ao Estatístico Luiz Carlos de Santana Filho, pela assessoria eficiente.

Aos professores do PPGMUS, especialmente Cristina Tourinho, pelas orientações e incentivo.

Aos colegas do curso de mestrado, pelo companheirismo e troca de conhecimentos.

Às minhas parceiras de oração, pela amizade e conforto nos momentos tensos e difíceis.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, incentivaram-me, congratulando-se comigo em cada etapa vivida.

FIGUERÊDO, Michal Siviero. *Coral Canto que Encanta: um estudo do processo de educação musical com idosos em Madre de Deus, região metropolitana de Salvador, Bahia*. 145 f. il. 2009. Dissertação (Mestrado) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

RESUMO

Esta pesquisa estuda o processo de educação musical com idosos na região metropolitana de Salvador, Bahia. Para tanto, foi realizado um Estudo de Caso Explanatório para coletar e analisar os aspectos impactantes no processo de ensino e aprendizagem musical com coralistas participantes da atividade de Canto-Coral do Centro de Convivência da Secretaria de Desenvolvimento Social da Prefeitura Municipal de Madre de Deus. Como fontes de evidências para as análises, destacam-se: as observações diretas realizadas pela pesquisadora, que já atuava e continuou atuando como educadora e regente no grupo; gravações em áudio e vídeo de ensaios e apresentações; os formulários de 25 idosas coralistas contendo dados pessoais gerais, a auto-avaliação de funções do organismo, informações sobre a experiência e preferências musicais, opiniões sobre a aprendizagem no coral e uma avaliação musical relacionada à extensão vocal, afinação, ritmo, percepção e expressividade. Além disso, esta pesquisa contou com a contribuição multidisciplinar da Fonoaudióloga Leila Mazarakis do Sistema de Saúde Pública do Município de Madre de Deus que avaliou, em consultório, 23 senhoras coralistas. Buscou-se investigar quais são os aspectos citados pela literatura científica sobre o envelhecimento, que fazem parte da realidade do Coral das Idosas de Madre de Deus. Os resultados encontrados revelam que vários aspectos fisiológicos (como a presbiacusia e a presbifonia) e psicossociais (situação sócio-econômica e tensões grupais) estão interligados e impactam o processo de ensino e aprendizagem de diversas maneiras. O conhecimento desses fatores impactantes contribui para que o Educador Musical compreenda melhor aspectos significativos relacionados ao envelhecimento, realize práticas educativas mais adequadas à faixa etária estudada, e promova a qualidade de vida dos idosos.

Palavras-chave: Idosos; Educação Musical; Canto-Coral.

FIGUERÊDO, Michal Siviero. *Song that Enchants Chorus: a study of the process of musical education with aged in Madre de Deus City, metropolitan area of Salvador City, Bahia State*. 145f. il. 2009. Dissertation (Master's degree) - School of Music, Federal University of the Bahia, Salvador City.

ABSTRACT

This work studies important aspects involved with the musical education of aged people. It was carried through a Study of Explanatory Case, and included different goals such as to collect and to analyze the important aspects of the education process and musical learning with chorus singers of the "Canto que Encanta" Chorus of the Secretary of Social Development from Madre de Deus City, in the metropolitan area of Salvador City. The data utilized was derived from the observations realized by the researcher who acted and continues to act as an educator and regent of the group, and includes: audio and video of assays and presentations; interviews of 25 aged chorus singers with personal data generalities, the musical auto-evaluation of the organism functions, information about musical experience and preferences, opinions about learning in the chorus and a musical evaluation related with vocal extension, tuning, rhythm, perception and expressiveness. Moreover, this research received important support and contribution of the Speech Therapist Leila Mazarakis of the Health Public System from Madre de Deus City. She avaliated in her doctor's office 23 aged chorus singers (woman). It was detected and analyzed some important aspects present in the scientific literature about ageing, and which are part of the reality of the Madre de Deus Aged Chorus. The results discloses that some physiological aspects (as the presbicusis and the presbifone) and psychosocials (economic situation and group tensions) are linked and impact the process of education and learning in diverse ways. The detailed knowledge about these impacting factors may help the Musical Educator to understand important aspects involved in this life period and to create musical activities potentially beneficial for the improvement of the quality of life of the aged.

Key words: Aged; Musical Education; Chorus Song.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (Gráficos)

Gráfico 1 - Estado civil	34
Gráfico 2 - Escolaridade	34
Gráfico 3 - Situação Econômica	35
Gráfico 4 - Autoavaliação da voz	37
Gráfico 5 - Autoavaliação da audição	38
Gráfico 6 - Autoavaliação (Fonoaudióloga)	38
Gráfico 7 - Autoavaliação da respiração	39
Gráfico 8 - Situação das próteses dentárias	40
Gráfico 9 - Situação dos óculos	41
Gráfico 10 - Autoavaliação da memória	42
Gráfico 11 - Autoavaliação dos movimentos dos membros	43
Gráfico 12 - Influência musical familiar	44
Gráfico 13 - Gostaria de tocar um instrumento?	44
Gráfico 14 - Por que está no Coral?	46
Gráfico 15 - Preferência musical para ouvir	47
Gráfico 16 - Preferência musical para cantar	47
Gráfico 17 - Dificuldades nos ensaios	48
Gráfico 18 - Frequência de março a julho	62
Gráfico 19 - Frequência de julho a outubro	64
Gráfico 20 - Frequência de outubro a dezembro	65

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (Figuras)

Figura 1 - Mapa da Localização de Madre de Deus-BA	30
Figura 2 - Coral no VII Encoti – 2007 no TCA, Salvador (Mulher Rendeira/Lampião)	123
Figura 3 - Coral no Natal de 2008 - Shopping Center Barra, Salvador	123
Figura 4 - Foto do Coral no TCA (Encoti 2007) no jornal do Município	124

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resumo da Coleta de Dados	28
Quadro 2 - Roteiro de Ensaio 1	108
Quadro 3 - Roteiro de Ensaio 2	109
Quadro 4 - Roteiro de Ensaio 3	110

LISTA DE TABELAS

Tabela 5 - Resumo da Avaliação vocal A	129
Tabela 6 - Resumo da avaliação vocal B	131
Tabela 7 - Tempos Máximos de Fonação A	133
Tabela 8 - Tempos Máximos de Fonação B	134
Tabela 9 - Dados Pessoais	137
Tabela 10 - Autoavaliações	138
Tabela 11 - Avaliações Musicais	140
Tabela 12 - Avaliações Musicais 2	142

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAP	Casa do Aposentado da Bahia
Cocult	Coordenação de Cultura
Encoti	Encontro de Corais de Terceira Idade da Bahia
ISBA	Instituto Social da Bahia
ISME	<i>Internacional Society Music Education</i>
INSS	Instituto Nacional de Seguridade Social
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
ONU	Organização das Nações Unidas
OMS	Organização Mundial da Saúde
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
Petrobrás	Companhia Brasileira de Petróleo S/A
PMMD	Prefeitura Municipal de Madre de Deus
PNI	Política Nacional do Idoso
PSF	Programa de Saúde da Família
Sedes	Secretaria de Desenvolvimento Social
TCA	Teatro Castro Alves
TMF	Tempo Médio de Fonação
UATI	Universidade Aberta à Terceira Idade
Uneb	Universidade Estadual da Bahia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 O ENVELHECIMENTO	14
1.2 A EDUCAÇÃO MUSICAL COM IDOSOS	18
2 QUESTÕES METODOLÓGICAS	22
2.1 FONTES DE EVIDÊNCIAS (COLETA DE DADOS E INSTRUMENTOS)	25
2.1.1 Observação	25
2.1.2 Formulário	26
2.1.3 Documentação	27
2.1.4 Registros	28
2.2 ANÁLISES	28
3 CANTO QUE ENCANTA: CONTEXTO	30
3.1 O MUNICÍPIO DE MADRE DE DEUS	30
3.2 O CORAL CANTO QUE ENCANTA	32
3.3 PERFIL DO GRUPO	32
3.3.1 Dados Gerais	32
3.3.2 Aspectos Fisiológicos: autoavaliação e avaliação fonoaudiológica	36
3.3.3 Experiência Musical	44
3.3.4 Sobre o Coral	46
3.3.5 Avaliação Musical	50
3.4 PERFIL DAS AULAS-ENSAIO	54
3.4.1 Roteiro de Atividades	56
3.4.2 Apresentações e Avaliação	58
3.4.3 Frequência 2008.1	62
3.4.4 Frequência 2008.2^a	63
3.4.5 Frequência 2008.2^b	64
4 O CANTO QUE ENCANTA: OS ASPECTOS BIOPSIKOSSOCIAIS E A APRENDIZAGEM	67
4.1. OS ASPECTOS PSIKOSSOCIAIS	67
4.2 OS ASPECTOS FISIOLÓGICOS	75
4.3 O APRENDER E O ENSINAR NO CANTO QUE ENCANTA	80
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	96
APÊNDICES	102

APÊNDICE A - ATIVIDADES REALIZADAS	103
APÊNDICE B - MÚSICAS DO REPERTÓRIO	104
APÊNDICE C – FORMULÁRIO	106
APÊNDICE D – MODELOS DOS ROTEIROS DE ENSAIO	108
APÊNDICE E – AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE DADOS, VOZ E IMAGEM	111
APÊNDICE F - MODELO DE CARTA DE AGRADECIMENTO	112
APÊNDICE G – ROTEIRO DO FILME	113
APÊNDICE H – ROTEIRO/COMENTÁRIOS - 25 DE MARÇO DE 2008	116
APÊNDICE I – ROTEIRO/COMENTÁRIOS - 08 DE ABRIL DE 2008	117
APÊNDICE J – ROTEIRO/COMENTÁRIOS - 08 DE JULHO	118
APÊNDICE K – ROTEIRO/COMENTÁRIOS - 18 DE AGOSTO	120
ANEXOS	121
ANEXO A – CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO EM EVENTO	122
ANEXO B – FOTOS	123
ANEXO C – FORMULÁRIO/FONOAUDIÓLOGA	125
ANEXO D – TABELAS DAS AVALIAÇÕES FONOAUDIOLÓGICAS	129
ANEXO E – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO (FONOAUDIÓLOGA LEILA)	135
ANEXO F – TABELAS (FORMULÁRIOS)	137
ANEXO G - COMENTÁRIOS DAS PARECERISTAS	144
ANEXO H - VÍDEO EDITADO	145

1 INTRODUÇÃO

Dentre os diversos trabalhos que realizei como Educadora Musical, a experiência com o Coral de Idosos Canto que Encanta foi uma das que mais marcaram a minha vida profissional e pessoal. Embora a pesquisa aqui relatada tenha ocorrido entre os anos de 2007 a 2009, as inquietações e buscas sobre a Educação Musical com Idosos começaram há muito mais tempo. Há dez anos, sou regente do *Canto que Encanta* e, há dez anos, procuro respostas para muitas perguntas. Esta pesquisa nasceu, portanto, da necessidade de compreender as próprias dificuldades (e facilidades) na vivência desta realidade e da consciência da importância desse estudo para a área da Educação Musical na atualidade.

Ao longo desses anos como Educadora-Regente desse Coral de Idosos, vivenciei alguns aspectos que parecem repetir-se em outros contextos similares. Diante da aquisição de conhecimentos novos ou execuções que exigiam mais persistência e aperfeiçoamento, por exemplo, a resistência dos idosos era uma constante, traduzida, principalmente, em expressões faciais de desgosto e na seguinte fala: “Não conseguimos... Nós já somos velhos, Pró .” Esta e outras falas similares apareciam como tentativas de justificar as dificuldades sentidas e promoviam uma insistente acomodação. Apesar de perceber a dificuldade de alguns idosos em aprender ou executar algumas músicas, sentia que as possibilidades também existiam e poderiam ser exploradas. Assim, conhecer as relações entre os impactos da velhice e a aprendizagem musical se tornou um de meus objetivos principais para o desenvolvimento de uma prática educativa musical consciente e eficiente.

Nestes anos de convivência com essa faixa etária, constatei a ocorrência de algumas particularidades fisiológicas do organismo como, por exemplo, a mudança de registro (do agudo para o grave) na voz de algumas idosas, dificuldades respiratórias e flacidez nos músculos da boca, entre outros. No entanto, algumas coralistas demonstraram dificuldades de aprendizagem que poderiam estar ligadas a outros fatores que não os da velhice, como, por exemplo, a falta de vivência musical na infância (uma parte significativa do coral não tinha boa regularidade rítmica), ou ainda o baixo nível (ou mesmo a ausência) de escolaridade formal, demonstrados na dificuldade de leitura ou no analfabetismo. Por várias vezes, repeti integralmente orientações corriqueiras devido a um aparentemente esquecimento do grupo - o que poderia estar

relacionado a dificuldades de aprendizagem, memória, metodologia de ensino (ou de ensaio) inapropriada, ou ainda a fatores motivacionais. Também percebi que algumas atividades de Musicalização surtiram efeitos positivos, uma vez que contribuíram para o aperfeiçoamento da execução musical e, além disso, motivaram os idosos a aprenderem algo novo ou ampliarem um conhecimento já adquirido.

Embora o foco deste trabalho tenha sido o estudo dos aspectos fisiológicos e psicossociais envolvidos na atividade de Canto-Coral com os idosos, a prática educativa, ambiente da pesquisa, também aparece evidenciada. As estratégias de ensino que foram adaptadas já influenciadas ou não pela pesquisa, foram relatadas. As reflexões pedagógicas sobre as nuances do processo educativo-musical são apresentadas e não excluídas e, apesar de ainda carecerem de pesquisas aprofundadas, já trazem uma contribuição para a área de Educação Musical com Idosos. As relações subjetivas decorrentes da dupla função assumida (professor/pesquisador) estão comentadas no segundo capítulo *Questões Metodológicas*.

Uma vez que conhecer os aspectos do envelhecimento e da velhice é essencial para o trabalho musical com idosos, nos próximos tópicos desta introdução, abordo a relevância do tema na atualidade à luz de informações demográficas e de políticas públicas criadas para o desenvolvimento dos idosos; o conhecimento atual da área de Educação Musical sobre o tema Música e Idosos; e a importância do estudo sobre os impactos da velhice na Educação Musical. Após a Introdução e o detalhamento sobre as Questões Metodológicas (Capítulo 2), apresento os resultados da coleta de dados no Capítulo 3 - *O Canto que Encanta: Contexto*. Este contém os dados individuais das coralistas (fisiológicos, psicossociais e musicais) e detalhes da prática educativa com reflexões da Educadora. O Capítulo 4 - *O Canto que Encanta: os aspectos biopsicossociais e a aprendizagem* - contém a análise dos dados e as conclusões da Pesquisadora-Educadora. As Considerações Finais encerram o trabalho com uma retrospectiva da pesquisa e projeções para novos estudos.

1.1 O ENVELHECIMENTO

Em paralelo à *era da informação*, o mundo vive a *era do envelhecimento*. Segundo a Organização das Nações Unidas- ONU – este é um fenômeno que está ocorrendo tanto nos países desenvolvidos como naqueles em desenvolvimento. A taxa

de crescimento da população idosa vem se elevando: em 2000, para cada dez pessoas, uma tinha mais de 60 anos e projeta-se que em 2050, para cada cinco pessoas, existirá um idoso. No Brasil, o índice de 7,3%, no início da década subiu para 8,6% em 2000, principalmente pelo aumento da expectativa de vida e pela diminuição da taxa de natalidade. Segundo o Instituto brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nos próximos 20 anos, os idosos poderão representar mais de 13% da população do país (BRASIL, 2002). É a faixa etária que cresce mais e assim, a discussão em torno dos impactos causados pelo envelhecimento do mundo e posteriores intervenções vêm sendo fomentadas por órgãos internacionais e nacionais mobilizando os diversos segmentos da sociedade.

O ciclo de vida inicia-se numa curva ascendente com o nascimento, crescimento, desenvolvimento, atingindo seu ponto mais alto na reprodução (marco inicial de um novo ciclo vida), quando, a partir de então, começa a descender com o depauperamento - esgotamento gradativo das capacidades físicas e intelectuais - até chegar à velhice, terminando, segundo a crença da maioria das pessoas, com a morte (ENCICLOPÉDIA, [19--?]). Todos os que chegam à velhice passam por todas estas etapas, mas nem todas as pessoas experimentam as mesmas situações, nem da mesma forma, durante sua existência. Além do impacto dos aspectos fisiológicos, os aspectos psicossociais também são relevantes. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a população idosa como sendo aquela que tem a partir dos 60 anos de idade, fazendo uma ressalva que este limite é válido para os países em desenvolvimento, subindo para 65 anos de idade quando se trata de países desenvolvidos (BRASIL, 2002). Esta definição é apenas cronológica, já que vários fatores, principalmente os genéticos, os ambientais e os psicológicos, influenciam diretamente o processo do envelhecimento e assim como nas demais fases da vida, as diferenças entre os indivíduos também ocorrem na velhice.

Segundo Lemos (2003), o tema velhice aparece pela primeira vez, no Brasil, na Constituição de 1934. Esta se refere somente à legislação trabalhista não ocorrendo nenhuma novidade nas leis posteriores até que na Constituição de 1988, alguns artigos são dedicados à proteção social do idoso. Estas citações, provavelmente, sofreram influências das recomendações da ONU na Assembléia Mundial do Envelhecimento em 1982, que, além de dispor sobre a proteção social também fomenta a busca pela qualidade de vida, incluindo nesta última, a satisfação das necessidades sociais e culturais e a participação ativa do idoso na sociedade. Ampliando as demandas mais

assistencialistas, a Lei nº 8.842 de 1994 dispõe sobre a Política Nacional do Idoso e cria o Conselho Nacional do Idoso (BRASIL, 1997). No capítulo IV, além de instituir as competências dos órgãos de assistência social, previdência e trabalho, saúde, habitação, cultura, esporte e lazer para oferecer as condições de qualidade de vida para os idosos, também ressalta a responsabilidade da educação na adequação dos programas educacionais (inciso III). Neste ponto percebe-se uma evolução, já que além da preocupação assistencialista, várias disposições são tomadas quanto à vida do idoso em sua totalidade.

O Estatuto do Idoso, aprovado em 2003, fomenta e reitera disposições da Política Nacional do Idoso, reafirmando que os materiais e o currículo devem ser adaptados para a faixa etária. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) n.º 9394 de 1996 e seus Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apesar de serem contemporâneos da Política Nacional do Idoso (PNI), não apresentam formulações, regras ou orientações específicas para atender ao idoso especificamente – a categoria mais próxima seria a de *jovens e adultos*. Vale ressaltar também, que em 1990, a Declaração Mundial de Educação para Todos já reafirmava o direito *de todos* à educação para o desenvolvimento pessoal e da sociedade (BRASIL, 2001). E mais anterior ainda é a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) que dispõe: “todo ser humano tem direito a instrução” e a educação será “orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais.” (ONU, 1948).

Assim, reafirmar o direito dos idosos à educação é redundante uma vez que o idoso também é um *ser humano* (!) e, em contrapartida à decadência fisiológica, o *desenvolvimento* pessoal na velhice pode ser alcançado porque o *ser humano* enquanto um ser vivo tem potencial para aprender e para repartir seu conhecimento com outros. Contudo, na realidade, em oposição à teoria (as leis), as práticas sociais, em sua maioria, não têm incluído e valorizado o idoso.

Idosos devem permanecer integrados à sociedade, participando da elaboração e implementação de políticas que afetem diretamente o seu bem-estar; devem desenvolver maneiras de servir à comunidade e dividir seus conhecimentos com os jovens. (ACHE, 2002).

Como se percebe, além do direito a uma educação que os ajude a se desenvolverem, os idosos podem contribuir para o desenvolvimento da sociedade.

Segundo o Estatuto do Idoso, no capítulo V, cabe ao Estado adequar os currículos e materiais didáticos (art.21), proporcionar a adaptação à vida moderna (art.22) e garantir a “transmissão de conhecimentos às demais gerações no sentido da preservação da memória e da identidade culturais” (art.23) (BRASIL, 2003). Os idosos podem, portanto, aprender o que não sabem e repassar o que conhecem. Além disso, a participação do idoso em eventos artísticos e culturais deve ser estimulada mediante descontos (art.23); informações sobre o processo de envelhecimento devem ser divulgadas pelos meios de comunicação (art.24); e a criação de universidades abertas para os idosos devem ser apoiadas pelo poder público (art.25) (BRASIL, 2003). A aprendizagem na velhice diz respeito a um processo de educação continuada (principalmente para aqueles, é claro, que já são escolarizados), o que não impede, todavia, que pessoas idosas queiram fazer parte do mercado de trabalho buscando uma educação profissionalizante já que também têm “o direito ao exercício de atividade profissional”, segundo o capítulo VI do Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003).

Já que a velhice não é só o presente de alguns, mas o futuro de todos (os que conseguem chegar a ela!), é importante que todas as faixas etárias conheçam suas características a fim de prepararem-se para ela, uma vez que é nesta fase que o ser humano vivencia intensamente as conseqüências dos hábitos e atitudes praticados ao longo de todas as outras fases de sua vida. Na infância, o homem tem sido educado para ser um adulto capaz e na vida adulta tenta acumular coisas para desfrutar quando *se aposentar*, mas, quando a velhice chega, a maioria das pessoas percebe que não está preparada para ela. Sobre esse preparo anterior à velhice, o art.22 do Estatuto do Idoso (2003) já dispõe:

Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria. (BRASIL, 2003)

Além disso, a conscientização das peculiaridades da velhice, principalmente ao longo da educação básica, provavelmente incentivará práticas mais respeitadas e compreensivas para com aqueles que nela já estão. Contudo, envolver-se na aprendizagem de coisas novas e no aperfeiçoamento dos assuntos já conhecidos é ainda mais urgente na velhice porque muitas das dificuldades impostas pelo envelhecimento natural podem ser “dribladas” ou atenuadas através desta mobilização, proporcionando

uma vida com melhor qualidade. Segundo Bee (1997, p. 582) “[...] mesmo os que negligenciaram seu corpo, mente e amizade, conseguem modificar tais padrões na fase tardia da vida adulta e, assim agindo, são capazes de chegar a um envelhecimento bem sucedido”.

Apesar de a velhice ser a última etapa do ciclo da vida humana cheia de peculiaridades e de fortes impactos fisiológicos, muito ainda pode ser aprendido e produzido nela, uma vez que em cada uma das fases da vida, o homem interage com um meio mutável impulsionado pelas próprias necessidades e mudanças fisiológicas e psíquicas. A produção musical de Giuseppe Verdi, ao longo de sua existência, pode exemplificar, de maneira interessante, como os indivíduos reagem a partir das experiências acumuladas. Grout (1997) divide a obra de Verdi em três fases e comenta que a maioria dos enredos das óperas de Verdi em sua primeira fase, na juventude, eram “melodramas tempestuosos e sangrentos” com “inúmeras oportunidades para melodias animadas, vigorosas e violentas”; e que em sua segunda fase, por volta dos 36 anos, as “emoções expressas na música tornam-se menos cruas” e vão sendo compostas num “ritmo menor do que antes”. Sua última obra, *Otelo*, foi composta aos 80 anos de idade e considera-se que “Verdi levou a ópera italiana a um grau de perfeição nunca ultrapassado depois dele” (GROUT, 1997, p. 636-640). Para o compositor italiano Giuseppe Verdi, portanto, a velhice não foi apenas uma fase de esgotamento e debilitações, mas de realizações.

1.2 A EDUCAÇÃO MUSICAL COM IDOSOS

Com o exemplo de Verdi, percebe-se o desenvolvimento continuado daquilo que foi aprendido ao longo da vida. Entretanto, os idosos, em geral, podem encontrar dificuldades em aprender conteúdos novos ou muito diferentes do que já estão acostumados. Em minha experiência como regente num coral de idosos, por exemplo, percebi uma espécie de “esquecimento” constante de orientações, o que também poderia acontecer, entre outros fatores, tanto por influências do funcionamento da memória recente que “vai se tornando menos eficaz” (MITRE, 2003); bem como pela desmotivação diante de músicas não conhecidas; ou pela própria resistência em mudar padrões de comportamento e de execução musicais já arraigados durante toda a vida. Desta forma, o educador precisa ser sensível e criativo diante das peculiaridades

existentes neste trabalho, mantendo-se numa atitude de busca e pesquisa a fim de adaptar os conteúdos e os materiais didáticos. Além das peculiaridades da velhice, as influências culturais e o entorno devem ser considerados, uma vez que “a prática educativa despojada de um enfoque que não privilegia questões culturais, sociais e políticas torna-se inviável” (KLEBER, 2003, p. 148).

A *Internacional Society Music Education* (ISME), dentre suas convicções, afirma que a educação musical, ao redor do mundo, tanto inclui educação em música como a educação através da música, dentro de um processo ao longo de toda vida, devendo englobar todas as faixas etárias (ISME, 1998)¹. Assim, a conscientização da importância de se aprender novos conceitos, habilidades e atitudes para a melhoria da própria vida deve ser uma constante no trabalho com os idosos porque também na música, além de aprender a conhecer, o indivíduo precisa aprender a ser, a conviver e a aprender (BRASIL, 2001). Dentre os variados programas voltados para a qualidade de vida do idoso, o canto-coral é uma das atividades musicais mais desenvolvidas. Em Salvador, há oito anos, acontece o Encontro de Corais de Terceira Idade da Bahia (ENCOTI)². Em 2007, este encontro foi realizado no Teatro Castro Alves (TCA) com a participação de entusiasmados idosos de 16 corais da capital e dois do interior (TERCEIRA IDADE, 2007) e em 2008 foi realizado no teatro do Instituto Social da Bahia (ISBA) com 11 corais. Vale ressaltar que esse encontro não promove a competição entre os corais, mas a participação.

Nos congressos mais recentes da área de música, através de relatos de experiências, também percebo que não apenas em Salvador, mas em todo o país, o canto-coral é uma das atividades musicais fomentadas para os idosos devido à visão corrente de que esta vivência musical em grupo pode contribuir para sua qualidade de vida. Esta visão é confirmada por alguns estudos que comprovam a contribuição terapêutica da música (PICKLES, 2003; HAYS, 2005; CORONAGO, 2007; MAYDANA, 2007) para esta faixa etária bem como a importância da aprendizagem musical utilizando a voz, o corpo e/ou instrumentos musicais tanto sem objetivos de inclusão da partitura nos trabalhos (BONILLA, 2002;) como com a introdução da leitura musical (ARAÚJO, 2006; LUZ, 2005; SOUZA, 2005; SOUZA, [200-?]; PINTO, 2004). O ato de

¹ *The Isme Declarations of Beliefs.*

² Promovido pela Associação de Servidores e Pensionistas (ASAP) da Instituição Nacional de Seguridade Social (INSS) da Casa do Aposentado (CAP).

aprender é inerente ao ser humano também promovendo prazer e socialização, especialmente em corais comunitários de pessoas idosas mais simples, com baixa escolaridade e que nunca tiveram a oportunidade de vivenciar a música de maneira dirigida e orientada.

A aprendizagem musical no canto-coral diz respeito não apenas à absorção de letras de músicas, mas, dentre tantas habilidades para uma execução musical, pode-se citar a apreensão de postura corporal, articulação vocal e respiração adequadas ao canto; o desenvolvimento do ritmo, da dinâmica, da expressividade; da coordenação motora, interpretação e execução dos gestos do regente, etc. Além desses conteúdos essencialmente musicais, os indivíduos participantes de um coral precisam aprender a se relacionar, isto é, a ser e a conviver. E para aprender todos esses conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, o ser humano precisa desenvolver a capacidade de *aprender a aprender*. Desde o nascimento até a morte, o ato de aprender é essencial ao ser humano porque para sobreviver precisa aprender a sugar, comer, engatinhar, andar; e, para viver, precisa comunicar-se, socializar-se, trabalhar e assim por diante. Segundo Nascentes (1981) *aprender* significa “agarrar ou apoderar-se” de um conhecimento, o que implica uma atitude ativa do aprendiz que pode aprender com a família, amigos, professores, colegas e consigo mesmo, em qualquer lugar, de diversas maneiras e por toda a vida.

O processo de ensino e aprendizagem musical em um coral de idosos pode ser extremamente impactado pelo envelhecimento natural do organismo, especialmente dos órgãos mais utilizados na prática do canto. Mesmo em idosos hárgidos, há perdas musculares da laringe, desequilíbrio da respiração, entre outros, ainda mais aumentados quanto maior for a perda auditiva (SUSTOVICH, 1999). Os idosos correm mais risco de depressões secundárias que outros grupos etários por terem uma freqüência muito maior de doença física e uso de drogas medicamentosas. O funcionamento da memória também pode ser afetado, mas o desenvolvimento intelectual pode ser mantido, principalmente nos indivíduos idosos que gozam de saúde e procuram exercitar sua memória (SUSTOVICH, 1999).

Em minha experiência, conforme já relatado no início da introdução, constatee a ocorrência de algumas dessas particularidades fisiológicas do envelhecimento do organismo. No entanto, não somente os aspectos fisiológicos são determinantes na aprendizagem dos idosos. Como um ser humano que vive numa fase onde todas as

outras fases estão presentes de alguma forma, o idoso traz uma somatória de outros aspectos que podem ser tão ou até mais relevantes que os do envelhecimento biológico. Apesar de, em geral, os idosos ficarem doentes com maior frequência que pessoas de outras faixas etárias, a velhice em si não é uma doença; é um processo normal do ser humano que nasce, cresce, reproduz e morre. Conhecer os aspectos envolvidos nas dificuldades apresentadas durante o processo de ensino e aprendizagem certamente contribuirá para uma melhor aplicabilidade de estratégias de ação porque mesmo diante das variadas limitações existentes, muitas qualidades podem ser exploradas e muitas dificuldades dirimidas. Segundo Silva:

[...] a perda da potencialidade física e subsequente reconhecimento dessa incapacidade, são fatos que afetam demasiadamente as pessoas idosas, entretanto, dentro dessas limitações o indivíduo poderá desenvolver potencialidades que o levem a auto-realizar-se como pessoa humana. (SILVA, 1995, p.48)

Como educadora musical, sinto que a faixa-etária idosa foi a que exigiu mais competências docentes para a realização do trabalho musical. Durante este período de 10 anos, de 1998 a 2008, cursei Licenciatura em Música³ e fiz diversos cursos de aperfeiçoamento. Na atualidade, aproximadamente um terço das fundadoras do coral fazem parte do grupo. É claro que a velhice não impede que as pessoas vivenciem a música, mas pode atrapalhar a aprendizagem e a execução musicais de algumas formas. Assim, conhecer os aspectos que interferem é algo fundamental na busca de uma “Educação de Possibilidades” (LUZ, 2005). Diante da relevância social da atividade musical, o estudo aprofundado desse processo se faz mister para Educadores Musicais, Regentes e profissionais que trabalham com idosos. Existe um campo aberto a ser explorado por aqueles que pretendem conhecer melhor sobre o processo de educação musical com idosos (SOUZA, 2005) porque aprender também produz prazer e aprender música em grupo pode contribuir para a qualidade de vida do ser humano.

³ Anteriormente, tinha curso técnico em piano, experiência com corais infantis e graduação em Administração.

2 QUESTÕES METODOLÓGICAS

Essa pesquisa possui características de abordagens qualitativas, uma vez que utilizou os dados de um processo educativo musical inserido em um contexto social. Diante da formulação da metodologia a ser utilizada nesta pesquisa, percebi que alguns métodos qualitativos e que envolvem a participação do pesquisador poderiam ser utilizados. No entanto, minha escolha final foi norteadada pela *Questão da Pesquisa*: Quais são os aspectos fisiológicos e psicossociais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem musical com os idosos coralistas de Madre de Deus e como estes estão relacionados com as dificuldades (e facilidades) encontradas?

Como se percebe, o objetivo principal da pesquisa não era a resolução das questões encontradas, mas, principalmente e primeiramente, o conhecimento aprofundado daquelas. Assim, diante do objetivo de estudar os aspectos envolvidos no processo, o Estudo de Caso Explanatório foi a opção adotada, pois para responder à questão de pesquisa, “foram recolhidas e analisadas as ligações ao longo de um tempo determinado, existindo uma contemporaneidade de acontecimentos com pouco ou nenhum controle sobre os mesmos” (YIN, 2005). Neste contexto, realmente existia pouca possibilidade de controle, muito embora eu fosse a Educadora-Regente no grupo. Apesar de planejar os ensaios, incidentes como, por exemplo, a alta rotatividade da frequência e o caráter participativo dos ensaios, tornavam a situação ainda mais dinâmica o que exigia flexibilidade na execução das propostas – o que demandou *comando* da regente devido ao pouco *controle* sobre os acontecimentos.

Como essa pesquisa foi realizada num ambiente natural, em situações reais de ensino-aprendizagem, como regente-educadora realizei adaptações e ajustes didáticos para um melhor aproveitamento educativo-musical dos participantes envolvidos. Entretanto, como o objetivo primordial da pesquisa não foi descobrir ou testar soluções, procurei manter a atenção voltada para o foco da pesquisa: as relações entre os aspectos biopsicossociais e a aprendizagem musical dos idosos. Ainda assim, devido à constante reflexão da práxis pedagógica inerente à atividade, algumas adequações didáticas realizadas em tempo também foram analisadas trazendo informações e conclusões importantes para a área de Educação Musical. No entanto, devido à limitação do tempo, as estratégias didático-musicais utilizadas neste contexto poderão ser mais estudadas, confrontadas e analisadas em oportunidades futuras de novos estudos.

As funções assumidas - de Educadora-Regente e Pesquisadora - exigiram atenção constante. Apesar do cansaço mental e físico provocado pelo desempenho da pesquisa concomitante à prática pedagógica, os resultados foram compensadores. O fato de ter raízes familiares no município e ter conquistado a confiança do grupo ao longo dos anos, provavelmente influenciou a colaboração das participantes e os resultados obtidos. Ao serem informadas sobre a pesquisa e *incentivadas* a participar da mesma, algumas coralistas, inicialmente, questionaram a aplicação das entrevistas (se referindo ao formulário). Salientei que essas *entrevistas* objetivavam conhecer melhor o grupo; que as informações obtidas seriam tratadas com discrição; e que os dados percebidos nas avaliações não promoveriam a exclusão das participantes. No geral, houve pouca resistência e a maioria participou com satisfação. Algumas senhoras até perguntavam: *quando vai ser a minha entrevista?* (referindo-se ao Formulário).

Esta participação das coralistas foi essencial porque além de fornecerem os dados solicitados no formulário, atenderam ao incentivo de utilizarem suas vozes não apenas para cantar, mas também para relatar as dificuldades e facilidades sentidas ao longo do processo. A princípio, o fato de querer entender os aspectos da velhice sem ser idosa causou-me certa inquietação. Russell (2007) aconselhou: “independente da faixa etária, [os idosos] são um objeto que você analisará. Você não precisa adivinhar; pode ouvi-los, ler suas expressões; pedir que eles falem como se sentem, como aprendem” (RUSSELL, 2007). Apesar das diferenças entre as nossas gerações, o diálogo e as conversas descontraídas possibilitaram o conhecimento de vários fatores até então desconhecidos. Esclarecimentos importantes foram revelados a partir do momento em que demonstrei um interesse sincero nas histórias pessoais e valorizei as contribuições e experiências das coralistas.

A função de pesquisadora assumida influenciou grandemente algumas de minhas concepções e atitudes em relação ao grupo e à prática educativa. Apesar de estar com o grupo há tanto tempo, eu não conhecia, até então, as histórias pessoais, muitas das dificuldades (e facilidades) sentidas nos ensaios e apresentações, os desejos e as motivações envolvidas. Ao procurar “estranhar o familiar”⁴, descobri nuances que apesar de tão nítidas, até então não havia percebido. Como exemplo, cito a *descoberta* de que as próteses dentárias afetam a execução vocal e praticamente todo o coral não as

⁴ Conceito antropológico.

tinha em boas condições. A ciência deste fato provocou a atitude de estimular as coralistas a resolverem esta situação procurando o serviço odontológico do município. É evidente que os papéis de Pesquisadora e de Educadora-Regente estiveram interligados, afetando-se e influenciando-se um ao outro. No entanto, a metodologia empregada e o uso de várias fontes de evidências, possibilitaram uma condução relativamente objetiva da pesquisa.

A validade do saber produzido depende da consciência de seus próprios valores por parte do pesquisador, sendo, em muitos casos, importante a busca de um controle da própria subjetividade em função de se imprimir uma maior objetividade na pesquisa (LAVILLE, 1999). Como essa objetividade almejada é relativa, e para uma maior credibilidade do trabalho, procurei refletir constantemente sobre a minha atuação como regente-educadora-pesquisadora. A colaboração da fonoaudióloga Leila Pitangueira Guedes Mazarakis⁵ também contribuiu nesse sentido. Mediante os relatos das coralistas nas avaliações em consultório e na observação de um ensaio, Leila afirmou que “os benefícios do canto-corais vão muito além dos ganhos laríngeos e de desempenho vocal. O aspecto bio-psico-social, num conceito amplo de saúde, é contemplado (...)”⁶.

Além disto, outros profissionais, tanto da área musical como de áreas afins envolvidas nesta pesquisa foram consultados durante a pesquisa e, no término da mesma, alguns foram solicitados a emitirem um parecer externo⁷ sobre o trabalho realizado através da dissertação e/ou do vídeo que foram disponibilizados. A Etnomusicóloga Mackely Ribeiro⁸ destacou o envolvimento da pesquisadora como um fator positivo. A Fonoaudióloga Joana Poubel salientou a seriedade buscada durante as etapas da pesquisa demonstradas no tratamento e apresentação dos dados e análises. Ambas as pareceristas apontaram a relevância do trabalho tanto na dimensão educativo musical como na psicossocial.

⁵ Fonoaudióloga da Prefeitura Municipal de Madre de Deus, BA – CRFa 8609-BA.

⁶ Vide parecer na íntegra no ANEXO G.

⁷ Vide os pareceres na íntegra no ANEXO G.

⁸ Já atuou como Educadora Musical de Idosos.

2.1 FONTES DE EVIDÊNCIAS (COLETA DE DADOS E INSTRUMENTOS)

2.1.1 Observação

As peculiaridades e aspectos do processo de ensino e aprendizagem eram anotados nos roteiros dos ensaios que funcionou com uma espécie de *Diário de Campo*. Esse roteiro foi formatado numa folha de papel A4 em duas colunas: a seqüência das atividades dispostas do lado esquerdo com respectivos comentários mais específicos sobre ajustes/adaptações metodológicas e os registros das dificuldades percebidas ao lado direito destas atividades propostas (APÊNDICE C).

Durante a aplicação das orientações didáticas, as dificuldades (e facilidades) do processo educativo foram percebidas e identificadas através da execução musical (indivíduos/grupo); de queixas verbais ou faciais; do silêncio ou passividade; e até mesmo de risadas aparentemente descontraídas, mas que serviam, por exemplo, para esconder dificuldades na execução de exercícios vocais. Além disso, incentivei constantemente as senhoras a externarem verbalmente qualquer desconforto tanto àqueles relacionados ao organismo como outros ligados ao repertório, bem-estar no grupo, satisfação pessoal, etc. Ao longo do processo, a prática de reclamar ou sugerir foi se tornando comum e alguns esclarecimentos foram possíveis a partir das opiniões das próprias coralistas.

A ordem sequenciada dessa fonte de evidência (observação direta) esteve assim disposta:

- a) Preparo da aula-ensaio e escrita do roteiro do ensaio/aula;
- b) Anotações dos fatos ocorridos e aspectos percebidos;
- c) Registro no banco de dados (no computador) de maneira mais detalhada com destaque, em negrito, para os aspectos envolvidos tanto com as dificuldades sentidas no processo bem como com as facilidades – isto é, aquelas atividades conseguidas sem esforço.

2.1.2 Formulário

A fim de reunir os dados individuais sobre as participantes do Coral Canto que Encanta, elaborei um formulário⁹ (APÊNDICE D) com questões abertas e fechadas no qual eu fazia a pergunta e anotava as respostas dadas, o mais integralmente possível (SILVA, 2001). Em caso de dúvida, eu lia a resposta escrita e a conferia com a respondente. Esse formato foi o mais apropriado para esse grupo, uma vez que evitou que as senhoras participantes passassem pelo constrangimento de não conseguir ler ou entender as perguntas devido a pouca escolaridade ou mesmo à falta de óculos adequados.

Este formulário é semelhante a um questionário, com cabeçalho e perguntas abertas e/ou fechadas (HILL, 2005), diferenciando-se deste mais pela maneira de aplicação do que pela forma como foi elaborado ou construído. Além dos dados relacionados à formação, experiências educacionais e musicais, preferências musicais, dificuldades percebidas no ato de cantar ou aprender elementos musicais e outros, este instrumento ainda continha uma avaliação musical individual¹⁰ tornando-o mais peculiar e adaptado às necessidades da pesquisa.

Inicialmente, planejei coletar os dados pessoais (como nome, endereço, idade, estado civil) nos arquivos cadastrais da Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedes) da Prefeitura Municipal de Madre de Deus (PMMD). Todavia, decidi perguntar diretamente às participantes porque esses dados mais gerais funcionavam como uma espécie de introdução ou aquecimento para a coleta dos dados posteriores, mais subjetivos ou pessoais. Apesar de conter perguntas fechadas, com uma ou mais opções de respostas, e perguntas abertas direcionadas ao interesse da pesquisa, estive flexível à espontaneidade das informantes, estimulando, com comentários ou perguntas, falas complementares¹¹ visando um maior esclarecimento, ou ainda, para tornar as conversas mais agradáveis e menos formais.

⁹ Formulário: é uma coleção de questões e anotadas por um entrevistador numa situação face a face com a outra pessoa (o informante).

¹⁰ Realizada pela regente-educadora-pesquisadora.

¹¹ Em adendos nos espaços em branco ou no verso da folha.

De março a dezembro de 2008, vinte e cinco senhoras participaram do preenchimento do formulário. Destas 25, duas deixaram de frequentar aos ensaios logo no início do processo e não foram avaliadas pela fonoaudióloga. Durante estas seções de preenchimento dos formulários, utilizei alguns recursos da História Oral (VERENA, 2005): a memória das participantes foi utilizada como matéria-prima valorizando-se, através do contato humano entre pesquisador e respondente, cada identidade inserida no contexto comunitário. Apesar de deixar as informantes falarem o quanto quisessem, em alguns momentos, utilizei perguntas ou comentários “de corte” (MEIHY, 2008, informação verbal) a fim de retornar para o roteiro do formulário. Apesar de ouvir e me interessar pela história de vida de cada senhora, procurei manter em mente o tema e o objetivo principal da pesquisa, estilo este semelhante ao da História Oral Temática.

2.1.3 Documentação

Para fins de credibilidade e veracidade da pesquisa, armazenei vários comprovantes de apresentações e ensaios bem como registros variados:

- a) Certificados de participação em Eventos (ANEXO A).
- b) Fotos de apresentações/ Recorte do *Jornal Madredeusense* (ANEXO B);
- c) Contribuição Multidisciplinar da Fonoaudióloga:

- Tabelas (ANEXO D) com os resultados das avaliações realizadas no Consultório do Programa de Saúde da Família (PSF-4), no bairro do Suape, em Madre de Deus, com 23 coralistas. A profissional utilizou uma ficha modelo com diversas questões e medidas (ANEXO C) e organizou os dados mais inerentes à minha pesquisa nas tabelas. Além disso, as reuniões e comunicação eletrônica foram úteis para o esclarecimento e discussão das análises realizadas.

- Relatório de Observação (ANEXO E): a Fonoaudióloga Leila P. G. Mazarakis¹² escreveu um relatório contendo suas observações do ensaio que participou, além das avaliações das coralistas no consultório.

- d) Carta de autorização de utilização dos dados, áudios e vídeos (APÊNDICE E);
- e) Carta de Agradecimento (APÊNDICE F) para as Coralistas e Fonoaudióloga;

¹² CRFa 8609–BA, PSF 1.

2.1.4 Registros

a) Frequência com nomes e telefones;

b) Gravação em vídeo: ao longo da pesquisa, foram gravados cinco ensaios e quatro apresentações públicas; destes, selecionei trechos relevantes editando-os em um filme, anexo em DVD (v. APÊNDICE G – Roteiro do Filme).

RESUMO DA COLETA DE DADOS

FONTES DE EVIDÊNCIA	INSTRUMENTOS DE COLETA
Observação	Notas nos roteiros de ensaio
Entrevistas	Formulário
Documentação	Convites Certificados Recortes de Jornal Relatórios da Fonoaudióloga Ofícios
Registros	Lista de Frequência Gravações

Quadro 1 - Resumo da Coleta de Dados

2.2 ANÁLISES

Esta pesquisa, de características descritivas e analíticas, num segundo momento, se aproxima daquilo que Laville (1999) chamou de “Investigação Aplicada”, pois, partindo-se da teoria para a prática, retorna-se àquela a fim de inferir contestações, confirmações e possíveis contribuições. Isto é, após uma revisão bibliográfica sobre o tema *educação musical de idosos* e correlatos (educação de idosos, sociologia e psicologia

da velhice e outros) em artigos, teses, livros, foram analisadas as possíveis correspondências destes materiais escritos com os dados observados em minha prática pedagógica.

Muito embora tenham sido coletados dados quantitativos e expostos em gráficos, tais serviram para exemplificar as análises, descrições, perfis e outros, o que não modifica o caráter essencialmente qualitativo da pesquisa. Como a faixa etária idosa possui variabilidade alta de características entre seus indivíduos, evitei fazer médias e generalizações numéricas, pois esta atitude camuflaria aspectos importantes que buscava conhecer para compreender.

O conteúdo das respostas abertas do formulário, das ocorrências durante as aulas (registradas nos planos e roteiros de aulas) e gravações foi analisado, primeiramente, a partir das repetições encontradas e significados similares entre as respostas. No entanto, as falas diferenciadas também foram consideradas importantes na elucidação dos assuntos discutidos. Por questões de ética da pesquisa, a identidade das participantes coralistas ficou relativamente preservada através da substituição de seus nomes próprios por nomes fictícios, sendo preservadas as idades reais. Os dados coletados sobre o perfil do grupo foram organizados em tabelas (ANEXO F) ordenados seguindo o critério de idade crescente (da mais nova para a mais idosa). A Fonoaudióloga Leila também dispôs suas avaliações em tabelas (ANEXO D), organizando, entretanto, os nomes das coralistas em ordem alfabética (estes nomes também foram substituídos por nomes fictícios).

3 CANTO QUE ENCANTA: CONTEXTO

Nesse capítulo, discorro sobre o contexto de vida das coralistas informando sobre a história (e geografia) do município de Madre de Deus e do Coral Canto que Encanta. O perfil do grupo-coral é traçado a partir das informações coletadas nos formulários (ANEXO F) e as características dos ensaios são detalhadas a fim de que o processo vivenciado seja compreendido.

3.1 O MUNICÍPIO DE MADRE DE DEUS

Madre de Deus é uma cidade-ilha da Baía de todos os Santos ligada ao continente por uma ponte. Localizada a 63 km de Salvador, capital baiana, é composta pelas outras ilhas de Maria Guarda, das Vacas e Coroa do Capeta. Com aproximadamente 11 km² de área e mais de 13.000 habitantes, a cidade tem um clima úmido e a temperatura média é de 25°C. Suas paisagens variadas, apesar da ocupação da Petrobrás, na década de 50, ainda demonstram a riqueza dos ecossistemas de Mata Atlântica, restingas e manguezais (MADRE, 2008).



Figura 1 - Mapa da Localização de Madre de Deus-BA

Fonte: Disponível em: <<http://maps.google.com.br/maps>>. Acesso em: 13 out. 2008.

Os primeiros habitantes da ilha foram os índios antropófagos Tupinambás que a chamavam de Cururupeba, nome de um cacique da ilha que após resistir às diversas

tentativas de invasões, finalmente foi levado preso para Salvador sob ordens do então Governador-Geral do Brasil Mem de Sá. Esta ocupação desencadeou a miscigenação entre os europeus brancos, seus escravos negros e os indígenas. Posteriormente, a ilha foi doada aos jesuítas que em decorrência de sua expulsão do Brasil, dividiu-a em quatro partes vendendo-a às famílias de Epitáfio Queiroz, José Reis, Tomas Martins e Baltazar de Teve Argolo (HISTÓRIA, 2008). Durante a colonização tornou-se ponto de apoio às embarcações, pois estava na metade do caminho entre as usinas de açúcar e a capital. No início deste século foi ponto de veraneio da classe média de Salvador até o surgimento da atividade petrolífera na década de 50, que mudou o perfil do município (MADRE, 2008b).

As atuais idosas do Coral Canto que Encanta vivenciaram as grandes mudanças acontecidas em Madre de Deus. Na infância, conviveram com a ausência de infraestrutura básica ao lado de uma paisagem virgem que tinha a pesca como o principal meio de sobrevivência¹³. Na juventude, acompanharam construção da Petrobrás¹⁴ que com seus dutos subterrâneos e externos modificaram completamente a paisagem, além de contribuir para o aumento da população. Com o desmembramento de Salvador em 1989, os serviços básicos oferecidos à população foram implantados ou melhorados graças aos impostos arrecadados através da atividade petrolífera na região que, apesar de impactar o ambiente também contribui positivamente nestes 19 anos de emancipação política.

Minha história de vida se liga à história das coralistas. Meu pai veio transferido do Rio de Janeiro numa empresa que participou das construções da Petrobrás em Madre de Deus, na década de 70. Conheceu minha mãe na cidade e casaram-se. Meu avô materno era nativo da ilha de Maria Guarda e minha avó materna nascida na Fazenda Periquara na região de São Francisco do Conde, município vizinho. Moraram em Madre de Deus na Rua Orlando Portela e tiveram 10 filhos. Várias coralistas conheceram meus avós e toda a família e a consideração demonstrada por eles se estendeu a mim. Esse

¹³ A maioria afirma ter pescado ou mariscado para alimentar-se e ajudar a família. Várias se aposentaram como pescadoras ou marisqueiras.

¹⁴ Petróleo Brasileiro S/A.

fato é valioso principalmente em Madre de Deus onde existe uma desconfiança e até rejeição com *forasteiros*¹⁵.

3.2 O CORAL CANTO QUE ENCANTA

O Coral Canto que Encanta começou suas atividades há dez anos quando algumas senhoras demonstraram o desejo de formar um grupo vocal para participar dos festejos natalinos do município de Madre de Deus. A então coordenadora do Grupo Viver Melhor¹⁶, Adeline Dias, apoiou a idéia e procurou um profissional de música na Coordenação de Cultura (COCULT) da cidade. Eu era professora de Flauta Doce e Teclado na COCULT e a então coordenadora Débora Araújo sugeriu que eu ensaiasse o grupo para *cantar no Natal* que seria no mês seguinte, em dezembro de 1998. Ensaíamos três músicas que foram apresentadas em cima de um palanque para uma multidão de pessoas vibrantes com a novidade. Após este evento, as coralistas e as coordenadoras solicitaram a continuidade das atividades e, assim, aceitei o desafio de ensaiar o Coral. No início, os ensaios eram realizados numa sala da COCULT, no centro de Madre de Deus. Todavia, com a construção do Centro de Convivência na Secretaria de Desenvolvimento Social - Sedes, o Coral passou a se reunir neste local, próximo à praia, um pouco mais distante do centro da cidade e da moradia da maioria das coralistas.

3.3 PERFIL DO GRUPO

3.3.1 Dados Gerais

No primeiro semestre deste ano, 28 coralistas estavam inscritas. Das vinte e cinco que participaram do preenchimento do formulário (APÊNDICE C), apenas três não são naturais da região metropolitana de Salvador: 14 são madredeusenses e oito de municípios vizinhos, estando na cidade há, pelo menos, 30 anos. Apenas uma senhora é natural de um município baiano fora do recôncavo, mas já está em Madre de Deus há 42

¹⁵ Denominação muito utilizada pelas pessoas no município para designar quem não é nascido na cidade.

¹⁶ Grupo formado pelos idosos do município sob o apoio da Sedes – Secretaria de Desenvolvimento Social da PMMD.

anos; e outras duas são de outros estados do Nordeste: uma nasceu em Maceió e já está em Madre de Deus há 26 anos e a outra nasceu no Ceará morando em Madre de Deus há 11 anos. Todas as participantes pertencem à mesma geração uma vez que a idade no grupo varia de 57 a 79 anos o que, ao lado da naturalidade, leva-me a pensar que as influências recebidas do ambiente natural, cultural e social foram muito semelhantes para quase todas elas.

Se fosse seguir o sistema de categorização de Bernice Nergarten (1974-75) citado por BEE (1995), muito utilizado pelos gerontólogos, as 23 coralistas com idade até 75 anos seriam *jovens idosas* e apenas duas seriam *idosas velhas* (78 e 79 anos). Não sei até que ponto essa categorização pode servir de auxílio, uma vez que essas duas idosas estão muito próximas, em idade e capacidade, ao outro subgrupo. Zoraide (78), por exemplo, tem uma voz agravada, mas Jandira (66), com menos idade também tem. Bela (79), apesar das queixas de cansaço respiratório tem uma voz aguda e canta afinado, apesar da idade mais avançada. Ambas as senhoras têm uma boa saúde em geral, são autônomas e independentes, tendo dependentes (filhos, netos e bisnetos) sob seus cuidados. Sobre as questões vocais, vale salientar que alguns problemas podem estar relacionados às disfonias anteriores, sendo agravadas pela velhice e não desencadeadas a partir desta.

O número de participantes do Coral sempre variou entre 20 a 30 participantes. Apesar de não ser um coral só para mulheres, a presença masculina é raríssima nesse grupo. Durante todos esses anos, apenas o Sr. Monteiro frequentou os ensaios de maneira regular e embora fosse criticado e mesmo ridicularizado por vizinhos porque *usava vestido para cantar* (a beca), só deixou de participar das atividades devido à necessidade (e oportunidade) de trabalhar novamente. Muitas das senhoras afirmam convidar os maridos, parentes e amigos homens a cantarem no coral, mas as evasivas são constantes ao que elas justificam: “depois de velhos, só querem jogar dominó”¹⁷. Percebi que nos dois eventos do Encoti (2007 e 2008), a presença masculina também é rara e poucos corais dispõem de algumas poucas vozes masculinas. Esse fato talvez seja um reflexo do fenômeno mundial da femininização da população idosa e que, no Brasil, é bastante intenso, haja vista que, em média, as mulheres vivem oito anos mais que os homens (BRASIL, 2002). Além disso, homens e mulheres, em geral, possuem algumas

¹⁷ Jogo de Tabuleiro. Aliás, basta caminhar pela cidade para encontrar vários exemplos desta justificativa.

concepções diferenciadas sobre a vida e, na velhice, estas concepções também são refletidas nos hábitos e atitudes.

No Coral Canto que Encanta, 11 mulheres são casadas, oito viúvas, cinco separadas ou divorciadas e uma solteira.



Gráfico 1 - Estado civil

Vinte e duas coralistas cursaram o Ensino Fundamental 1 (parcial e imparcialmente), uma cursou algumas séries posteriores e duas são *formadas*¹⁸ (completaram o Ensino Médio).

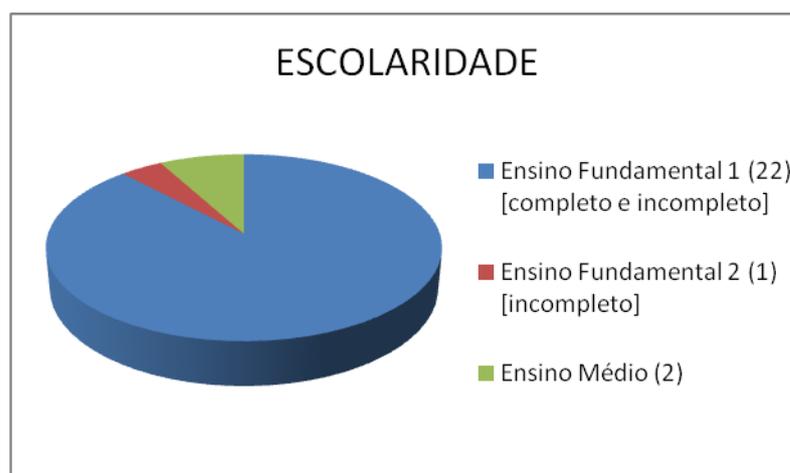


Gráfico 2 - Escolaridade

As mulheres do Canto que Encanta relataram os impedimentos sofridos em sua formação devido às questões de gênero e situação econômica. A educação básica

¹⁸ Termo utilizado pelas coralistas.

pública oferecida no município consistia no Ensino Primário¹⁹ e existia forte preconceito contra a mulher que estudava ou mesmo trabalhava fora. Algumas senhoras citaram o ditado que ouviam em sua juventude: “Mulher não pode aprender a ler e escrever para não mandar carta para o namorado”. Assim, as atividades domésticas e os trabalhos manuais eram o aprendizado estimulado na sociedade de então. O desejo acalentado de estudar é expresso na fala de várias corralistas: “Naquela época era muito difícil, pró. A gente tinha que ajudar os pais, depois, a gente tinha que criar os filhos e ajudar o marido”.

Em algumas histórias, a situação complicou-se com o abandono do companheiro e a responsabilidade de criar, sozinha, os filhos, com pouco ou nenhum estudo em ocupações e atividades que geravam pouca renda (ANEXO F, Tabela 1). Uma demonstração de realização dessas senhoras fica evidente quando afirmam que conseguiram criar os filhos com dignidade e que todos são trabalhadores e honestos como relata Tânia: “Meus filhos são loucos por mim. Fui uma supermãe. Sábado tava todo mundo aqui em casa.” (Tânia, 72 anos). Além de cuidarem da própria residência, muitas ainda ajudam os filhos tanto financeiramente como apoiando no que podem como, por exemplo, no cuidado dos netos enquanto os filhos trabalham. Quinze senhoras são aposentadas e/ou recebem pensão do INSS; as demais (dez) dependem dos maridos ou fazem atividades variadas para sobreviver.



Gráfico 3 - Situação Econômica

O perfil do Coral em Madre de Deus encontra consonância no perfil dos idosos do Brasil onde grande parte das mulheres também é viúva, vive só, não tem experiência

¹⁹ Equivalente ao atual Ensino Fundamental 1.

de trabalho no mercado formal e são menos educadas (CAMARANO *apud* BRASIL, 2002). Ao lado da dificuldade financeira, também existem visões mais favoráveis sobre a velhice feminina: “para as idosas de hoje tanto a velhice quanto a viuvez podem representar uma certa independência ou mesmo uma forma de realização” (DEBERT *apud* BRASIL, 2002).

3.3.2 Aspectos Fisiológicos: autoavaliação e avaliação fonoaudiológica

Essa seção apresenta as análises das auto-avaliações das coralistas nos Formulários (APÊNDICE C) e alguns dos resultados das avaliações em consultório realizadas pela fonoaudióloga (ver 2.6.3, alínea c). Fiz algumas comparações entre os resultados e aproveitei alguns dados. No entanto, as tabelas fornecidas pela profissional estão dispostas na íntegra a fim de, provavelmente, ser utilizada em futuras pesquisas (ANEXO D).

O envelhecimento é um processo natural que impacta todo o organismo. Embora as funções mentais e corporais estejam ligadas intrinsecamente, procurei coletar, informações específicas sobre alguns órgãos e funções mais diretamente relacionados à execução vocal e aprendizagem musical na atividade do canto-coral: a voz, a audição, a respiração, a memória e a visão. Durante a pesquisa, percebi a relevância da situação da cavidade bucal no ato de cantar e, nesta seção, apenas apresento resultados referentes às próteses dentárias.²⁰ Como algumas pessoas do grupo sempre demonstraram dificuldades em realizar movimentos coreográficos, decidi investigar se as causas dessas dificuldades seriam fisiológicas ou decorrentes de doenças (v. Gráfico 9). Além das contribuições da fonoaudióloga ao longo desta seção, acrescentei comentários gerais sobre as principais doenças que afligem o grupo de idosas do Canto que Encanta.

²⁰ Esse entendimento foi se desenvolvendo gradativamente, ao longo da pesquisa. A dificuldade na deglutição, a flacidez da língua e outros, também foram percebidos como fatores impactantes no trabalho com o coral.

a) Voz

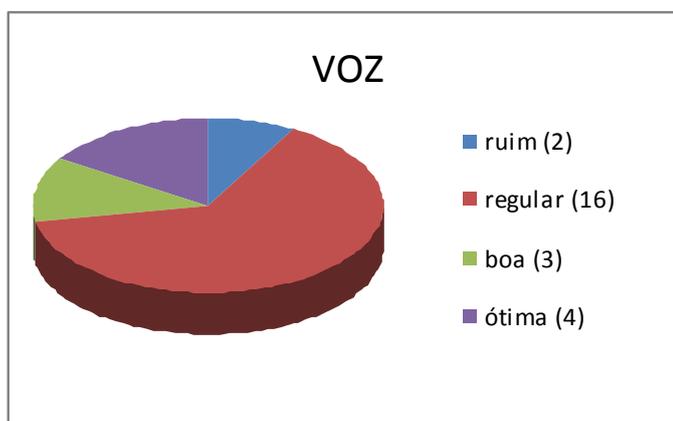


Gráfico 4 - Autoavaliação da voz.

Apenas quatro senhoras disseram que a voz está *ótima como antes*: – Verônica (59 anos), Alzira (62), Heloísa (71) e Eliana (73). Quando solicitadas a classificarem a própria voz, todas compararam a voz do presente com a voz em anos anteriores. Algumas senhoras comentaram que, de uns anos para cá, a voz está ficando *grossa* ou *falhando e engasgando*. Embora algumas coralistas tenham demonstrado certo constrangimento em avaliar a própria voz (*não sei, pró, a senhora que tem que dizer*), apenas Eliana persistiu em não fazê-lo. Mesmo assim, comentou: “não sinto diferença, sempre cantei alto”, ao que interpretei como *continuo com uma ótima voz*. Na avaliação Da Fonoaudióloga Leila, todas as coralistas têm alguma alteração vocal ainda que discreta ou moderada: rouquidões, asperezas, bitonalidade, soprosidades e flutuações²¹ estão presentes tanto nas vozes de senhoras mais jovens como na das mais idosas.

²¹ Bitonalidade: dois sons ao mesmo tempo enquanto se fala; flutuações: instabilidade na intensidade da voz; soprosidade: voz emitida com o ruído de ar.

b) Audição

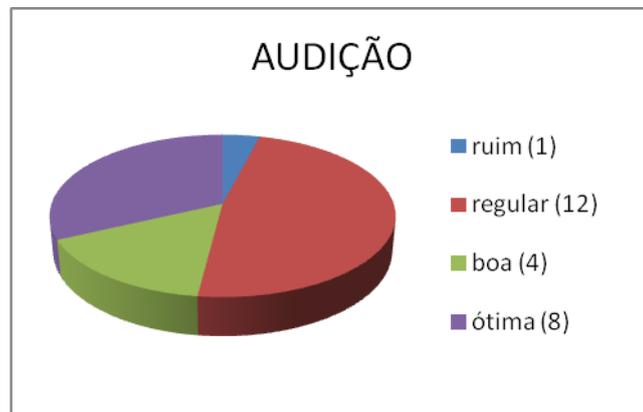


Gráfico 5 - Autoavaliação da audição.

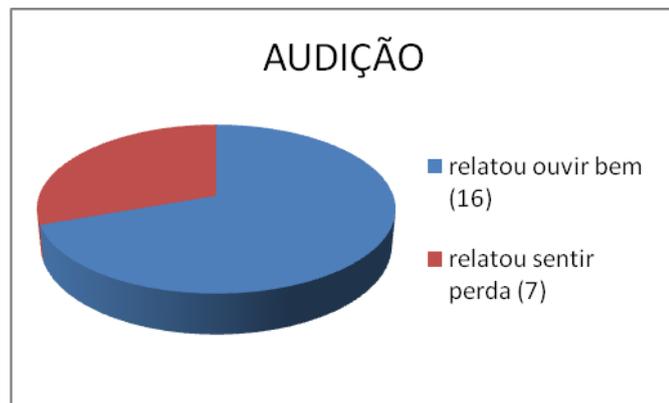


Gráfico 6 - Autoavaliação (Fonoaudióloga).

Durante o preenchimento do formulário, apenas duas coralistas (Marília, 63 anos; Alzira, 62) relataram sofrer com problemas de zumbidos no ouvido. No consultório, Leila considerou apenas o *zumbido* relatado por Valquíria porque as demais que relataram já terem sofrido de problemas relacionados ao labirinto e a zumbidos, disseram estar tratadas e medicadas, e, portanto, assintomáticas (MAZARAKIS, 2008). Bela (78) relatou já ter sofrido problemas auditivos devido a excesso de cerume, mas que o problema já foi solucionado. Os depoimentos - *não ouço bem; não entendo direito o que as pessoas falam* - e a comprovação de perda auditiva, mediante exame médico de algumas coralistas, talvez justifiquem a classificação *regular* dada por 12 senhoras. A soma (12) das avaliações boa (4) e ótima (8), entretanto, revela resultados mais positivos que, no coral, fazem diferença na compensação das perdas auditivas do grupo como um todo.

Comparando os gráficos, não há correspondência entre os resultados, mesmo considerando o fato de que as opções de resposta foram diferentes. No consultório, só havia duas opções de escolha (ouve bem x sente perda) e o resultado oferecido por Leila mostra que aproximadamente um terço das coralistas sente perda auditiva. Na auto-avaliação (Formulário), ao contrário, a soma do resultado (12) das opções *boa* e *ótima* é igual ao da opção *regular* (12), demonstrando que nesta situação, mais senhoras (praticamente a metade) não se consideraram com uma boa audição. Talvez estes resultados tenham sido diferentes porque algumas perdas auditivas são recentes ou estão em fases iniciais, o que pode ter feito com que algumas coralistas tenham relatado *ouvir bem* para a Fonoaudióloga e classificar sua audição como *regular* no preenchimento do formulário. Vale ressaltar que a auto-percepção é subjetiva e uma avaliação médica mais específica poderia apontar os desvios do padrão da normalidade.

c) Respiração



Gráfico 7 - Autoavaliação da respiração.

A opinião da Fonoaudióloga Leila (“elas estão bem de respiração”) quando participou de um ensaio, está, em geral, de acordo com a auto-avaliação das coralistas. Apenas Custódia (55), Luana (61) e Jandira (66) acreditam ter uma respiração ruim; a soma (14) das que julgam ter uma boa (8) e ótima (6) respiração supera as que se classificaram com uma respiração regular (8). Entretanto, na avaliação *individual*, em consultório, Leila verificou que apenas três coralistas possuem uma boa coordenação

pneumofônica²² porque “há pessoas com boa respiração que não coordenam bem a fala” (MAZARAKIS, 2008). Este fato salienta que deve ser dispensada uma atenção constante tanto durante os exercícios de respiração, como durante o canto.

No grupo, existe grande variação entre os Tempos Máximos de Fonação – TMF²³, independente da idade das coralistas (ANEXO D). Leila (2008) afirma que “no canto, eles [TMF] mostram a possibilidade de sustentação e prolongamento de notas, aumento da quantidade de emissões por ar inspirado e diminuição das pausas de respiração entre estrofes e versos” (MAZARAKIS, 2008). Entre as coralistas, apenas cinco senhoras alcançaram índices dentro do considerado normal - de 18 a 20. Vale ressaltar que esse padrão de medida é utilizado para indivíduos em geral, não sendo específico para a faixa etária idosa, nem considerando, portanto, as especificidades da velhice.

d) Próteses Dentárias

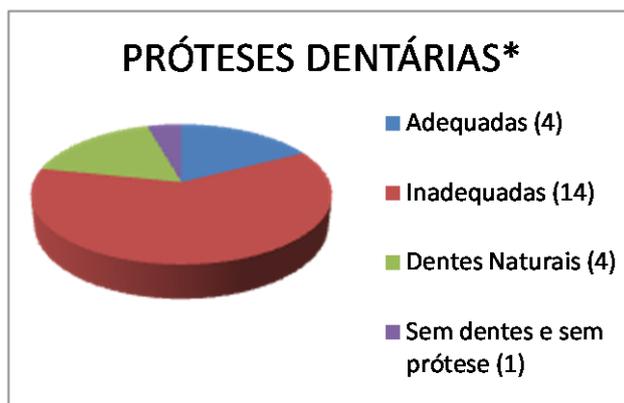


Gráfico 8 - Situação das próteses dentárias

Fonte: Avaliação da Fonoaudióloga²⁴

Como se vê, a quantidade de coralistas com a emissão vocal prejudicada por próteses parciais ou totais inadequadas é considerável (14). Apenas quatro senhoras usam próteses que não estão atrapalhando a fonação. Quatro senhoras não usam próteses, pois possuem os dentes naturais, embora com ausências de alguns dentes e

²² Coordenação Pneumofônica é a coordenação entre respiração e emissão vocal.

²³ O TMF ajuda a perceber a resistência, a qualidade e a capacidade fônicas. O considerado normal é de 18 a 20.

²⁴ Vale lembrar que foram avaliadas 23 coralistas pela Fonoaudióloga.

desgastes que também causam dificuldades na fonação. Apesar dessa carência²⁵, até o momento dessa pesquisa de mestrado, eu não percebera as influências negativas das arcadas dentárias inapropriadas, quer com próteses inadequadas, quer com os dentes naturais incompletos. Apenas neste ano, durante o aquecimento vocal, percebi que as idosas apresentavam dificuldades na execução dos exercícios, principalmente naqueles que acionam a língua e os dentes. Leila afirma que “a maioria tem articulação travada ou indiferenciada²⁶ pelo uso de próteses dentárias mal adaptadas”. Estas próteses inadequadas também colaboram para a pouca abertura bucal da maioria das coralistas, o que é um fato gerador de tensão na emissão vocal das mesmas.

Apesar de considerar que as coralistas juntas possuem um bom timbre e emissão vocal no canto, segundo MAZARAKIS (2008) “a produção vocal poderia melhorar sensivelmente com a utilização de próteses dentárias adequadas”.

e) Visão



Gráfico 9 - Situação dos óculos
(*Foram consideradas 22 respostas)²⁷

Como a visão é um dos sentidos que logo começam a envelhecer ou desde a infância pode apresentar problemas, em vez de perguntar como estava a visão das

²⁵ Neste ano, foi inaugurado o Centro Odontológico do Município o que permitirá a resolução deste problema, uma vez que estas idosas têm poucas condições financeiras. Algumas já afirmaram ter procurado o atendimento, após as informações obtidas durante essa pesquisa.

²⁶ Indiferenciada: articulação que dificulta a diferenciação dos sons dos fonemas durante a fala.

²⁷ Não foi possível atualizar os dados de Adélia, Nalva e Ivana porque deixaram de frequentar os ensaios. A pergunta, inicialmente utilizada (*usa óculos?*), foi mudada (*para os óculos estão adequados?*).

idosas, passei a perguntar como estavam as lentes corretivas. Doze senhoras estão com os óculos adequados, apesar de Jurema e Luíza já terem encomendado os novos óculos; oito estão com os óculos em dia e Zoraide (78 anos) não usa óculos!

f) Memória

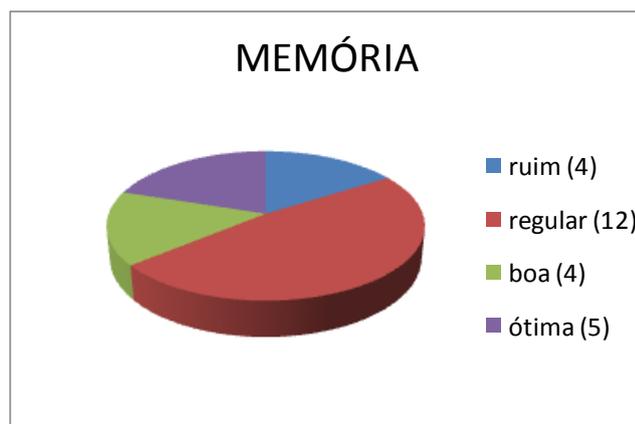


Gráfico 10 - Autoavaliação da memória

Doze senhoras avaliaram a memória como *regular* e apenas três como *ruim* (Léa, 60 anos; Leandra, 69 e Valquíria, 72). A soma (09) das que se classificaram com uma boa (04) e ótima (05) memória ainda fica abaixo das que se declararam *esquecidas*, o que é preocupante, pois a memória de trabalho e a memória recente são constantemente requeridas na aprendizagem musical. Algumas citaram que “às vezes, não lembram onde botam as coisas...”. Alzira contou que estava procurando uma tesoura e ficou surpresa ao encontrá-la na geladeira. É importante ressaltar que pessoas jovens também cometem atos semelhantes quando estão sob pressão ou acúmulo de atividades. Léa e Valquíria têm sofrido problemas familiares e Alzira disse que está de *cabeça quente* devido a problemas financeiros... Assim, não apenas à velhice devem ser atribuídas todas as falhas da memória.

g) Movimentos dos Membros

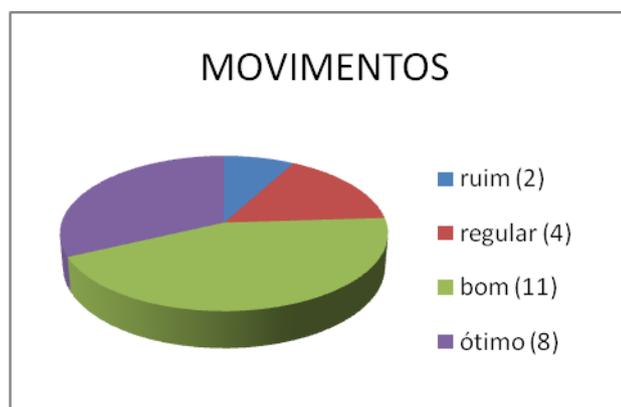


Gráfico 11 - Autoavaliação dos movimentos dos membros

Ao responder bom ou ótimo, a maioria das participantes associava estes conceitos à própria autonomia e independência nas atividades do cotidiano. Mesmo algumas senhoras que possuem algum problema osteomioarticular²⁸, relataram que *fazem tudo sozinhas*.

h) Doenças

As doenças que mais fazem parte do universo deste grupo são a pressão alta (citada por dez pessoas) e problemas reumatológicos como artrose, artrite, bursite (citados por 11 pessoas). Gastrite (três pessoas), labirintite (três pessoas), diabetes (duas pessoas) e má circulação (duas pessoas) também foram citadas.

²⁸ Como artrose, artrite, coluna, etc.

3.3.3 Experiência Musical

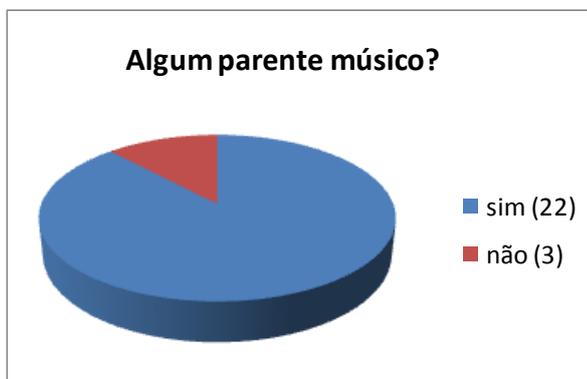


Gráfico 12 - Influência musical familiar

A maioria (22) do coral afirmou ter ou ter tido algum parente músico (pai, tios, primos). Desta maioria, apenas duas senhoras não se referiram a parentes consangüíneos (Tânia citou o marido e Zeny, o filho). Além de tios, pai e primos músicos, algumas senhoras citaram que filhos e netos participam em bandas locais. Apenas duas senhoras comentaram ou lembraram que a mãe *cantava muito...* Alguns desses parentes fizeram parte da filarmônica Lira Oito de Dezembro (que era “rival” da filarmônica Minemosine). Dos instrumentos de Banda Filarmônica, trombone, clarinete, prato, fuzileiro foram os comentados. Dentre os instrumentos tocados por parentes, o violão foi o mais citado, havendo também citações de cavaquinho, sanfona, viola e piano.



Gráfico 13 - Gostaria de tocar um instrumento?

A maioria das senhoras (18) acalentou (ou ainda acalentam) o desejo de aprender a tocar um instrumento musical. Dentre estes, o mais citado foi o violão, seguido pelo piano, flauta doce e acordeon; o violino e o saxofone foram citados uma

única vez. O ambiente familiar pode ter influenciado nos gostos e preferências musicais uma vez que o violão foi o instrumento que muitas senhoras disseram ter vontade de aprender e coincidentemente, é também o mais citado na lista dos instrumentos tocados por parentes.

As músicas religiosas, populares e folclóricas foram os estilos ouvidos na infância e juventude. Assim, entendi porque ofereceram tanta resistência em aprender *Baby Can I hold*: esse tipo de repertório nunca fizera parte da vivência musical delas. Essas classificações de estilos musicais são simples e as utilizei apenas para tomar conhecimento, de uma forma geral, do ambiente musical e repertório dessas senhoras. Passei a utilizar termos substitutos para que as entrevistadas entendessem melhor as opções de resposta. Quando eu falava *religiosa*, também dizia *de igreja*; para explicar *popular* eu usava *de rádio*; para exemplificar *folclórica*, eu falava *de roda*. Aparentemente estes termos substitutos ajudaram na comunicação porque quando eu perguntava com o termo *original* colocado, elas ficavam com um ar de desentendimento... Quando passei a falar os novos termos, elas respondiam com mais entendimento.

A maioria comentou que as músicas de antigamente tinham a letra mais bonita e que as de hoje só tem *palavrão* e *descaração*²⁹. Apenas uma senhora considerou que “está tudo igual” e duas comentaram que as músicas de hoje tem mais instrumentos e são mais rápidas. O Coral Canto que Encanta é o primeiro coral ou atividade musical orientada de catorze 15 coralistas; nove afirmaram já ter participado em um coral de igreja católica anteriormente (na infância ou na vida adulta); e uma senhora afirmou cantar em corais evangélicos e seculares, desde criança. Para definir ou explicar *o que é Música*, as informantes usaram as palavras (ou sinônimos destas): *alegria, distração, descontração, algo que melhora o humor, liberta, faz viajar, acalenta*. Como se percebe, as respostas refletem um entendimento da capacidade terapêutica que a música tem sobre as emoções. Apenas quatro pessoas disseram que *a música é arte e profissão* e *saudade*; e uma senhora disse que não sabia. As respostas da maioria do coral demonstram um dos interesses (quem sabe o principal) das coralistas: cantar para espantar os males... (v. também Vídeo anexo, seção Depoimentos).

²⁹ Algumas até fizeram referência aos estilos pagode, funk e arrocha (nascido na região), que são muito ouvidos na comunidade atualmente.

3.3.4 Sobre o Coral

Esta seção do questionário coletou os dados sobre as opiniões e motivações das participantes em relação às atividades do coral.



Gráfico 14 - Por que está no Coral?

*Embora a perguntas tenham oferecido escolha de classificação (1º, 2º, etc) em (três) dos casos, foram marcadas mais de uma resposta sem classificação (algumas não atribuíram grau de importância) e uma considerou *Gosta de Cantar* como primeira opção marcando outras opções. Assim, agrupei estas quatro respostas em *Gosta de Cantar e outra opção* (4º item do gráfico).

A maioria das senhoras afirma que a principal motivação de participarem do coral é porque *gostam de cantar*. Somando-se o primeiro (6) e o terceiro (9) itens do gráfico percebe-se que 16 entre as 25 entrevistadas demonstram o ato de cantar como prioridade. Apenas três pessoas revelam um interesse social como prioridade (*encontrar as colegas*), muito embora esse interesse também esteja presente como segunda opção para algumas pessoas (6). Em todos os casos, inclusive aqueles que não atribuíram prioridades às respostas, *gostar de cantar*, foi esteve sempre presente.

Quanto ao estilo de música que mais gostam de cantar e ouvir (questões 2 e 3), as opções *internacional* e *outra* não foram marcadas por ninguém. No entanto, surgiu outra opção para atender a algumas respostas: *Todas as alternativas* ou *tudo* referindo-se às três primeiras opções: religiosa, popular, roda. Considerando as primeiras opções, os resultados foram:



Gráfico 15 - Preferência musical para ouvir



Gráfico 16 - Preferência musical para cantar

Vale ressaltar, que no segundo gráfico, a opção *de rádio* aparece como segunda opção na escolha de três pessoas que escolheram a música *de igreja* como a que mais gosta de cantar. Como se vê, as informantes gostam mais de ouvir música religiosa do que de cantá-las. Curiosamente, apesar de participarem e cantarem animadas em brincadeiras de roda realizadas em alguns ensaios nesse semestre, as senhoras, no geral, não citam a música folclórica ou *de roda* como uma preferência, nem para ouvir, nem para cantar. Apenas uma pessoa declarou essa modalidade *para ouvir* e outra *para cantar* como segunda opção.

Sobre as dificuldades sentidas nos ensaios (questão 4), as respostas não foram ordenadas em grau de importância (1º, 2º, etc). Algumas pessoas responderam uma opção e outras escolheram mais de uma opção de resposta. Assim, somei todas as repetições.

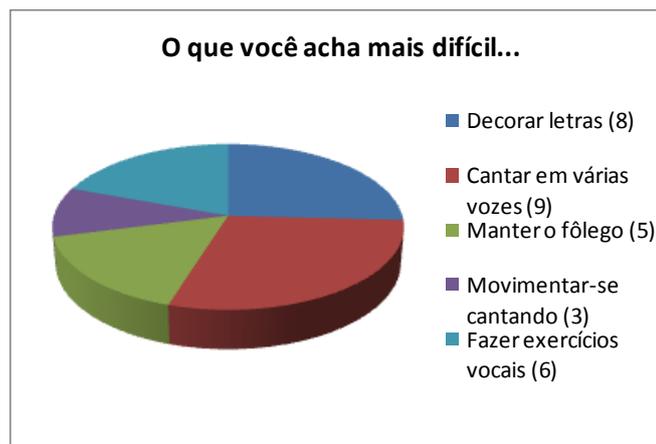


Gráfico 17 - Dificuldades nos ensaios

Apesar de a grande maioria estar com as próteses desatualizadas, só algumas senhoras relataram que estas atrapalham no aquecimento vocal. Uma pessoa afirmou ter dificuldade em seguir o comando (regência) da professora e duas pessoas disseram não sentir dificuldades. Alzira, por exemplo, salientou: “(...) apenas me distraio e cometo uns deslizos” (Alzira, 62 anos). Algumas senhoras que embora eu tenha percebido que conseguiam manter a própria voz (quando da execução de duas ou mais vozes conjuntas) disseram sentir dificuldade em *cantar em várias vozes*. Ninguém disse ter dificuldades em cantar afinado, mas Jandira disse que sente dificuldades em cantar *fino* porque sua voz já está *grossa* (talvez seja por isso que às vezes desafina) e no geral, ela sempre canta uma oitava abaixo que as demais coralistas. A memória precisa ser mais trabalhada, uma vez que é amplamente requisitada tanto para decorar as letras como para cantar a duas ou mais vozes. Apesar das dificuldades respiratórias citadas (*manter o fôlego*), em geral as coralistas possuem uma boa respiração, necessitando apenas de uma maior concentração e intenção na *economia do ar* durante as execuções musicais.

Embora a sugestão de que *as colegas precisam prestar mais atenção* (comentada por cinco pessoas) reflita uma insatisfação com o comportamento do grupo, todas as coralistas afirmaram estar satisfeitas com a metodologia dos ensaios. Diante da pergunta *como você gostaria que fossem os ensaios* os comentários foram reveladores: “Como está. Não tenho que mandar nisso.”(Eliana, 73 anos). “Como é. O comando é da professora. A gente não tem que gostar ou não gostar” (Heloísa, 71 anos). Opinando sobre a professora, Jandira falou: “Pra mim é ótima. Tanto faz dá carão ou não. A senhora

é a professora, ta aqui pra isso. Se chamar minha atenção não vou achar ruim”. (Jandira, 66 anos)

Essas falas refletem características da pedagogia tradicional onde o professor concentra as decisões e é o principal (ou único) detentor do conhecimento (ARANHA, 2004). Apesar de algumas senhoras demonstrarem (pelo menos na fala) conformação com essa postura de ensino, nos primeiros anos das atividades do coral, alguns conflitos aconteceram devido, entre outros motivos, à minha inexperiência com a faixa etária e maneira *tradicional* de conduzir o grupo. Diante da descontração de Tânia (72 anos) aproveitei a oportunidade para explorar e aprofundar o *assunto* (da atuação da professora) em um diálogo interessante:

MICHAL: Fale sobre a professora.

TÂNIA (72 anos): No começo, eu achava você muito chata. Você era muito abusada. Falava com a gente brava quando alteava um pouco a voz. Eu me sentia Mal. Eu queria sair, mas as colegas não deixaram: “você vai se acostumar com o jeito dela” – disseram.

MICHAL: E você se acostumou?

TÂNIA: Já acostumei.

MICHAL: Mas eu estou do mesmo jeito?

TÂNIA: Não, você melhorou cem por cento. Está mais calma, fala com mais jeito.

MICHAL: E o que está faltando em mim?

TÂNIA: Mais nada. Tudo que tinha pra fazer por nós, já fez!

MICHAL: Agora que comecei! Agora que estou estudando vocês...

TÂNIA: Você está estudando a gente agora, mas eu já estudei você há muito tempo... (estalou os dedos várias vezes).

Fica evidenciado pela fala desta senhora, que durante uma década, ela acompanhou (e vivenciou!) algumas das mudanças pessoais e profissionais pelas quais passei e que impactaram minhas atitudes e postura enquanto Educadora-Regente no Coral. Outras coralistas veteranas também compararam minha atuação presente com a do passado:

No princípio jogou duro. Muito duro. Eu não sabia se era porque era nova ou porque não tinha lidado ainda com idosos. Mas agora está ótima. Está boa. De vez em quando dá uns carõezinhos, mas é assim mesmo. Todo mundo tem erro. Todo mundo erra. (Zoraide, 78 anos)

Luíza também comentou: “(...) Eu não tenho o que falar de você. Você começou como uma menina e agora mudou. Podia ser mais severa um pouco.” (Luíza, 66 anos). Eu

comentei que quando era *severa*, no início do Coral, elas também não gostavam. Ao que ela declarou: “A gente reclamava porque tinha que reclamar de alguma coisa”. (Luíza, 66 anos). As reclamações aconteciam (ou acontecem), principalmente quando era proposto algo fora do costume do grupo: exercícios vocais, músicas novas, por exemplo. Heloísa comentou algo que faz referência a estas situações: “[a professora] é muito ótima. Tem paciência demais com a gente porque aqui tem muita velha pior do que eu, chatas, tudo falam. Tudo acha ruim. A senhora não fala nada demais, é tudo bom pra gente”. (Heloísa, 71 anos).

As palavras mais utilizadas pela maioria do grupo para qualificar a professora foram *ótima* e *paciente*. Apenas duas senhoras sugeriram que a professora deveria ser *mais severa* (Luíza, acima) ou *mais enérgica*: “[a professora] é ótima. Tem que ser mais enérgica. Chamar mais a atenção de cada um, inclusive a minha”. (Eliana, 73 anos). Ainda sobre a atuação da professora, Verônica emitiu uma opinião que revelou sua percepção sobre o interesse da professora na educação musical das participantes: “Excelente. Domina a turma com sabedoria. Tem tentado passar o próprio objetivo – ver a turma cantar bonito. Se fosse antipática, não ficava ninguém aqui”. (Verônica, 59 anos)

Outras três coralistas abordaram o comportamento afetivo da Eduadora-Regente para com as componentes do grupo: (...) Uma pessoa legal. Amiga mesmo. Prende a gente. Cativa porque é uma pessoa alegre (Valquíria, 72 anos). “Especial. Você não tem distinção de ninguém aqui. Trata todas igual. Dá atenção a todas. Abraça todas. A mesma atenção que dá a uma, dá a todas” (Alzira, 62 anos). A última pergunta formulada - *Gostaria de falar algo que não perguntei?* - se tornou desnecessária, já que as respondentes ficaram à vontade para falar ou dizer o que quisessem no momento que desejassem.

3.3.5 Avaliação Musical

a) Procedimentos

A avaliação Musical foi preenchida³⁰ por mim a partir das execuções e respostas das coralistas aos itens solicitados (APÊNDICE C). As participantes foram

³⁰ No último item do formulário (APÊNDICE C).

avisadas sobre o caráter diagnóstico deste procedimento que pretendia apenas recolher informações sobre suas capacidades musicais e não promover uma seleção a partir dos resultados desta avaliação. Apesar de já ser a Educadora-Regente do Coral, pretendia, com esta avaliação, conhecer mais profundamente as habilidades individuais no grupo e, além disso, perceber as mudanças vocais das participantes. Através das questões da última seção do formulário procurei identificar os dados referentes à voz, afinação, regularidade rítmica, percepção, expressão musical e corporal. O instrumento musical utilizado foi um teclado eletrônico com timbre de piano.

Na maioria dos casos, segui a ordem das seções do formulário como estão dispostas. Em alguns casos, entretanto, aproveitei algumas oportunidades e inverti essa ordem para um melhor aproveitamento das falas que aconteciam espontaneamente. Todas as participantes relataram que a avaliação musical não foi difícil e a maioria realmente esteve à vontade durante sua aplicação. Estas avaliações foram individuais, aplicadas com a presença apenas da professora e da aluna. Em alguns casos, entretanto, duas ou três coralistas estavam em um canto extremo da sala durante a avaliação, o que não incomodou algumas senhoras, mas acredito que perturbou um pouco a outras. Assim, evitei tal situação novamente orientando a quem estivesse na sala a esperar o início do ensaio em outra sala. Das 25 coralistas que participaram do preenchimento dos formulários, apenas Verônica não foi avaliada musicalmente de maneira formal, devido a imprevistos ocorridos. Entretanto, suas habilidades musicais foram observadas durante os ensaios e apresentações.

b) Classificação Vocal e Extensão

Tendo o conhecimento prévio de que não é fácil realizar uma classificação vocal em um único momento, procurei apenas registrar a primeira impressão sobre a altura e extensão vocais das idosas. Apesar de chamar esse item de *classificação vocal*, saliento que possui apenas uma validade relativa.

Através de um vocalise³¹, de 25 avaliadas, apenas três foram classificadas como contralto – e ainda assim, estas senhoras afirmaram que a voz começou a agravar há alguns anos e que suas vozes eram *finas*. No caso de Joelma (64), posso comprovar

³¹ Em sequências ascendentes e descendentes mudando-se o tom cromaticamente.

que isso é verdade, uma vez que é fundadora do coral e pude perceber essa mudança vocal. Dona Zoraide (78), quando entrou no coral há dez anos, já apresentava mudanças vocais (alternância na voz cantada entre as regiões aguda e grave). Assim, apesar de estarem com as vozes graves, não poderiam ser classificadas como contralto porque para acompanhar as músicas e o tom das colegas, elas cantam, geralmente uma oitava abaixo da melodia (geralmente cantada pelo naipe do soprano). Dona Jandira, inclusive, afirmou ter dificuldade em acompanhar o tom *fino* das colegas - ela geralmente canta uma oitava baixo e em vários momentos, desafina. Na avaliação, não consegui classificar sua voz.

Durante os anos anteriores, por várias vezes, separei algumas senhoras que tinham facilidade para cantar na voz de contralto sem confundir-se com a melodia do soprano. Entretanto, essa não era uma tarefa fácil. Como exemplo: depois de ter ensaiado por vários meses a versão em português da canção natalina *Pinheirinhos que alegria...*³² a duas vozes (soprano e contralto), inclusive ensinando as duas vozes para os dois napes, o grupo cantou em uníssono na apresentação pública. Além da tensão ou nervoso, o desconforto vocal também pode ter interferido, uma vez que algumas destas senhoras relataram, em algumas situações, neste ano, que preferem *cantar fino*. Assim, os arranjos vocais que priorizam o soprano e o 1º soprano, em vez de soprano e contralto, têm sido absorvidos com maior naturalidade pelo grupo. A Fonoaudióloga Leila, no relatório do ensaio que participou (ANEXO E) registrou esta percepção: “Encerrado o aquecimento vocal, o grupo iniciou o treino de algumas músicas. No grupo, percebi relativa carência de vozes graves e de sustentação aquelas presentes”. (Fonoaudióloga Leila, Relatório de Observação de Ensaio, 10º parágrafo.)

Além dessa facilidade devido ao tom de voz mais agudo do grupo, muitas das rezas de santos e cantos populares possuem uma formação semelhante: a chamada primeira voz (melodia) e segunda voz (tenor ou 1º soprano), o que facilita a aprendizagem porque *está no ouvido*, isto é, faz parte do ambiente musical e cultural das coralistas.

Quanto à extensão vocal, a maioria das senhoras alcançou, com brilho e sem muito esforço, em torno de uma oitava e meia a mais. Zoraide e Bela (78 e 79) apresentaram uma extensão de uma oitava a menos, mas duas senhoras mais jovens

³² Melodia Gauleza; versão em português de França Campos, 1950.

(60! 64 e 70) também estão com a extensão bem reduzida, enquanto que senhoras com a mesma idade (70 em diante) possuem uma voz brilhante até em regiões agudas (Sol 4, Lá 4). Um fato curioso é que muitas destas senhoras apesar de possuírem uma voz com maior brilho na região média e aguda, também alcançam sem dificuldade, a região em torno do Fá 2 do piano, o que pode denotar a tendência ao agravamento da voz feminina na velhice.

Durante o vocalize, percebi que poucas senhoras ficavam inseguras. Nestes casos de insegurança, eu ajudava um pouco, cantando baixinho, ou dando apenas as entradas, ou regendo com os olhos, incentivando-as. Em alguns casos, pedi que cantassem *como se fosse se apresentando para outras pessoas* a fim de estimular a expressão musical e corporal. Ainda assim, estas expressões não foram tão *expressivas* na maioria das situações.

c) Habilidades Musicais (afinação, ritmo, percepção, expressividade)

Após o vocalise, a participante era orientada a cantar uma música de sua própria escolha. Eu tentava encontrar o campo tonal em que tiravam essas canções, não o conseguindo em uma situação. Confirmando os estilos vivenciados na juventude, já registrados na seção 2 do formulário, as senhoras cantaram canções tradicionais, religiosas e populares (sucessos radiofônicos de Orlando Dias, Waldick Soriano, Bide/Maçal e outros). Apenas Léa não se lembrou de nenhuma música no momento em que foi solicitada, justificando estar de *cabeça quente* devido a problemas familiares.

As canções infantis *Marcha Soldado*, *Atirei o pau no gato*, *Cai, cai balão*, e a música *Luar do Sertão* (apenas em uma situação) foram utilizadas para avaliar a percepção, a afinação e a regularidade rítmica. A percepção musical das coralistas foi analisada em relação ao reconhecimento de repertório: eu tocava a melodia com acompanhamento e elas diziam qual era a música. Praticamente todas as senhoras reconheceram as melodias, cantando-as com a letra. Apenas Custódia não identificou e Ivana disse conhecer a melodia, mas não se lembrou da letra. A partir de então, tocava a mesma canção nos tons de Fá Maior e Ré Maior para as coralistas cantarem sozinhas, com o acompanhamento. Neste momento, as coralistas eram orientadas a começarem, após uma introdução, quando *percebessem* o tempo musical mais adequado para tanto.

Sete senhoras (Custódia, Elisabete, Jandira, Luíza, Leandra, Luana e Eliana) não esperaram a introdução começando antes ou depois da mesma.

Apenas três senhoras não cantaram afinadas: Jandira, que sempre teve dificuldades com afinação e canta uma oitava abaixo das demais desde o início do coral, há dez anos; e Luíza e Custódia, que normalmente cantam afinadas, mas demonstraram ansiedade, provavelmente devido a algumas colegas estarem na sala no momento do teste. Assim seria melhor repetir sem a presença de terceiros. Antes da avaliação, quando eu perguntei se as colegas no canto atrapalhariam, elas disseram que não, mas o que percebi foi justamente o contrário. Custódia, por exemplo, foi a única coralista que realizou um teste bem negativo, uma vez que cantou insegura (praticamente recitando), sem regularidade e sem afinação. Ao perguntar se ela estava temerosa ou se ficava preocupada com a opinião de quem a ouvia, respondeu: “Tenho medo de errar porque os outros ficam falando” (Custódia, 57 anos).

Desta maneira, marcamos uma nova avaliação, mais reservada (só eu e ela) e o seu desempenho foi melhor do que anteriormente: apesar do ritmo continuar irregular, apresentou uma maior extensão vocal, cantou afinado e com uma expressão sorridente e prazerosa. Quando cantava junto com ela, a voz ficava mais firme e a execução menos insegura (ANEXO F). Embora Luíza também tenha se mostrado ansiosa durante a avaliação, seus resultados só demonstraram problemas em relação à regularidade que comprovei, igualmente, em outras situações (ensaios) não necessitando, a meu ver, repetir a avaliação novamente.

Somente quatro coralistas não mantiveram um pulso regular (Custódia, Valquíria, Léa e Zeny). Quanto à expressão musical, algumas cantaram toda a canção sem variação (Forte ou Fraco), mas algumas imprimiram um *crescendo*, *diminuindo* ou *rallentando* à interpretação musical.

3.4 PERFIL DAS AULAS-ENSAIO

Nesta seção, apresento como acontecia a prática pedagógica - as atividades, reflexões pedagógicas e consequentes mudanças e ajustes. Vale lembrar que a prática pedagógica foi constantemente influenciada pela prática da pesquisa e apesar desta característica estar evidenciada algumas vezes, o objetivo principal neste momento é descrever os ensaios-aulas do grupo.

O planejamento das atividades do coral para o 1º semestre foi realizado conjuntamente com Adelice Dias, coordenadora do grupo de idosos do município. Adelice possui vasta experiência com a faixa-etária, conhece individualmente as participantes, além de possuir refinada sensibilidade quanto à importância da Educação Musical na vida do ser humano. Ao informa-se sobre a pesquisa de mestrado que seria realizada, acreditou que a participação das idosas seria de suma importância para elas, para a *ciência* e para a comunidade como um todo. Adelice, ressaltando sua opinião sobre a importância da dimensão social da atividade, salientou: “Não penso em um *coral de profissionais*, mas em um *coral de pessoas felizes*. (Adelice Dias, Coordenadora na Sedes/ PMMD).

No Canto que Encanta, procurei promover a Educação musical através das atividades realizadas nos ensaios e apresentações da atividade de canto-coral. Utilizei etapas iniciais propostas pelo Método Willems³³, canções e vocalizes de Thelma Chan, brincadeiras folclóricas (APÊNDICE A) todas no intuito de contribuir com a execução das músicas do repertório, além da constante conscientização sobre a preservação da memória, adequada utilização da voz e outros aspectos importantes para quem está vivenciando o processo do envelhecimento.

As idosas foram inscritas na atividade de Canto-Coral no momento que passaram a frequentar os ensaios, sem testes classificatórios ou seleção. No entanto, aproveitei o formulário da pesquisa para verificar alguns dos aspectos pessoais, fisiológicos, psicossociais e musicais das coralistas, o que colaborou para uma melhor compreensão do grupo e, provavelmente, para uma prática mais coerente e condizente com a realidade do mesmo. Os ensaios aconteceram às terças-feiras e quintas-feiras de 15:00 às 16:30 no Centro de Convivência na Secretaria de Desenvolvimento Social do município. Apesar de um ônibus ter sido solicitado para transportar as senhoras que residem mais longe da sede dos ensaios, o mesmo só passou a fazer o roteiro no fim do mês de outubro.

A Mostra de Talentos³⁴, sugerida pela Coord. Adelice Dias deveria acontecer no último ensaio de cada mês, acompanhada de uma festa para todos os idosos da comunidade que quisessem participar. Entretanto, os meses foram passando e a

³³ Como batimentos livres ou no pulso, melodia, dobro; movimento sonoro, etc.

³⁴ Consistiria na apresentação musical de três idosas voluntárias cantando músicas de livre escolha.

proposta não tomou forma prática – ficou apenas no papel. Seguindo sugestões de algumas coralistas, decidi fazer algo mais restrito, mas com a mesma finalidade: a de promover a desinibição e a descontração das coralistas. Surgiu o “Solo de Estrela”: com caixa de som, microfone e uma senhora bem disposta a cantar sozinha e encantar a todas as colegas do coral. Como toda novidade, às vezes ficou esquecida, depois retomada, num processo ainda de implantação de atividade nova e recente.

3.4.1 Roteiro de Atividades

No período de Março a Junho (primeiro semestre), as aulas eram iniciadas com um aquecimento social, musical, corporal utilizando pequenas canções, cânones e atividades de musicalização, continuando e terminando com as músicas do repertório. Sempre procurei fazer música desde o início do ensaio com diferentes finalidades, quer como meio (integração, socialização, distração) quer como fim (técnica musical, repertório). O roteiro a seguir foi esquematizado, a princípio, embora seguido com flexibilidade:

- 15’ Integração (uma por semana);
- 20’ Musicalização (se possível, com partes já do repertório);
- 40’ Repertório;
- 15’ Encerramento - relaxamento e avisos.

Essas partes dos ensaios nem sempre foram divididas estritamente como no roteiro. Algumas atividades musicais, por exemplo, também aqueciam socialmente o grupo como as brincadeiras de roda³⁵ e a canção *Boa tarde* (cf. Vídeo, seção Ensaios). A imitação de sons da natureza com sons vocais e palmas, além de promover a musicalização, possibilitava o aquecimento inicial das pregas vocais. Na execução vocal de *O mar estava sereno* que explora as articulações e emissões das diferentes vogais, o *pau-de-chuva* foi passado de mão em mão para que as coralistas experimentassem a produção sonora dele. Fiz uma brincadeira com elas para adivinharem se as músicas (folclóricas e do repertório antigo do coral) que eu tocava no teclado eram em tom maior ou menor. As oportunidades de promover a percepção musical eram sempre aproveitadas e os jogos, rodas, brincadeiras, travalínguas e canções (APÊNDICE A), tanto

³⁵ Como: *Periquito Maracanã, Abre a Roda, Tava na peneira* (APÊNDICE A)

serviam para desenvolver o ritmo e aquecer a voz como descontraía e integrava o grupo (cf. Vídeo, seções Ensaio e Extras).

Depois do recesso junino de duas semanas, as aulas retornaram com algumas modificações a partir da avaliação das atividades realizadas no primeiro semestre. Comecei a promover uma maior *movimentação entre as músicas*, isto é, a mescla de atividades de movimento com aquelas mais paradas a fim de dinamizar as aulas uma vez que, numa filmagem, o ensaio transpareceu enfadonho com as coralistas cantando com o semblante fechado, encostadas na cadeira e com ar de cansaço. Para tanto, também mudei as cadeiras de braço (carteiras) por cadeiras plásticas brancas a fim de evitar as posturas inadequadas – fato sinalizado pela Fonoaudióloga Leila e também percebido por mim na filmagem (cf. Vídeo, Ensaios e Extras).

O roteiro das aulas foi dividido em apenas duas partes - Aquecimento (com atividades de musicalização, preparação vocal, brincadeiras, etc.) e Repertório - a fim de ficar mais concernente com o que estava acontecendo, de maneira orgânica, na prática (APÊNDICE D). Passei a utilizar o material de Thelma Chan para o aquecimento corporal e vocal já que é disponibilizado também em *play-back*, o que permitiu minha circulação pela sala ajudando individualmente as coralistas. Levantei mais vezes do teclado para ouvir as vozes mais de perto e acompanhar mais os exercícios. Um exemplo dos resultados desta mudança de movimento foi a percepção de que a metade da turma tinha dificuldade em executar o exercício de aquecimento sem altura³⁶ o que possibilitou a sugestão de exercícios substitutos e o estímulo para a atualização das próteses dentárias.

Após a orientação de Leila sobre a importância do *desaquecimento* vocal, comecei a tentar introduzi-lo nos ensaios, esquecendo-o por muitas vezes. Procurei fazer esse desaquecimento vocal e senti que o processo ficava mais completo com início, meio e fim. No entanto, essa atividade precisará ser aprimorada uma vez que foi um conhecimento novo para mim, a educadora (v. Vídeo, seção Extras). Mudei novamente o modelo de roteiro dos ensaios acrescentando o Desaquecimento (APÊNDICE D), mas nem sempre o aplicava, quer por esquecimento, falta de hábito ou falta de tempo.

³⁶ Com vibrações linguodentais (*crrrrrrru*).

3.4.2 Apresentações e Avaliação

No primeiro dia de ensaio (04/03/2008) o coral recebeu o convite para uma apresentação extraordinária na semana santa. A coordenadora aceitou o convite para cantar na programação da ONG Navegar já no dia 18 de março. Foram ensaiadas e apresentadas músicas evangélicas e católicas (APÊNDICE B). As músicas foram bem executadas, mas devido ao pouco tempo de ensaio, provavelmente, a apresentação não transpareceu segurança. Após este momento, pensei que poderíamos ter executado a seqüência ensaiada duas vezes seguidas, numa espécie de ensaio aberto ou apresentação pública, já que as pessoas ainda estavam chegando e havia tempo na programação para tanto. Essa primeira apresentação, logo após o período de recesso (dois meses), teve uma qualidade bem superior a que foi realizada no ano anterior após um período de recesso maior (seis meses)³⁷.

Preparamos um repertório para a participação na festa do aniversário da cidade (13/06/2008) na qual sempre nos apresentamos. No entanto, neste ano, por motivos desconhecidos, não fomos convidadas o que desagradou o grupo sobremaneira. Depois do recesso junino (de 15 dias) as atividades retornaram com apenas um ensaio e em seguida a apresentação na festa do aniversário da prefeita Eranita de Brito (15 de julho) que oportunizou a apresentação pública das músicas ensaiadas desde o início do semestre. Devido aos transtornos provocados pelo partido de oposição - que, fundamentados na lei eleitoral, pretendia cancelar a candidatura da prefeita caso a festa fosse realizada na rua - o coral não cantou no palco armado na rua, mas na sala da residência da aniversariante, com pessoas apinhadas, cantando as músicas conhecidas, junto com o coral. No geral, apesar desses inconvenientes, foi importante o coral ter se apresentado já que a próxima apresentação seria no Encoti e o grupo pôde *ensaiar* o auto-controle das emoções vividas num *palco*.

O XVIII Encontro de Corais de Terceira Idade da Bahia – Encoti - foi realizado em Setembro. No Encoti Pararelo, a Casa do Aposentado – CAP - organizou os corais para cantarem em escolas de Salvador, promovendo palestras sobre os direitos dos idosos. O Canto que Encanta foi sorteado para participar na escola Nossa Senhora das

³⁷ Conforme percebido na audição de uma gravação em fita K-7.

Mercês³⁸. Coincidentemente, esta escola é composta só de meninas. O coral apresentou uma programação variada sobre os direitos dos idosos interagindo com a platéia através da canção tradicional *Eu era assim* e outras músicas do repertório (APÊNDICE B). Foi um momento de encontro de gerações que, ao final, rendeu abraços carinhosos entre as crianças e as idosas. Neste Encoti de 2008, como a organização do evento solicitara que os Corais difundissem o Estatuto do Idoso nas escolas de Salvador, elaborei pequenas peças sobre o assunto para torná-lo atrativo e de fácil assimilação pelas crianças. Pela primeira vez, aproveitei o interesse das coralistas por atividades dessa natureza, uma vez que muitas delas já participaram e participam em manifestações populares.

O Encoti que reuniu todos os corais convidados aconteceu em 16 de setembro, no teatro do ISBA. Apenas 13 senhoras do Canto que Encanta puderam estar presentes e em consequência disto, a apresentação foi boa, mas sem muita intensidade ou volume (cf. Vídeo, Apresentações). Apesar de concordar com a coordenadora Adelize e com a Fonoaudióloga Leila quando comentaram que o volume estivera fraco, justifiquei o fato, a fim de não causar desmotivação nas coralistas, lembrando que *12 pessoas não poderiam cantar como se fossem 24!* (comparando com o Encoti anterior que contara com o dobro de participantes). A Fonoaudióloga Leila acompanhou as senhoras até Salvador e, embora não tenha conseguido realizar um aquecimento vocal devido ao barulho do transporte, orientou que bebessem água constantemente a fim de hidratar as pregas vocais. Ao nos encontrarmos, em frente ao teatro, Leila comentou: “Elas vieram muito felizes no ônibus!!! (Leila Mazarakis, Fonoaudióloga). Quando entramos no teatro, orientei um aquecimento descontraído e o músico Marcos³⁹, convidado para acompanhar o grupo com um pandeiro, comentou com ar de surpresa: “Elas são muito afinadas. Foram musicalizadas por você, professora? (Marcos dos Santos, graduando em Licenciatura em Música). Este comentário denota que alguns resultados do processo de musicalização iniciado já são perceptíveis, o que incentiva a continuidade do trabalho. Neste momento, percebi a importância da perseverança ao longo dos anos de vivência musical e convivência social com este grupo.

³⁸ No bairro dos Barris, em Salvador, em 04 de setembro.

³⁹ Na época desse evento, eu estava realizando o Tirocínio Orientado na turma de Iniciação Musical da Escola de Música da UFBA. Marcos era um dos graduandos, que demonstrou interesse no trabalho com idosos.

No ensaio posterior a este evento, as coralistas opinaram sobre a apresentação do grupo e a dos outros corais: “Eu achei bom. Adorei. Apesar de dizerem por aí que foi baixo. Sou mais o nosso [coral]. Melhor cantar baixinho do que esganado” (Jurema, 67 anos, grifo meu). Heloísa também comentou: “Tava bom. Achei que devia [o coral] ter ficado mais na frente [referindo-se ao espaço físico]. Eu vi cada caída [nos outros corais]... Se fosse a pró, queria ver. A gente canta forte, mas com a voz educada”. (Heloísa, 71 anos)

As duas senhoras defendem a opinião de que o próprio coral foi *melhor* do que os demais. Heloísa demonstra ter percebido que o Coral não se posicionou bem no palco, ficando afastado da platéia, o que penso, aliás, também pode ter contribuído para o *baixo volume*. Elisabete considerou que *todos* os uniformes estavam lindos, valorizando as diferenças⁴⁰: “Gostei. As roupas de todo mundo... lindas” (Elisabete, 58 anos). Bela demonstrou alegria ao perceber o *impacto* provocado pela vestimenta do próprio coral: “Ouvi duas de outro coral comentando que só o coral de Madre de Deus tinha beca [sorrindo]” (Bela, 79 anos). As senhoras do Canto que Encanta sempre demonstraram prazer em vestir a beca e, neste ano, as reclamações foram constantes sobre a falta de uniforme novo há alguns anos.

Duas senhoras revelaram o incômodo diante das críticas recebidas após a apresentação: “Eu gostei, mas minha mão tava suada que o confete⁴¹ grudou na mão. E as que vão acompanhando em vez de falar bem, ficam criticando” (Lucivone, 57 anos). Custódia disse: “Gostei. Só não gostei porque estavam criticando nosso Coral” (Custódia, 57 anos). Ambas as coralistas se referiram a algumas senhoras do Grupo de Terceira Idade que não fazem do Coral e acompanharam o grupo neste evento. Diante do comentário delas, outra coralista rebateu: “A crítica é bom para a gente melhorar. Gostei dos Corais, gostei ainda mais do nosso [falou com empolgação e todas aplaudiram]” (Luíza, 66 anos). Estas falas revelam que apesar de perceberem as próprias falhas, as coralistas não se fixam nestas, valorizando os aspectos positivos do evento e da apresentação. Embora Luíza tenha salientado que a crítica serve para *melhorar*, a maioria demonstra não apreciar estas situações.

No fim do primeiro semestre, antes do recesso, fizemos uma confraternização onde o tema *Todos são importantes* relacionava-se aos ingredientes do bolo que

⁴⁰ Os outros corais estavam vestidos com conjuntos de calça e bata; calça e blusa; vestidos.

⁴¹ O confete foi utilizado na música *Sua Amizade* para representar a chuva.

inclusive partilhamos ao final do ensaio. Este momento foi acolhedor e importante devendo ser repetido em mais ocasiões.

Os pontos não tão positivos ou carentes de melhora, no primeiro semestre, seriam as poucas apresentações e a falta de recursos solicitados para atender o grupo: um teclado⁴², transporte para as senhoras, CD's para treino em casa, pastas-catálogo, uniformes novos (camisas e as tão sonhadas becas...). No segundo semestre, o transporte passou a fazer um roteiro pela cidade, apanhando as senhoras e conduzindo-as ao Centro de Convivência para os ensaios. No entanto, ao contrário do que eu esperava, esse fato não melhorou os índices de frequência das faltosas. Entretanto, melhorou as condições motivacionais daquelas que já eram assíduas (v. Vídeo, seção Depoimentos)⁴³. Não é fácil atravessar a cidade a pé, às 14:00 da tarde, com uma temperatura de 30° ou debaixo de chuva. O serviço prestado pelo ônibus da prefeitura promoveu uma melhor condição de locomoção para essas idosas, além de fazê-las sentir-se valorizadas por este tratamento, aliás, muito merecido.

As aulas na segunda etapa, de julho a início de outubro, estiveram focalizadas no Encoti que se realizou em Setembro. A princípio, pensei em organizar um Musical para comemorar o 10º aniversário do Coral Canto que Encanta. Elaborei uma história-tema⁴⁴ que agradou as coralistas sobremaneira e até ensaiamos algumas músicas desse provável repertório, mas, devido à falta de tempo necessário, adiamos esta realização, preferindo priorizar o Encoti. Os exercícios vocais e atividades novas escolhidas para o segundo semestre, trouxeram maior dinamismo aos ensaios. Entretanto, as atividades de dinâmica de grupo foram pouco realizadas – temas relacionados à união do grupo, valorização das individualidades e diversidade deveriam ser mais aplicados a fim de promover o desenvolvimento individual e o amadurecimento do grupo como um todo.

De outubro a dezembro, o Coral ensaiou o repertório natalino (APÊNDICE B) e apresentou-se em Salvador (Shopping Center Barra) e em Madre de Deus (no Presépio da Praça Principal e na ONG Navegar). Das três apresentações realizadas, a do Shopping Barra foi a que contou com o maior número de coralistas: 16 (v. Vídeo, Apresentações).

⁴² O teclado usado nas apresentações e ensaios me pertencia. Como não seria possível transportá-lo todas as vezes, fiquei sem o instrumento em casa.

⁴³ Comentário de Aidil (nome real): “(...) agora que tem ônibus...”.

⁴⁴ Enredo: uma menina que sonha ser cantora, mas não recebe apoio da família; casa-se, continua sonhando e cantando enquanto cozinha, lava, cuida de todos, mas ainda sem receber incentivo algum. Na vida madura, consegue realizar o desejo ao cantar no famoso “Coral Canto que Encanta”.

Embora muitas coralistas não tenham comparecido nas duas últimas apresentações, na ONG Navegar e no Presépio⁴⁵, as poucas que se apresentaram demonstraram ter absorvido o aprendizado através de uma boa execução musical. Neste ano, o desenvolvimento individual foi mais contemplado durante as atividades grupais o que possibilitou o crescimento das participantes.

3.4.3 Frequência 2008.1

Para cômputo das presenças nesta etapa, foram analisados os dados na lista de frequência a partir de 13 de março de 2008 até o recesso junino (19 de junho de 2008), totalizando 21 ensaios⁴⁶. Não considerei as faltas dos três primeiros ensaios (no mês de março de 2008) porque as atividades estavam começando e as idosas retornaram aos poucos. Na maioria dos ensaios, havia de 14 a 16 coralistas presentes. Os ensaios mais frequentados (apenas quatro) tiveram entre 17 a 19 participantes e os menos frequentados tiveram entre dez a 13 participantes. Não houve influência dos dias da semana (se terça ou quinta) sobre a frequência do grupo. De **28 coralistas inscritas**, 20, aproximadamente, frequentaram os ensaios, ainda que de maneira irregular (com várias faltas). No gráfico abaixo, lê-se a informação de que apenas 32% das coralistas (ou nove pessoas), foram bem assíduas tendo faltado no máximo seis vezes; 43% das coralistas, um pouco menos da metade do coral, faltou até 13 vezes aos ensaios; e 25% estiveram presentes apenas em alguns ensaios.

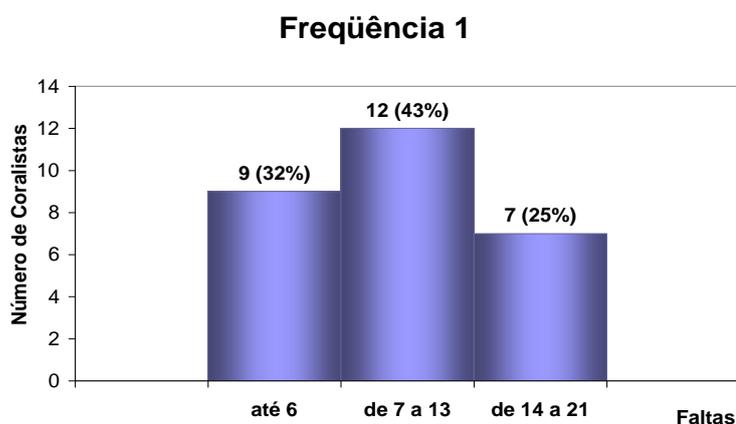


Gráfico 18 - Frequência de março a julho

⁴⁵ Na ONG Navegar, oito coralistas se apresentaram e, no Presépio, 12.

⁴⁶ A apresentação realizada na ONG Navegar, na Semana Santa, foi após um ensaio, no mesmo dia.

Mesmo entre as mais assíduas (ou menos faltosas), a margem de faltas é considerável. Isso significa que aproximadamente a metade do coral só frequentou a metade dos ensaios. As sete senhoras que não foram assíduas durante o período⁴⁷, justificaram que suas ausências foram decorrentes de problemas de saúde próprios (cinco senhoras) e às doenças de cônjuge ou filhos (três). Dentre essas senhoras, apenas duas passaram a frequentar regularmente logo no semestre seguinte; duas retornaram somente no fim do ano (novembro); e duas continuaram ausentes. Infelizmente, uma destas coralistas faleceu.

Dentre os motivos gerais que tomei conhecimento, os relacionados à saúde foram os mais relatados: 15 ocorrências de viroses, consultas, exames, terapias, membro fraturado; seguidos de auxílios a parentes (sete) e problemas familiares diversos (quatro). Outros eventos como a construção ou reforma da residência, viagens e *reza de santo* também foram citados.

3.4.4 Frequência 2008.2a

No 2º semestre, durante o período analisado (de 08 de julho a 30 de setembro), aconteceram **24 encontros – 21 ensaios e três apresentações**⁴⁸. Foram computadas as presenças ou faltas de **19 coralistas**. O valor máximo de faltas (16) foi mais baixo que o do período anterior (21) porque algumas senhoras não retornaram nessa etapa e, além disso, não foram consideradas as frequências daquelas senhoras que só puderam participaram de um a três ensaios.

O ensaio menos frequentado teve cinco coralistas e os mais frequentados, 18 coralistas (duas vezes). A variabilidade de presenças de um ensaio para outro continuou alta (como no primeiro semestre) e também não percebi relevância quanto ao dia da semana (terça ou quinta) sobre a frequência do grupo.

⁴⁷ Frequentando apenas de três a seis aulas.

⁴⁸ Aniversário da prefeita (Madre de Deus), Encoti Paralelo na Escola do Salete e o Encoti no Teatro do ISBA (Salvador).

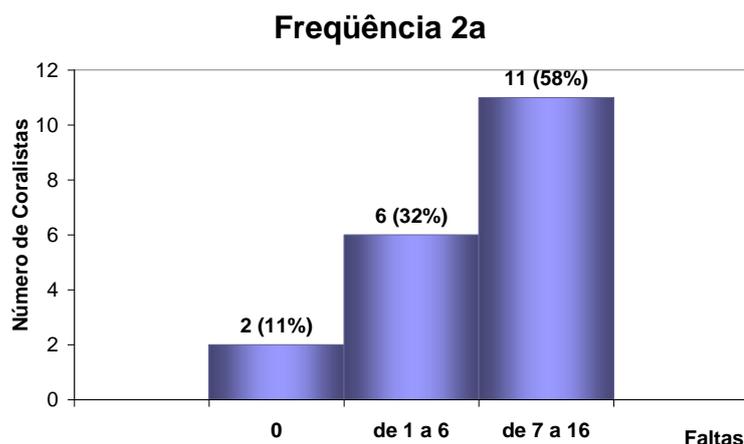


Gráfico 19 - Frequência de julho a outubro

No gráfico, lê-se a informação de que apenas duas pessoas alcançaram 100% de assiduidade; seis pessoas tiveram de 67% a 100% de presença; e 11 pessoas aproveitaram de 30% a 66% dos ensaios. Curiosamente, o fenômeno do primeiro semestre se repete: aproximadamente a metade do coral frequentou a metade dos ensaios.

Após o recesso, os dois ensaios *pré-apresentação* tiveram, respectivamente, dez e 12 coralistas presentes e na apresentação, havia 16 participantes (fato que mostra que algumas pessoas não ensaiaram para apresentar-se). 17 pessoas participaram do Encoti Paralelo e apenas 13 no Teatro do ISBA.

Dentre outros motivos, os relacionados à saúde foram, novamente, os mais relatados: 20 ocorrências de viroses, consultas, exames e dores em membros devido a artroses; seguidos de auxílios a parentes (13) – cônjuge, filhos e netos - e dois enterros. Os problemas familiares tiveram três citações. Três citações de cansaço (Bela, 78 anos); Luíza alegou ter esquecido o ensaio e Eliana disse que não quis ir um dia. Eliana e Luíza também disseram estar fazendo artesanato em um dia quando desistiram de ir para o ensaio.

3.4.5 Frequência 2008.2b

Para a análise desta etapa, de 02 de outubro a 23 de dezembro, considerei a frequência de **24 coralistas nos 20 encontros** - 16 ensaios e quatro apresentações. Neste período, três coralistas retornaram às atividades do coral (Valquíria, Verônica e

Marília) enquanto que duas (Áurea e Léa) se afastaram. Algumas senhoras que no período anterior foram assíduas passaram a não ser e outras continuaram com o baixo índice de frequência. O ensaio menos frequentado teve nove coralistas e os mais frequentados 18 coralistas (três vezes) com alta rotatividade entre eles.

As sete pessoas mais assíduas faltaram no máximo cinco vezes, aproveitando, portanto, até 75% dos ensaios e apresentações; sete pessoas faltaram até 50% dos ensaios e dez frequentaram menos da metade dos ensaios.

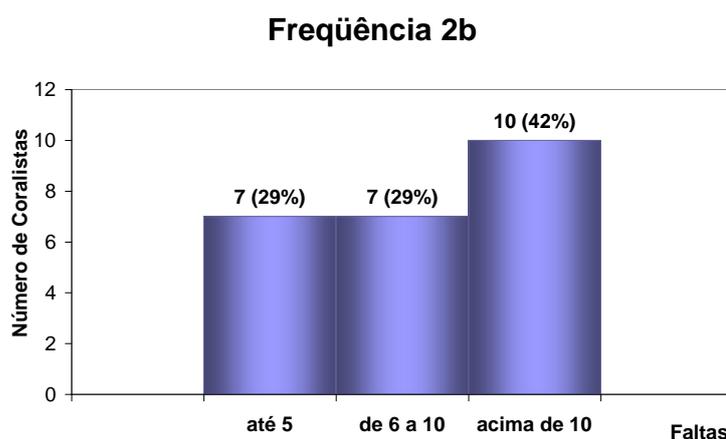


Gráfico 20 - Frequência de outubro a dezembro

A apresentação na UATI/Uneb, em novembro, foi a mais participativa: 18 coralistas. O recital natalino realizado no Shopping Center Barra (Salvador) contou com 16 coralistas enquanto que as duas apresentações natalinas no município de Madre de Deus contaram com a presença de poucas senhoras: oito na ONG e 12 no Presépio (quatro senhoras chegaram atrasadas, ao término da apresentação). As justificativas para as faltas foram semelhantes às anteriormente citadas, isto é, relacionadas à manutenção da própria saúde e auxílio a parentes.

Em todas as etapas, ao longo de 2008, houve uma rotatividade considerável nos ensaios. Em torno de apenas um terço do coral possuiu uma boa assiduidade (mínimo de 75%). Aproximadamente metade das coralistas não teve uma boa frequência, o que, entre outros motivos, pode ter interferido na falta de internalização dos conteúdos e na aprendizagem.

Dentre as justificativas apresentadas, a manutenção da própria saúde através de consultas e exames e os casos de doenças das próprias coralistas ou de parentes destas foram as mais citadas. A cada ensaio, as visitas às faltosas foram constantemente estimuladas, daí o fato de dispensar uns cinco a oito minutos realizando a chamada para

saber quem faltou e porque faltou. Essa atitude tanto tinha o objetivo de coletar dados para a pesquisa (o saber o motivo das faltas) bem como demonstrar às senhoras que suas presenças eram importantes e suas faltas percebidas no grupo. Desta maneira, procurei incentivar que as coralistas que morassem mais próximo das faltosas, visitassem-as a fim de saber o que acontecera demonstrando que o grupo sentira sua ausência.

Além dos problemas de saúde, as idosas relataram sofrer com aborrecimentos familiares bem como com a escassez de recursos financeiros. Estes últimos levam algumas idosas a providenciar suprimento extra através de atividades complementares. Tânia (72 anos), por exemplo, faltou por várias vezes aos ensaios do coral por estar fazendo encomendas de doces e salgados. Adélia (57), que deixou de participar do grupo, disse que estava sem tempo porque passou a cuidar da sogra e fazer artesanato para vender. Eliana (73) justificou uma falta dizendo que estava fazendo renda para ganhar um dinheiro extra.

Outro fator que não pode ser ignorado é que este foi um *ano político*. Muitos dos acontecimentos negativos no grupo como a ausência de colegas e outros eram atribuídos a esse *fenômeno*... Algumas coralistas, muitas vezes, diziam que uma colega ou outra parara de participar porque *era do partido de oposição*. Entretanto, não confirmei este fato porque as senhoras que deixaram de frequentar o coral apresentaram outros motivos para suas ausências, principalmente aqueles relacionados a doenças graves de parentes próximos.

Infelizmente, a coralista Mariazinha ficou doente por vários meses, vindo a falecer durante o período. Segundo informou a Coordenadora Adelize Dias, seus parentes enterraram-na com a beca do coral. Não é a primeira vez que isto ocorre: a coralista Edith, que faleceu há anos, também foi enterrada vestida com a beca. Essa atitude dos parentes revela o reconhecimento da família sobre a importância do *Canto que Encanta* na vida destas senhoras.⁴⁹

⁴⁹ Ao longo dos dez anos de existência do coral, cinco senhoras faleceram. Neste parágrafo foram usados os nomes reais.

4 O CANTO QUE ENCANTA: OS ASPECTOS BIOPSIKOSSOCIAIS E A APRENDIZAGEM

Neste capítulo, algumas questões já analisadas são discutidas novamente enquanto outras são introduzidas. Embora o termo *aspectos biopsicossociais* seja o mais adequado, optei neste capítulo, pela divisão em *aspectos psicossociais* e *aspectos fisiológicos*, com a consciência de que alguns aspectos estariam mais relacionados ao fisiológico, outros ao psicossocial, sem desconsiderar que ambos os aspectos são influentes um sobre o outro. Apesar de essas divisões serem úteis para o aprofundamento e estudo, considero que as esferas emocionais, físicas, mentais e espirituais do ser humano estão interligadas, impactando-se umas às outras. Logo após, discuto o processo de ensino e aprendizagem no Canto que Encanta destacando a influência dos aspectos biopsicossociais.

Não somente na terceira seção comento sobre a prática educativa, mas, nas seções anteriores, também apresento algumas considerações sobre a prática educativa realizada em função das relações entre a aprendizagem e os aspectos biopsicossociais.

4.1. OS ASPECTOS PSICOSSOCIAIS

O Coral Canto que Encanta é, sem dúvida, uma atividade primordial para as coralistas de Madre de Deus. O diálogo a seguir, acontecido durante o preenchimento do formulário de Elisabete (58 anos), ilustra este fato:

MICHAL: Fale sobre o Coral na sua vida.

ELISABETE: Tá bom. Acho importante. Adoro o ensaio. Se pudesse não ficava em casa.

MICHAL: Como você se sente no ensaio?

ELISABETE: Me sinto bem.

Outra senhora comparou o Coral com outras atividades das quais participa: “Desses eventos todos o que mais gosto é o Coral. Quando saio para ir para o Coral, me sinto gente. Uma pessoa mais responsável” (Léa, 60 anos). Apesar de estas senhoras (e a maioria do grupo) atestarem que o coral é algo importante em suas vidas⁵⁰, a frequência aos ensaios não pode ser considerada boa uma vez que a metade delas só frequentou

⁵⁰ Dados coletados no formulário e depoimentos gravados (cf. Vídeo, Depoimentos).

aproximadamente metade dos ensaios ao longo dos períodos analisados (v. 3.4.3 e 3.4.4). A baixa frequência do grupo não estaria relacionada à falta de motivação pelas atividades ou insatisfação com a educadora-regente uma vez que a maioria demonstrou satisfação tanto com a metodologia como com a prática pedagógica, como por exemplo, afirmou Leandra: “[O ensaio] Tá bom. Venho para me distrair e consigo. O dia que não venho, sinto uma falta danada. Só não venho quando não posso mesmo” (Leandra, 69 anos).

Algumas coralistas assíduas apontaram a *falta de compromisso* como motivo para a ausência das colegas não assíduas demonstrando certo incômodo com o fato, uma vez que as faltas interferem no processo educativo musical do grupo. Respondendo a pergunta *como você gostaria que fosse o ensaio?*, Luíza disse: “Que as colegas levassem mais a sério. Nós não temos obrigação de vim. Temos que ter responsabilidade. Eu venho para me divertir” (Luíza, 66 anos). Zeny associou as faltas às preocupações com a vida doméstica: “As pessoas deveriam ter mais compromisso, ser mais presente. Se a gente fizer uma forcinha, a gente consegue esquecer a vassoura, a cozinha” (Zeny, 62).

Entretanto, apesar da falta de responsabilidade ser uma possibilidade, também existe outros problemas que interferem na participação das atividades do coral. O Coral é composto de mulheres idosas que possuem um papel ativo na vida familiar: têm filhos e netos sob sua dependência, cuidam de suas residências realizando todos os afazeres domésticos, além de cuidarem dos maridos ou entes queridos quando estes adoecem ou precisam de auxílio. Ivana, por exemplo, revelou o zelo com a residência: “Quando me atraso é porque a menina e eu não damos conta. Gosto de largar a cozinha limpa” (Ivana, 70 anos). E Adelaide mostrou os compromissos relacionados à saúde: “[O ensaio] Como tá, tá bom. Só acho ruim quando não posso vim. Às vezes tenho que ir para o médico com meu marido” (Adelaide, 69 anos). Apesar de os cuidados com a manutenção da própria saúde ser a principal causa das faltas das coralistas, o cuidado da família e da casa também possui relevância sendo citado em muitas das justificativas das faltas.

Domingos (1999) salienta que “a sensação de inutilidade seria uma manifestação da diminuição da autoestima, pela perda de um papel historicamente construído o que inclui perda do espaço de inserção e conseqüentemente de poder”. (DOMINGOS, 1999, p.58). Por um lado, este papel ativo em suas famílias pode contribuir para a manutenção da auto-estima dessas senhoras à medida que percebam sua importância na esfera familiar diante da valorização dos familiares. Por outro lado,

todavia, este fato pode causar frustrações devido aos impedimentos que as mais diversas obrigações podem provocar, tanto na realização de outras atividades desejadas ou carência de um tempo maior para descanso. Quando perguntei sobre a relação das faltas aos ensaios com as obrigações do lar e dos filhos, algumas concordaram com uma senhora que expressou o sentimento vivenciado em alguns momentos: “Tem dia que eu não quero outra coisa: **participar** [do coral] (fez gesto enfático com a mão, para cima e para baixo) e tenho que olhar o neto: aí isso aborrece, estressa (Zeny, 62 anos)”. [grifo da autora]

Muito embora seja utilizado o termo “ausência de papéis” ou “perda de papéis” (BEE, 1997) para designar algumas características da velhice, acredito que “mudança de papéis” seria um termo mais adequado. Bee (1997) cita que as pessoas que têm filhos mais tarde, na velhice estariam vivenciando uma “confusão de papéis”. Talvez esta confusão seja sentida por estas senhoras porque tiveram muitos filhos, desde quando eram mais novas até idades mais maduras e nem todos estes filhos conquistaram a independência econômica ou mesmo emocional.

A situação econômica de algumas senhoras pode ser agravada por não estarem aposentadas ou não terem cônjuge (por viuvez ou separação). Mesmo entre as aposentadas a situação financeira não é a ideal para atender as demandas da velhice, refletindo a realidade da maioria dos idosos do Brasil:

Para os idosos dependentes do sistema previdenciário, a realidade também não é colorida. A grande massa de trabalhadores aposentados recebe um salário mínimo e sabemos que este valor não garante a subsistência digna das pessoas. Por esse motivo, muitos aposentados continuam na ativa, fazendo os “bicos” que lhes permitem acrescentar algum ganho para sua sobrevivência. Assim não é por acaso que o sistema de saúde atende tantos hipertensos. Ou será que é natural uma pessoa, que foi consumida pelo seu trabalho durante boa parte da vida, tenha que, com as precárias condições de saúde que lhe restam, continuar a exercer atividades de trabalho que requerem grande esforço físico, em sua maioria, para não sucumbir à fome? (BOUTIQUE, 1996, p. 90).

Um desafio para o idoso é enfrentar tantas perdas ao mesmo tempo como as relacionadas à própria saúde, à saúde dos amigos e entes queridos, morte de amigos e parentes, ausência ou diminuição de papéis sociais valorizados, isolamento crescente, dificuldades financeiras devido à aposentadoria e outros. Segundo Gatto (1996, p.109) “na terceira idade as perdas aceleram-se, sendo que o tempo para superá-las é menor.

No entanto, sempre é possível superá-las”. O enfretamento das crises geradas pelas perdas depende dos recursos internos e externos de cada idoso (GATTO, 1996). Algumas idosas que perderam entes queridos ou passaram por problemas familiares se ausentaram temporariamente das atividades do coral. Entretanto, outras afirmaram que participar das atividades do coral ajudou-as no enfretamento de situações de depressão (v. Vídeo, Depoimentos)⁵¹. Lourdes revelou: “Minha filha morreu com 21 anos. Tive depressão. Minha tia me levou para o Coral. O Coral distrai” (Maria de Lourdes S. Ribeiro, 57 anos). Everalдина comentou uma situação semelhante:

O coral pra mim é muito importante [colocando a mão no peito] porque eu perdi a minha mãe há cinco anos atrás [a voz ficou embargada] e fiquei muito deprimida. [com a voz forte, enfática] O Coral me levantou e eu não caí numa depressão. E é por isso que eu estou aqui. [jogou as duas mãos para frente] (Everalдина, 73 anos).

Maria Raimunda comentou a importância da atividade diante do estresse provocado por problemas de saúde na família:

Pra mim o coral está sendo muito importante porque foi neste momento de minha vida, que eu... meu esposo teve AVC. Eu estava muito dentro de casa, estressada, só cuidando dele, indo pra médico... Sem uma coisa assim pra me alegrar. Então é uma coisa que eu tenho muita alegria, tenho aprendido muito, a professora é ótima, ensina a gente com alegria, com amor, tem muito carinho com a gente e... Pra mim é tudo. Está sendo assim uma maravilha, pra mim está sendo ótimo, amei... (Olhou em volta para as colegas) As meninas, né? Que são novinhas, né? De 50 em... Pra mim tá sendo maravilhoso: o Coral é dez (Maria Raimunda).⁵²

A coralista Maria Raimunda (acima) ressaltou que o Coral traz alegria e que nele *aprende muito*. Embora meu objetivo principal seja a aprendizagem musical, as questões psicossociais não podem ser ignoradas. A manutenção de atividades ocupacionais espontâneas, livres que exploram a criatividade e promovam interações sociais positivas são um auxílio na superação das crises da velhice (GATTO, 1996). Diante dessa situação que é realidade para se não todas, mas quase todas as coralistas do Canto que Encanta, não é de se admirar que a música e o coral sejam considerados

⁵¹ Todos os depoimentos nesta página estão com os nomes reais.

⁵² Não foi possível preencher o formulário desta coralista (por isso não consta a informação de idade). Infelizmente, só frequentou por um período.

por aquelas como um atividade prazerosa, “terapêutica” (v. 3.3.5) de grande importância em suas vidas. Maria de Lourdes e Zelina apresentaram opiniões parecidas:

O que eu acho do meu coral? É você, minhas amigas, que nos traz alegria (sorriu). No momento que nós estamos aqui dentro, nós... É tudo, eu acho assim: nós estamos com a mente sadia (colocou o dedo na cabeça), e você... a gente brincando com você, junto com você. Pronto. (Maria de Lourdes Melo, 66 anos).

O Coral é uma distração pra gente que vive com a cabeça quente, preocupada, como eu. Que vivo só como Deus sabe. Então, o coral nessa hora que a gente tá aqui, alivia a cabeça, tá bom? (Zelina).⁵³

Esse fato de o Coral ser visto como uma atividade de *lazer* e até *terapia* já me causou, no passado, certo desconforto como se isto diminuísse o valor da atividade ou desviasse o foco da aprendizagem musical. Entretanto, ao ampliar esta concepção e tomar consciência de que o *lazer* é um *fazer humano* tanto como uma forma de descanso, de distração como de *desenvolvimento pessoal* (FERRARI, 1996), reconheci que o Canto-Coral pode englobar várias dessas características. A Educação pelo e para o *lazer* é defendida como imprescindível para a faixa-etária idosa, uma vez que as ocupações vão se modificando ou mesmo se extinguindo devendo ser substituídas por outras igualmente importantes e principalmente prazerosas:

[Educação] Pelo *lazer*, em que o mesmo se presta à ampliação da consciência individual e social, ao aguçamento da sensibilidade com relação às manifestações culturais, ao desenvolvimento da criatividade e à estimulação de sentimentos de solidariedade e práticas de cooperação entre grupos e pessoas para o *lazer*, como a possibilidade de desenvolvimento de um processo educacional de crescimento humano aproximando gerações e facilitando oportunidades de surgimento de talentos. (FERRARI, 1996, p.98).

O clima social dos ensaios no Canto que Encanta era bom, embora atitudes de desagrado tenham sido manifestadas em determinadas situações. Duas coralistas revelaram sentir-se incomodadas com as conversas paralelas: “[O ensaio] Assim como é, eu gosto. Não gostaria que tivesse conversas paralelas. Eliana e Heloísa então... Eu não me sento perto de nenhuma das duas. Cutucam e conversam. Tiram a gente do ar, tira atenção” (Adélia, 57anos). “[Como você gostaria que fossem os ensaios?] Bem

⁵³ Idem.

concentrado. Que as pessoas esquecessem as conversas e dessem mais atenção” (Áurea, 61 anos).

Como a rotatividade nos ensaios era alta, ficava difícil estabelecer um lugar fixo para as coralistas. Desta forma, eu orientava a posição delas em um ensaio antes, ou até mesmo no momento da apresentação de acordo, principalmente, com a aprendizagem individual e segurança em relação ao repertório ensaiado. Procurava também, na medida do possível, organizar as coralistas com estatura menor na fila da frente. A coordenadora também apresentou um critério de *arrumação*, que segundo ela, condizia mais com a denominação *coral de idosos*: “Aqueles com os cabelos brancos: preferencialmente na frente” (Adelice Dias, coordenadora na Sedes/PMMD). Esta *conciliação de critérios* para a organização do coral ficava ainda mais difícil porque sempre causava desgostos: algumas senhoras queriam ficar na fila da frente enquanto outras preferiam na fila de trás. Acima disso, ignorando queixas, muitas vezes, eu pedia que ficassem intercaladas porque assim todas seriam vistas, acompanhariam a regência e eu poderia vê-las para possíveis correções e adaptações diante do surgimento de situações ou problemas que poderiam ocorrer (e sempre ocorriam) nas apresentações.

Em algumas situações, percebi o envolvimento da subjetividade das coralistas. Bela demonstrou, com o comentário a seguir, aspectos de competição: “Tem umas novas desfazendo das velhas” (Bela, 79 anos). Ela estava se referindo à coralistas que entraram no Coral depois dela. Algumas coralistas, que estão há mais tempo no Coral, também já demonstraram certa resistência diante de opiniões e participação das novatas. Algumas coralistas faziam comentários indiretos durante os ensaios, como: “tem umas que não abrem a boca para cantar” ou ainda “se eu sair do coral, o coral acaba” (principalmente vindo de senhoras que julgavam possuir uma voz excelente). Ao longo dos dez anos de existência do coral, estas falácias foram responsáveis por tensões em ensaios e apresentações, além de provocar o afastamento de algumas componentes. Adélia verbalizou o que outras senhoras já comentaram em outros momentos: “(...)Saí duas vezes porque me chateeí por causa das colegas do coral (Adélia, 57anos).

Desta maneira, durante o processo, procurei lidar com os conflitos, procurando, principalmente, conscientizar o grupo sobre a importância de cada contribuição vocal assim como um bolo é feito com vários ingredientes (v. 3.4.2); e salientando que a cooperação deve ser uma qualidade a ser desenvolvida (através, por exemplo, de uma dinâmica onde as mãos eram dadas e não podiam soltar-se na roda,

passando entre as colegas). A participação dos Encontros de Corais de Terceira Idade da Bahia⁵⁴ contribuiu para o sentimento de *pertencimento de grupo*. Quando realizamos a avaliação destes eventos, todas demonstraram satisfação com os próprios resultados fazendo comparações com outros grupos sempre com o reconhecimento da própria capacidade, igualdade com os demais corais e Luíza até avaliou que no último Encoti (2008), “nosso coral foi o melhor de todos” (v. 3.4.2). Apesar de as comparações sobre a execução (e até sobre os uniformes) acontecerem entre os corais, o objetivo desses eventos é estimular e valorizar a participação dos idosos na atividade do Canto-Coral. Isto se reflete no clima amistoso entre os participantes que mesmo percebendo as falhas próprias e dos outros, não deixam de elogiar e incentivar os colegas de geração.

A quantidade de participantes nos ensaios e até nas apresentações foi bem variável, especialmente neste ano. Muitas coralistas ficaram doentes (uma até faleceu) e/ou precisaram cuidar de entes queridos. Lucília (nome real), por exemplo, na ida para o Encoti de 2008, desceu do ônibus quando recebeu um telefonema avisando que sua mãe tivera um problema gravíssimo de saúde – motivo pelo qual não retornou mais aos ensaios. Em anos anteriores, quando havia apenas a metade das coralistas nos ensaios, eu as dispensava por pensar que não adiantaria ensaiar com tão poucas pessoas. Entretanto, neste ano, influenciada pela pesquisa, ao conhecer as histórias e necessidades das coralistas e estudar a literatura específica sobre o envelhecimento, tomei consciência da importância da atividade do coral e da música como forma de “viagem”, “libertação”, “consolo” (v. 3.3.4 e 3.3.5) na vida destas senhoras. Assim, modifiquei minha atitude: os ensaios passaram a acontecer tanto com uma quantidade razoável de pessoas como com poucas (até cinco!) a fim de valorizar o esforço⁵⁵ e o comprometimento das pessoas presentes.

A atividade musical no canto coral, mesmo sendo uma aula em grupo, deve colaborar com o desenvolvimento pessoal das participantes:

⁵⁴ Encoti 2007 e 2008; UATI/Uneb 2008.

⁵⁵ Fiquei emocionada ao ver, ao longe, no caminho para o ensaio, três senhoras dividindo um guardachuva debaixo de um temporal.

Temos de estar conscientes do desenvolvimento e da autonomia do aluno, respeitar o que o psicólogo Jerome Bruner chama de “as energias naturais que sustentam a aprendizagem espontânea”: curiosidade; desejo de ser competente; querer imitar os outros; necessidade de interagir socialmente. Não podemos nos eximir de compreender tudo que está envolvido com estes aspectos. (...) É preciso que haja um espaço para a escolha, para a tomada de decisões, para a exploração pessoal. Isso inclui a possibilidade de trabalhar individualmente e em pequenos grupos. (SWANWICK, 2003, p.67)

As situações que priorizaram a participação individual, como as tiradas de versos nas brincadeiras de roda e solos no microfone, provocaram uma tensão nervosa nas coralistas. Estes momentos de exposição pessoal, se forem trabalhado repetidas vezes, poderiam contribuir para o aprendizado do autocontrole em situações semelhantes como no palco. Durante um ensaio, por exemplo, todas estavam cantando normalmente, quando resolvi colocar o microfone na frente dos lábios de cada uma – a maioria esqueceu a letra ou começou a rir. Uma das coralistas, até apresentou uma sugestão para os ensaios do Coral: “... Que a gente cantasse sozinha no microfone para desinibir” (Zorilda, 62).

As tensões nervosas foram aparentes em todos os momentos em que o coral se posicionou no palco para apresentar-se publicamente. Embora tenham sido informadas e até *ensinadas* a posicionarem-se com uma boa arrumação espacial, nesses momentos as coralistas reagiram estaticamente como se estivessem *congeladas* permanecendo sem alinhamento, apesar de meus esforços em sinalizar para que perfilassem corretamente ou chegassem mais à frente. No Encontro de Corais da UATI/Uneb, portanto, pela primeira vez, assumi esta dificuldade do grupo indo até o mesmo e arrumando-as ali mesmo no palco, tocando-as com carinho e palavras de animação o que provavelmente, contribuiu para a boa apresentação musical que se seguiu.⁵⁶

No ensaio posterior a apresentação no IV Encontro de Corais de Idosos da UATI/Uneb, as coralistas teceram comentários sobre suas emoções sentidas no palco, tanto neste evento próximo como em outros já vivenciados. Algumas afirmaram que ficam nervosas quando entram no palco para cantar: “Me sinto a própria. Mas o nervoso tá pau a pau (Zeny, 62 anos); “Dá um frio na barriga” (Custódia, 57); “As mãos ficam geladas e suando. Sinto um nervoso” (Luíza, 66); “Eu fico ansiosa. Na mesma hora,

⁵⁶ Até o momento, não tive acesso à gravação deste evento. O único registro é o certificado (cf. ANEXO A)

nervosa. Depois, pronto: quando começa a cantar acaba o nervoso” (Lucivone, 57). Outras senhoras, ao contrário, demonstraram descontração e euforia:

Eu fico empolgada para os outros verem que cantamos bem, que somos da Terceira Idade, mas não somos derrubadas. A voz sai que nem sinto. (Tânia, 72).

Feliz. Quando vejo tanta gente vendo... a gente renova. A gente fica orgulhosa quando pessoas nossas ficam aprovando (fez o gesto com o polegar “sinal de legal”) (Bela, 79).

Esses depoimentos revelam que as emoções variam entre as sensações de tensão e relaxamento. Explicando este fenômeno, Costa (2007) afirmou que “provavelmente ocorreu uma liberação do sistema simpático diante da tensão nervosa” e que as “funções mentais superiores poderiam ser trabalhadas, através da consciência, para controlarem reações mais primitivas” (COSTA, 2007).

Nos testes individuais, também percebi que algumas senhoras (Zeny, Custódia e Luíza) tiveram mais dificuldades em controlar o desconforto ou a tensão nervosa – estas mesmas senhoras, nos comentários acima, realçaram a tensão nervosa sentida no palco ao contrário de outras coralistas que demonstraram sentimentos mais ligados à realização individual e ao prazer de apresentar-se. Segundo Bee (1997), embora existam diferentes nuances, os mesmos processos psicológicos fundamentais estão presentes em todas as idades e “reagimos ao estresse de maneiras semelhantes” como sempre agimos durante a vida (BEE, 1997, p.581). Alguns comportamentos, portanto, não são decorrentes da velhice, mas da própria personalidade do indivíduo e suas interações com o ambiente.

4.2 OS ASPECTOS FISIOLÓGICOS

Conforme já comentado, o trabalho musical no canto coral com idosos pode sofrer, principalmente, interferências diversas pelas perdas da audição, da voz, da respiração e da memória (v. 3.3.2) que podem acometer as pessoas na fase da velhice, além dos problemas comuns a todas as faixas etárias.

No início das atividades do coral, há dez anos, na avaliação inicial para classificação vocal⁵⁷, apenas uma senhora (Jandira) não era *afinada* - cantava fora do tom e na região grave, aproximadamente uma oitava abaixo das demais. Nos dias atuais, várias senhoras apresentam mudanças vocais, tanto entre algumas que já participam há algum tempo como entre outras que entraram no coral recentemente. A presbifonia – envelhecimento da voz – é um processo normal do organismo e, no Canto que Encanta, a maioria das senhoras idosas afirmam que suas vozes “não são mais as mesmas de antes”. Nem sempre, entretanto, os problemas vocais apresentados pelas pessoas são resultantes somente da velhice, podendo existir disfonias⁵⁸ anteriores que podem contribuir para maiores perdas. Leila Mazarakis ressalta: “com certeza, os hábitos de falar em forte intensidade, cantar em tons inadequados, constrições laríngeas e outras patologias (alergias, doenças gástricas e respiratórias), podem contribuir para as *disfonias*” (MAZARAKIS, 2008).

O envelhecimento da voz é marcado, basicamente, pela calcificação e ossificação gradual das cartilagens laríngeas e pela atrofia dos músculos laríngeos intrínsecos (GREENE, 1989; BELHAU, 2004). É mais precoce na mulher, podendo apresentar um maior impacto na voz cantada. A tonalidade da voz masculina tende a subir e da voz feminina tende a ficar mais grave (SUSTOVICH, 1995; BELHAU, 2004). Sustovich (1995, p. 84) declara que:

A fala do idoso torna-se anasalada e menos intensa devido à dificuldade que o estímulo nervoso encontra ao passar pelas estruturas envelhecidas. A voz é trêmula e mostra certa soproiedade ou leve rouquidão na emissão das palavras. Estas estão separadas umas das outras, mais do que o normal, formando frases curtas e menos nítidas, seguidas de inspirações freqüentes, devido ao desequilíbrio da relação: expulsão de ar pelos pulmões e força nos músculos da laringe. Todos esses são fenômenos conseqüentes à menor amplitude das vibrações das pregas vocais desses idosos e sempre são mais intensos quanto mais acentuada for a perda auditiva.

Todas as coralistas do Coral Canto que Encanta apresentaram alguma alteração vocal como as citadas acima: soproiedade, anasalamento, flutuações vocais, além do desequilíbrio na coordenação respiratória (v.3.3.2, alínea a). Todavia, a

⁵⁷ O objetivo era conhecer as vozes para classificá-las de acordo com altura e timbre, sem intenção de seleção excludente.

⁵⁸ Distúrbios da voz.

execução musical no canto-corais é possível porque nem todas as componentes apresentam os mesmos problemas e, provavelmente, acontece uma compensação das dificuldades pelas potencialidades.

Nos exercícios de preparação vocal, detectei⁵⁹ a dificuldade de quase todas as coralistas em realizar exercícios de aquecimento que exigiam movimentos de vibração da língua ou dos lábios devido à ausência de dentes e às próteses dentárias inadequadas (cf. 3.3.2, alínea d), ou ainda decorrentes da redução do tônus da língua (MITRE, 2003). Ao acompanhar individualmente tais exercícios, entretanto, notei que algumas senhoras conseguiam executar um determinado tipo de exercício enquanto outras conseguiam outro. Assim, ouvindo as queixas e os comentários, *personalizei* esta parte do aquecimento para que as coralistas usufríssem do preparo vocal, além, é claro, de orientá-las a solucionar estes problemas através da procura pelo serviço odontológico para a adequação das próteses ou dentes.

A xerostomia ou *boca seca* é mais um fenômeno que afeta a execução vocal devido a atrofia das glândulas salivares menores distribuídas por toda orofaringe (MITRE, 2003) o que exige uma constante hidratação oral. A Fonoaudióloga Leila quando participou de um de nossos ensaios, ressaltou a importância da hidratação oral durante o ensaio, de maneira constante entre as músicas e exercícios. Além da praticidade, as “garrafinhas” de água individuais permitiram uma concentração maior, diminuindo o transitar pela sala ao longo da aula. As tosses⁶⁰ que eram frequentes diminuíram sensivelmente com a internalização, por boa parte do coral, do hábito de usar as “garrafinhas” de água. Em intervalos curtos, eu mesma, a regente, bebia um gole de água, lembrando às coralistas, pelo exemplo e pela fala, a fazerem o mesmo. Algumas respondiam, em alguns momentos: “Eu sei, Pró. Já bebi.”

Vale lembrar que algumas idosas do coral, cantaram desde jovens em manifestações populares e religiosas do município sem o conhecimento de “técnicas vocais” mais preservadoras. Hoje, presumidamente, não sofrem apenas os efeitos normais do envelhecimento, mas, provavelmente, distúrbios vocais acumulados ao longo da vida, além dos hábitos culturalmente arraigados. Não estou afirmando que o

⁵⁹ As coralistas riam e até gargalhavam muito neste momento. Ivana disse que ria para esconder o fato de não estar conseguindo realizar o exercício.

⁶⁰ Durante as filmagens, é possível perceber as tosses constantes como um “fundo sonoro”. (cf. Vídeo, “Ensaio”).

canto popular *estrague a voz*, mas, sim, que o mau uso da voz pode acontecer em qualquer estilo musical. Assim, todas as pessoas possuem o direito ao conhecimento musical e técnico-vocal para que possam escolher conscientemente, a tempo, como utilizar a própria voz uma vez que isto também pode afetar a sua vida, no presente e no futuro.

Contrariando os comentários “nós já somos velhas, nossa voz não é tão boa” e a avaliação vocal, a maioria das coralistas são afinadas e possuem boa extensão vocal (v. 3.3.6, alínea c). Algumas são filhas de músicos já tendo participado, principalmente, em corais sacros, em outras fases. Esse fato mostra que a velhice realmente é a somatória das outras etapas da vida e não uma fase onde as coisas acontecem de maneira desconectada com a história anterior do indivíduo. As pessoas a partir de 60 anos podem apenas *estar na velhice* e não *ser velhos* contrapondo a idade cronológico-biológica com a idade mental/emocional. Desta forma, penso que, a percepção, como mecanismo mental, além de sensorial, não envelheceria cabalmente, uma vez que pode ser *transformada e adaptada*, conscientemente pelo indivíduo, ao envelhecimento natural do organismo. Segundo Garcia (2006, p.81):

Em adição é necessário que se distinga mera audição de percepção. A percepção é um processo que envolve motivação, conhecimento, observação e então compreensão, esta compreensão por sua vez reativa todo o processo, de forma que a percepção é uma espiral que se aprofunda com o tempo enquanto a própria audição fenece.

A presbiacusia – degeneração auditiva do idoso – também pode impactar profundamente o trabalho do canto-coral. Além da formação de cerume no ouvido externo, devido à flacidez cutânea e cartilaginosa, e a descamação epitelial natural, ambas reversíveis (MITRE, 2003), a “audição do idoso é frequentemente afetada em intensidade e em qualidade de percepção” (SUSTOVICH, 1999, p.83) e a “lesão inicial provoca surdez para os sons agudos e perda da discriminação da palavra” (FROTA, 1998). Sustovich (1999, p.83) declara que o “déficit auditivo provoca alteração da personalidade, certa irritação, diminuição da atenção e dificuldade de compreensão, especialmente em reuniões sociais (...)”.

Assim, passei a informá-las sobre as perdas auditivas comuns à velhice e a desenvolver meios de fazê-las subir o tom quando acontecem estas situações de

descidas de tom. Através da consciência despertada pela percepção visual de gestos⁶¹, quando começam a desafinar, elas melhoram sensivelmente a execução do trecho musical em questão. Ao contrário dos cegos que desenvolvem a audição porque lhes falta à visão, as senhoras do coral utilizaram a percepção visual para, através de uma nova representação, auxiliar a carência auditiva, diminuindo os efeitos negativos na execução vocal.

No Canto que Encanta apenas Bela (79) relatou já ter sofrido, anteriormente, de perda auditiva devido a excesso de cerume no ouvido. Nos últimos anos, as descidas de tom e as semitonações são uma constante nas execuções musicais do coral. Há dez anos, estas situações de desafinação realmente não ocorriam com frequência. Hoje, entretanto, apesar da maioria afirmar que ouve bem (v. 3.3.6, alínea b), estas ocorrências aumentaram, provavelmente porque algumas senhoras já estão mais idosas e a perda auditiva aumenta com o passar dos anos. Mesmo com a maioria afinada, uma pessoa que desafine em apenas uma nota é capaz de influenciar as demais impactando o resultado musical (cf. Vídeo, Ensaios e Apresentações).

A pressão arterial, o ritmo cardíaco e uso de medicamentos também repercutem na audição e no equilíbrio (MITRE, 2002), mas além da perda auditiva, uma respiração incorreta ou falta de apoio, também poderia ser uma das causas para as descidas no tom e semitonações, em especial àquelas que acontecem em fins de frases musicais. Não obstante a flacidez muscular afetar os movimentos respiratórios e uma postura inadequada reduzir a capacidade do pulmão, a respiração pode ser melhorada com exercícios apropriados ao canto que devem ser realizados de maneira atraente a fim de que sejam repetidos diversas vezes sem enfado.

Mostrar os resultados imediatos na execução das músicas durante o ensaio foi uma das maneiras que utilizei para conscientizá-las sobre a importância da *economia do ar* e do apoio. Em outras situações, ao contrário, as senhoras costumavam prolongar tanto o som da última nota de uma frase que atrasavam a entrada da próxima frase. Uma vez que apenas quatro pessoas não apresentaram um ritmo regular (cf. 3.3.6, alínea c) e cinco mostraram insegurança na introdução do canto (cf. 3.3.6, alínea c), o hábito adquirido culturalmente no canto de rezas e músicas tradicionais que *ralentam* nos

⁶¹ Exemplo: o dedo indicador levantado num movimento de baixo para cima ou o levantar das sobrancelhas. O significado do gesto é sempre lembrado.

finais das frases, pode ser uma explicação para esse fenômeno dos atrasos rítmicos na execução musical.

Durante situações nos ensaios de nosso coral, algumas orientações já dadas e até já absorvidas pelos indivíduos precisaram ser repetidas constantemente, parecendo, em alguns momentos, que o assunto nunca tinha sido abordado anteriormente. Esse esquecimento pode ser explicado pelo fato da diminuição da memória recente e da memória de trabalho, ao contrário da memória antiga que aflora progressivamente (MITRE, 2003). A maioria das coralistas demonstra prazer em relatar suas experiências passadas, principalmente da infância e juventude, fazendo-o com riquezas de detalhes. Algumas, entretanto, preferem não lembrar o passado para “não sofrer duas vezes”. A maioria percebeu alterações na própria memória (“estou esquecendo as coisas com facilidade”) comprovadas em seu cotidiano e com os comentários dos parentes.

4.3 O APRENDER E O ENSINAR NO CANTO QUE ENCANTA

A aprendizagem musical no canto-coral envolve muitos aspectos, musicais e não-musicais. Além das habilidades mínimas necessárias para uma execução musical, os indivíduos participantes de um coral lidam com muitas questões subjetivas uma vez que são indivíduos e ao mesmo tempo *grupo*. É válido ressaltar, que o canto-coral não precisa ser *um fim* em si mesmo, mas pode ser *um meio* para o desenvolvimento de uma educação musical ampla com conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais⁶². Acredito que o regente-educador⁶³, além das habilidades de regência, musicalização (MATHIAS, 1986), composição, canto, entre outras, pode aprimorar sua atuação nos aspectos relacionados à liderança, aprendizagem e motivação do grupo, buscando suporte em outras áreas de conhecimento como a Pedagogia, a Psicologia, a Sociologia e a Administração. No trabalho com idosos, a Gerontologia, ramo do conhecimento sobre idosos que abrange várias áreas de maneira multidisciplinar, oferece uma valiosa contribuição. Desta maneira, o regente que busca uma formação ampla, estará aperfeiçoando suas habilidades já que as “características extramusicais envolvidas no

⁶² Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s.

⁶³ No Encoti (2007), a formação dos líderes dos corais profissionais ou comunitários variava, principalmente, entre as áreas de Canto, Instrumento, Composição, Regência ou Licenciatura, sendo, estas duas últimas, as mais comuns. Deste fato advém o uso dos termos *educador-regente* ou *regente-educador*.

trabalho de um coral são um veículo para a comunicação dos conteúdos musicais” (APFELSTADT, 2001).

Para aprender a conhecer, a fazer, a ser e a conviver (BRASIL, 2001), a ferramenta *aprender a aprender* é imprescindível nesta época de acúmulo de informações e mudanças constantes onde a flexibilidade se torna uma arma de sobrevivência. Os idosos de hoje nasceram e cresceram em um mundo completamente diferente e, ao longo das décadas, vivenciaram as mudanças tecnológicas, científicas, culturais e sociais desta *era da informação*. Devido às políticas educacionais do passado que restringiam o acesso a pequenos grupos (IBGE, 2002) alguns idosos podem encontrar mais dificuldades na vida moderna e na aprendizagem de coisas novas. Desta maneira, muitas das dificuldades vivenciadas hoje podem estar relacionadas à falta de aproveitamento das capacidades básicas em fases mais oportunas, principalmente na infância e juventude. A palavra *resistência* se repete com frequência nos trabalhos sobre Educação Musical de Idosos. A rigidez na mudança de padrões, atitudes, valores tanto pode ser a reação do organismo que, na velhice, naturalmente tende a se organizar *economizando* os recursos disponíveis (CORRÊA, 1996), como o fato de que é muito mais difícil desaprender do que aprender na idade adulta (GRIBBIN, 1979).

Ao longo dos anos no Coral Canto que Encanta, procurei ampliar minha formação como educadora para saber, com a maior segurança possível, *o quê, quanto e como* poderia ensinar às coralistas idosas. Assim, uma vez que confirmei que a aprendizagem ativa é importante nesta fase, passei a combater a *resistência* – oferecida com críticas e expressões amuadas na execução dos exercícios vocais ou músicas novas (desconhecidas) - com uma *insistência criativa* a cada ensaio e *persistência* durante o processo. Esta atitude rendeu resultados positivos. Tânia, por exemplo, apesar de criticar minha postura de ensino (cf. 3.3.5) reconheceu que houve um desenvolvimento em suas habilidades: “Minha voz está educada. Agora não canto alto” (Tânia, 72 anos).

A coralista Heloísa fez um comentário muito semelhante e, quando perguntei se gostavam disso, responderam afirmativamente e disseram que até os filhos notaram a diferença (APÊNDICE J). As críticas à minha postura de ensino se referiram mais ao passado e algumas senhoras *veteranas* atestaram que houve *melhora*, que a professora *agora sabe lidar com idoso* (cf. 3.3.5). Estas falas refletem a mudança ocorrida na prática docente ao longo dos anos, principalmente no que diz respeito ao *como ensinar* – a substituição de uma postura autocrática por uma gestão participativa e interativa - o que

contribuiu sensivelmente para a diminuição da *resistência* e para o alcance de uma maior participação. Ao longo deste ano, especialmente, as coralistas ficaram mais desinibidas tanto para cantar como para reclamar, um dos impactos positivos da situação de pesquisa. Pela primeira vez, entretanto, em vários anos, ninguém reclamou dos exercícios de técnica vocal durante os ensaios. Quando perguntei a uma coralista se já estava gostando destes exercícios, dos quais sempre reclamara, ela respondeu: “Gostar não gosto, mas como são importantes e me ajudam... Eu faço” (Zeny, 62 anos). Esse comentário mostra a importância e um dos resultados da constante conscientização que procurei promover durante as aulas.

No processo de aprendizagem, é preciso, muitas vezes, desconstruir para reconstruir ou contruir e, como na velhice, as estruturas básicas ou esquemas já estão formados, é provável que a aprendizagem de novos conteúdos seja mais dificultada. Além disso, a desaceleração geral do organismo passa a promover uma lentidão e a diminuição do tempo de reação o que pode tornar mais difícil a memorização de coisas novas e a recuperação de informações já sabidas (BEE, 1997). No Canto que Encanta, percebi possíveis influências de dificuldades na memória quando dos atrasos nas entradas das frases musicais. Esses esquecimentos aconteceram constantemente, mas como exemplo, ressalto a ocorrência de uma parada súbita de todas as coralistas na execução da música *Sua Amizade* durante um ensaio no mês de Agosto (APÊNDICE L). Esta música foi ensaiada desde o mês de março e, mesmo após vários meses, os atrasos e paradas continuaram acontecendo, inclusive na apresentação do Encoti 2008, em setembro (cf. Vídeo, seção Apresentações).

Percebi que as músicas que já eram conhecidas ou foram aprendidas anteriormente (na juventude) eram melhores executadas, sem tantos incidentes de atrasos e esquecimentos. A insegurança musical (na melodia e ritmo) parece ser decorrente, principalmente, da não internalização das letras das músicas. Observei que até a intensidade vocal da execução era mais forte quando as coralistas já conheciam a música, mesmo com arranjos diferentes. Assim, comecei a criar maneiras de fazê-las lembrar o início das frases através de gestos ou *soprando* a primeira palavra da próxima entrada, além de incentivá-las a estudarem as letras todos os dias. Vale ressaltar que nem todas as senhoras possuem uma leitura fluente sendo recomendável, então, que as músicas já conhecidas (delas) possam ocupar um lugar maior no repertório a fim de

promover o *prazer de cantar* enquanto que as músicas novas, em menor quantidade, sejam utilizadas para ativar e exercitar a memória.

No Canto que Encanta algumas componentes não usam lentes corretivas (apesar de apresentarem problemas de visão), além da maioria não possuir uma leitura fluente. (cf. 3.31 e 3.3.2, alínea e). Há alguns anos, anteriormente à pesquisa, comecei a ensinar as letras oralmente, propondo que fossem decoradas. A princípio, este incidente provocou muitos conflitos porque existia uma crença de que *todo coral que se preza, usa pasta*⁶⁴. Insisti para que as coralistas, durante os ensaios, se desprendessem da letra a fim de ficarem mais atentas à regência e pudessem ter mais uma oportunidade para exercitar a memória. A participação em encontros de corais, onde muitos não usam *pasta* colaborou com a mudança de pensamento no grupo. Continuei entregando as cópias das letras das músicas, recentemente adaptada às necessidades visuais dos idosos⁶⁵, salientando que estas devem ser usadas em casa para o estudo diário (que, geralmente, não acontece). Todavia, próximo às apresentações, percebi um desenvolvimento maior e, quando perguntei “Por algum acaso... Vocês treinaram em casa?”, a maioria respondeu afirmativamente.

Paul e Margarete Battes (1990) citados por Bee (1997) oferecem uma importante contribuição para um “envelhecimento bem sucedido”: o *Processo de Otimização Seletiva com Compensação*. Consiste, basicamente, em:

- *Seleção*: restrição de operações e concentração nas atividades mais importantes.
- *Otimização*: enriquecimento e aumento das reservas mantendo habilidades e aprendendo novas estratégias.
- *Compensação*: compensar-se pelas perdas de várias maneiras criativas (óculos, aparelhos auditivos, novos hábitos, etc) (BEE, 1997, p. 21)

No Coral, em atividades que envolviam a execução de elementos conjuntos, percebi alguns entraves. Como exemplo, cito a realização de um vocalize em ritmo de baião onde pedi (mostrando na prática) para baterem o 1º tempo (APÊNDICE H). As coralistas se atrapalhavam ao fazer as duas coisas ao mesmo tempo (cantar um ritmo e bater palma diferente do ritmo da melodia ou do pulso). Apesar de o *Processo de*

⁶⁴ Vários corais cantam com o auxílio das letras das músicas dispostas numa pasta-catálogo.

⁶⁵ Em letra de forma (maiúscula), fonte 14 ou 16.

Otimização Seletiva com Compensação sugerir a restrição de operações e concentração nas atividades mais importantes, a música é composta de vários elementos executáveis concomitantemente e que senti-los faz parte do processo de apreciação e execução musicais. Cabe ao educador, portanto, oportunizar uma musicalização gradativa para que os idosos vivenciem a música o mais plenamente possível, começando por atividades simples que explorem um ou poucos elementos e evoluindo para uma vivência mais ampla.

Nesse *Processo de Otimização Seletiva com Compensação* (BATTES, 1990 *apud* BEE, 1997), tanto existe o incentivo para a manutenção das habilidades já adquiridas como o incentivo às novas aprendizagens. Todavia, o idoso precisa estar motivado para aprender. Parte do próprio indivíduo a mobilização interna necessária para conquistar os conhecimentos que *ele julga* como importante para si próprio. Assim, o educador precisa estar preparado para as etapas de *conquista do aluno* através da conscientização de que o que se pretende ensinar é realmente importante e contribui para sua qualidade de vida. Muito embora os efeitos biopsicossociais afetem a capacidade básica de aprendizagem (GRIBBIN, 1979), a motivação para o aprendizado pode corroborar com a diminuição desses aspectos.

O sujeito só aprende dentro de um vínculo afetivo... É por isso que a carga afetiva pode ajudar ou inibir o crescimento intelectual e emocional do indivíduo, dependendo de como é trabalhada. Pela nossa prática de educadores, sabemos que conseguir a mobilização do aluno é conseguir uma **ampla possibilidade de interação**. (VASCONCELLOS, 2002, p.60)

A capacidade básica de reserva de desempenho cognitivo pode ser mobilizada e melhorada em todas as idades. A execução de atividades mentais regulares ajuda na manutenção da memória, embora não seja conhecida a quantidade necessária para tanto. Em contrapartida, as habilidades não utilizadas com regularidade, evidenciam declínio mais rápido (BEE, 1997). Joelma (64 anos), por exemplo, sofreu problemas pessoais que a impossibilitaram de frequentar os ensaios no primeiro semestre. No segundo semestre, quando conseguiu melhorar sua assiduidade, apresentou dificuldades na percepção musical, talvez devido à perda auditiva e no canto. Sua voz está grave e sem alcance na região média e aguda. Este agravamento aconteceu há pouco tempo porque ela está no coral há vários anos nunca tendo apresentado essas

características – inclusive a de cantar uma oitava abaixo da melodia como algumas coralistas que já foram até criticadas por ela!

Segundo a avaliação da fonoaudióloga, todas as coralistas apresentaram problemas vocais quer oriundos da presbifonia (envelhecimento vocal) quer de disfonias (mau uso, doenças). No entanto, percebi que as várias deficiências individuais – as vocais, e auditivas, por exemplo - eram dirimidas na execução do grupo tornando-se quase que imperceptíveis. Em outros momentos, todavia, as dificuldades individuais de algumas coralistas provocaram a impaciência naquelas que conseguiam realizar a atividade gerando outro problema: a tensão grupal. No aquecimento de um ensaio, durante a brincadeira *A do te cá*⁶⁶ (jogo de mãos), após as explicações iniciais, algumas senhoras ajudaram a *consertar* a posição das mãos de algumas colegas. Como Adelaide, Custódia, Nalva e Heloísa erravam muito, com movimentos rígidos e tensos, a maioria, que estava acertando, começou a inquietar-se e murmurar.

Diante desse desconforto, procurei controlar os ânimos do grupo atentando para a compreensão e respeito ao ritmo individual e para a facilidade de cada pessoa para determinados assuntos. Além de pedir que todas tivessem paciência, chamei a atenção daquelas que estavam com dificuldades para que observassem mais a atividade e se esforçassem um pouco (APÊNDICE I). Aí foram acertando e acelerei o andamento. Todas acertaram umas duas vezes em diferentes momentos. Em contrapartida, a brincadeira de roda *Periquito Maracanã* que explorou elementos novos e súbitos não apresentou problemas, provavelmente porque a atividade era realizada por todas ao mesmo tempo numa grande roda. Em momentos de exposição pessoal, percebi uma rigidez maior nos movimentos corporais de várias senhoras. Por várias vezes, a maioria executara com ritmo regular e leveza a brincadeira *A do te cá*. No entanto, quando a fonoaudióloga participou em um ensaio, a mesma brincadeira foi feita, outras senhoras apresentaram a mesma rigidez ou movimento nervoso, brusco, fora do pulso. Provavelmente, sentiram algum desconforto por acharem que estariam sendo analisadas ou julgadas pela visitante⁶⁷.

Embora tenha cogitado que elas poderiam estar com dores devido às artroses, artrites ou afins, percebi que fatores emocionais estavam presentes. A postura corporal, a expressão facial (ou a falta dela) geralmente revela como nos sentimos ou até como é a

⁶⁶ Ou *A do le ta*. Para ver a brincadeira em um dos ensaios, vide Vídeo, seção Ensaios.

⁶⁷ Leila teve a mesma impressão sobre a tensão no grupo (cf. ANEXO E).

nossa atitude perante a vida. Assim, muitas tensões e bloqueios poderiam ser diminuídos a partir de atividades que envolvessem o trabalho corporal. Entretanto, como Educadora Musical, não teria, inicialmente, a capacidade nem a formação necessária para lidar em profundidade com trabalhos corporais que envolvam danças, ginásticas, terapias corporais e outras possibilidades. Discutindo sobre a formação do Educador Musical, Oliveira (2006) questiona:

[...] poderá o educador musical ser responsabilizado por trabalhar com todos esses saberes? Poderemos ser mais modestos curricularmente, limitando um pouco a amplitude dessas responsabilidades docentes, e visar mais profundidade e qualidade. (OLIVEIRA, 2006, p.29).

O ideal seria que os idosos participassem de projetos interdisciplinares que envolvessem diversas linguagens para o desenvolvimento global com a participação de profissionais especializados em cada área.

A influência dos diversos fatores biopsicossociais na aprendizagem musical das idosas em Madre de Deus é evidente. As coralistas podem ter sentido dificuldade em aprender devido ao ritmo próprio de aprendizagem ser mais lento que o do grupo; ter ficado inibidas diante dos comentários ou expressões das colegas; não conhecer brincadeiras que outras talvez já conhecessem. No entanto, com as repetições e *persistência* nos ensaios, várias atividades que, a princípio, não eram bem executadas, como as já citadas e outras, passaram a ser bem desempenhadas pelo grupo, demonstrando que houve algum avanço no aprendizado. Vários comentários de roteiros de ensaios denotam que com a repetição, as alunas internalizavam os conteúdos.

Desta forma, afirmo que a aprendizagem no Canto que Encanta também foi impactada pela baixa frequência de aproximadamente metade das coralistas (cf. 3.4.3 e 3.4.4). Embora as faltas tenham acontecido por motivos biopsicossociais (impacto direto), a oportunidade de internalização do conhecimento não aconteceu devido a não exposição às situações de aprendizagem (impacto indireto). A aprendizagem e a memória possuem conceitos diferentes, mas estão interligadas porque ninguém poderá se lembrar daquilo que não aprendeu bem como quanto mais um assunto for aprendido, melhor o indivíduo se lembrará dele:

Existe muita confusão em relação a saber onde termina a “aprendizagem” e onde começa a “memória”. Além disso, quando termina a memória a curto prazo e, onde começa a memória a longo prazo? A maioria das distinções que se faz são arbitrárias e se distinguem por várias unidades de tempo. A aprendizagem refere-se a uma mudança de uma tentativa para outra, ao passo que a memória se refere ao intervalo de tempo entre as tentativas. (GRIBBIN, 1979, p.40)

Os esquecimentos e insegurança nas letras das músicas provindos, principalmente da alta rotatividade dos ensaios; e as dificuldades de emissão principalmente devido às próteses inadequadas interferiram na aprendizagem e na execução (desempenho) musical do Coral Canto que Encanta. Entretanto, acredito que as perdas auditivas causaram impactos ainda mais significativos. Se o grupo apenas se reunisse para vivenciar a música, e não se apresentasse publicamente, esse aspecto talvez não fosse tão importante. Durante os ensaios e apresentações, as semitonações e desafinações estiveram presentes o que me estimulou a criar gestos e convencionar sinais para que as coralistas afinassem os trechos a partir da percepção visual já que a musical estava comprometida, provavelmente, pela audição cada vez mais deficiente.

A aprendizagem é medida pelo desempenho (execução) e, muitas vezes, em vez de perceber o resultado da aprendizagem, é possível estar diante do impacto de fatores biopsicossociais. Segundo Grinbbin (1979), “tal distinção é importante, porque, uma vez que estamos aptos a identificar esses fatores, poderemos sugerir técnicas que reduzirão ao mínimo a deficiência de aprendizagem tipicamente observada na idade avançada.” (GRIBBIN, 1979, p.38). Como em qualquer fase, o ritmo da aprendizagem e interesses dos alunos idosos devem ser respeitados. As motivações e interesses devem ser investigadas para ser uma ajuda no processo e não mais uma fonte de impactos negativos. O processo educativo com adultos e idosos deve ser necessariamente participativo e a reflexão desta prática pode gerar modelos e princípios de atuação mais adequados (NERI, 1999). Segundo Freire (2006, p. 26):

Cada um de nós é um ser no mundo. Com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora, significa reconhecer nos outros – não importa se alfabetizando ou participantes de cursos universitários; se alunos de escolas do primeiro grau ou se membros de uma assembléia popular – **o direito de dizer a sua palavra** [grifo meu]. Direito de falar q que corresponde o nosso dever de escutá-los. (...) Mas como escutar implica falar também, ao dever de escutá-los corresponde o direto que igualmente temos de falar a eles. (...) no fundo, *falar com eles*, enquanto simplesmente falar a eles seria uma forma de não ouvi-los.

Assim, procurei conscientizar as coralistas sobre os fatores biopsicossociais impactantes na atividade do Canto Coral e incentivar a responsabilidade delas diante do próprio aprendizado. As queixas e sugestões recebidas com atenção deixaram o grupo estimulado a contribuir. Não só a *palavra* (comunicação verbal) foi ouvida, mas captei outros sinais importantes (comunicação não verbal) – descobri que as risadas durante os exercícios de aquecimento, estavam servindo para *camuflar* as dificuldades das coralistas devido às próteses inadequadas. Ivana (70) e Alzira (62) confirmaram que tinha medo que “a dentadura caísse e ficavam enrolando” (várias balançaram a cabeça, sorrindo, confirmando sentir o mesmo). Assim como o semblante triste pode ser indicativo de desprazer, o riso também pode denotar dificuldades ou ainda desinteresse diante de um repertório diferente ou de algo que demande mobilização para aprender.

Quando planejei o repertório, pensei na seleção de estilos variados. Ao falar sobre essas escolhas, cantei alguns trechos de duas músicas selecionadas⁶⁸ e algumas coralistas demonstraram desinteresse e descaso. Não falei nada no momento, mas senti desânimo em relação a ensaiar essas músicas, uma vez que sem a motivação intrínseca das coralistas, a aprendizagem provavelmente seria dificultada e o clima social do grupo seria prejudicado devido à insatisfação e possíveis comentários de algumas senhoras. Tourinho (2002) afirma que “é costumeiro [o professor] planejar objetivos educacionais no domínio cognitivo e/ou psicomotor, mas é difícil o planejamento de um curso em termos afetivos” (TOURINHO, 2002, p.173). Desta maneira, passei a escutar mais as preferências, procurando incorporar, na medida do possível, as sugestões dadas. Procurei substituir essas músicas preferindo outras que fossem mais similares ao repertório das coralistas. Há alguns anos, acrescentei ao repertório do Coral, a música composta pela coralista Valdina Barbosa⁶⁹ *Saudação a Madre de Deus*. As coralistas sempre cantaram esta música com muita motivação. Kleber (2008) salienta:

Nesse sentido é que as práticas musicais se mostram como um fator potencialmente favorável para a transformação social dos grupos e indivíduos. Poder contar com seus valores musicais no processo pedagógico-musical pode se tornar um ponto significativo para um trabalho de ampliação do status de “ser músico” ou de participar de um grupo musical.

⁶⁸ *O Barquinho* (Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli), e *Como vai Você* (Antônio Marcos e Mario Marcos).

⁶⁹ Nome real.

Durante os anos com o Canto que Encanta, à medida que buscava ampliar minha formação, fui tomando consciência das dimensões psicológicas e sociais envolvidas na Educação Musical. Desta forma, procurei tornar os ensaios mais atrativos procurando evitar tensões no processo de ensino e aprendizagem sem prescindir, é claro, das correções e orientações necessárias para o desenvolvimento do coral. Kleber (2008) afirma:

Cabe ao educador aprender a ler a dinâmica dessa realidade complexa, costurando o saber científico, o saber popular e a prática social. Muitas vezes, as práticas na educação musical enfatizam os estudos das linguagens e idiomas musicais visando dar conta de um repertório prescrito, perpetuando-se assim formas e conteúdos com pouca conexão com a realidade do cotidiano do aluno, além de não contemplar a diversidade dos contextos musicais presentes na textura social. Uma educação musical inclusiva abarca as diversas práticas e manifestações musicais, o que quer dizer que inclui *a priori* os sujeitos que estão envolvidos nela. E incluir quer dizer: considerar seus valores simbólicos sem discriminação e/ou prescrição.

Procurando estar sensível às necessidades dos alunos, o professor poderá descobrir as estratégias de conquista mais adequadas, numa verdadeira “arte de produzir fome” de conhecimento em seus alunos (ALVES, 2002). Libâneo (1986, p. 41) afirma:

Não se contentará, entretanto, em satisfazer apenas as carências; buscará despertar outras necessidades, acelerar e disciplinar os métodos de estudo, exigir o esforço do aluno, propor conteúdos compatíveis com suas experiências vividas, para que o aluno se mobilize para uma participação ativa.

O professor deve envolver o aluno mediante o interesse inicial deste, não devendo, entretanto, permanecer nesta etapa, e sim, utilizá-la como meio inicial para se chegar a outros objetivos do ensino. Entretanto, para alcançar o conhecimento desejado, percorre-se um longo caminho, cheio de idas e vindas e assim, deve-se atentar se as estruturas internas do educando estão realmente prontas ou preparadas para a aprendizagem que se pretende.

São inúmeros os casos de conteúdos que são **trabalhados várias vezes, mas de forma inadequada e no momento inoportuno**, sem que leve à aprendizagem. Posteriormente, quando seria momento do aluno aprender, vem a resistência àquele objeto de conhecimento, em função das experiências negativas anteriores. (VASCONCELLOS, 2002, p.73)

A ênfase deve ser dada na aprendizagem e não no ensino; nem sempre o que o professor ensina é automaticamente assimilado pelos alunos, daí a necessidade de se criar um ambiente social receptivo a dúvidas e questionamentos, não só demonstrados oralmente, mas também por meio de gestos, olhares e outros sinais. Deve-se estar ciente de que a construção do conhecimento não é algo tão simples, pois, enquanto se ensina, muitas conexões são feitas por quem aprende.

Diante disto, o respeito pelo ritmo de aprendizagem do outro e espírito de colaboração devem ser sempre incentivados, e a criatividade do professor e as contribuições dos alunos são igualmente importantes na descoberta de caminhos novos para uma aprendizagem musical cada vez mais significativa. O sucesso educacional depende em muito da constante reflexão do docente diante das dificuldades surgidas e soluções encontradas. É preciso muito estudo, pesquisa e a avaliação constante da própria prática a fim de que o discurso teórico não esteja incoerente com aquilo que é realizado. Além disto, a perseverança deve ser uma das qualidades sempre cultivada, pois o processo de ensino-aprendizagem, *em qualquer faixa etária*, é complexo, inclusive para o educador. Cada *fase*, cada *grupo* e cada *aluno* possuem peculiaridades que devem ser observadas e estudadas embora o processo básico de ensino e aprendizagem seja semelhante em todas as fases da vida.

Durante dez anos atuando neste grupo, não percebi nas coralistas interesse, ou mesmo curiosidade, pela leitura ou entendimento da partitura musical. No entanto, ao longo desse tempo, também não procurei despertá-los para esta realidade que até poderia ser útil, já que a compreensão visual é um auxílio constante quando a percepção auditiva não é tão eficaz. Um exemplo disto é quando aconteceram “semitonações” e eu fiz sinais⁷⁰ que foram interpretados corretamente corrigindo, na maioria das situações, a afinação de maneira imediata. Outra justificativa é que o repertório é composto de músicas menos complexas e, portanto, não sentia a necessidade de introduzir a leitura musical. No entanto, as experiências positivas de outros educadores (PINTO, 2004; LUZ, 2005; ARAÚJO, 2006) neste sentido tem me despertado sobre a inclusão dos idosos na alfabetização musical e execução de instrumentos bem como nas influências disto em seu desenvolvimento pessoal.

⁷⁰ Com o dedo de baixo para cima, indicando que precisam subir a altura da nota.

Não penso em uma pedagogia exclusiva para os idosos, até porque todas as idades estão convivendo juntas na velhice. Muitos dos bloqueios emocionais não foram resolvidos ao longo da vida, muitas das dificuldades rítmicas e melódicas existem pela ausência de estímulo e oportunidade de vivências em fases anteriores. Assim, princípios da Pedagogia ou Andragogia⁷¹ (CAVALCANTI, 1999) podem ser amplamente utilizados em determinados momentos pelo professor que deve perceber como colocá-los em prática nas diferentes situações. A diferença básica entre a velhice e as outras fases da vida seria a existência de uma espécie de “economia prudente de recursos” devido à desaceleração geral do organismo como um todo (CORRÊA, 1996; BEE, 1997). Todavia, em qualquer faixa etária, o *ser humano* aprende melhor quando os assuntos e conteúdos são significativos, úteis e atrativos. A Pedagogia Progressista (ARANHA, 2004), por exemplo, através de seus estudiosos e cientistas, tem desenvolvido princípios educativos primordiais que contemplam todos os aspectos do ser humano, podendo ser norteadora de práxis tanto com crianças como com adultos e idosos.

⁷¹ Ensino de Adultos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na fase final desta pesquisa, recordo a resposta que obtive de um professor de regência⁷² ao perguntar como deveria ser um trabalho de coral com idosos porque eu, enquanto regente, estava vivenciando dificuldades. Ele respondeu com uma dúvida: “Acho que é a mesma coisa que trabalhar com crianças”. Isto eu já tinha certeza que não era porque, na prática, vivenciara as duas realidades e empiricamente, sabia que existiam poucas semelhanças e muitas diferenças. Nesta pesquisa pude comprovar que a velhice contém todas as demais fases da vida, inclusive a da infância, e por isso, seja ainda mais complexa do que percebia ou imaginava no início de todas essas buscas. Quanto mais o ser humano se afasta das fases iniciais do ciclo de vida, mais difícil se torna a generalização e a criação de teorias científicas devido à complexidade de sua constituição influenciada pela cultura (OLIVEIRA, 2004).

Os estudos sobre a velhice tem se intensificado devido, principalmente, ao fenômeno do envelhecimento da população mundial na atualidade. Conhecer e aprender sobre a velhice é relevante para todos os indivíduos e imprescindível para os profissionais que atuam com idosos. Essa pesquisa buscou conhecer os aspectos impactantes no processo de ensino e aprendizagem musical com idosos no município de Madre de Deus, Bahia, no Coral de Idosas *Canto que Encanta*. Segundo a gerontologia, o *envelhecimento* é um processo gradativo que se inicia no nascimento e a *velhice* é a última etapa do ciclo de vida. Se todos aprendessem que a velhice também traz inúmeros aspectos positivos e que é a somatória das outras fases, existiria uma aceitação maior por parte dos próprios idosos e um preparo maior por parte da sociedade ainda não idosa.

Cada ser humano escreve a sua história, apesar das influências genéticas e ambientais e por isso, a *diversidade* é a palavra-chave dos estudos com idosos. Embora sejam abordados e analisados aspectos gerais da velhice, a individualidade humana emerge soberana às generalizações. Comprovei efeitos fisiológicos ligados ao envelhecimento sentidos de maneira individual, mas percebi que a *presbiacusia* impactou significativamente a execução musical geral no Coral das idosas pesquisadas. Apesar de a *presbifonia* ou *disfonias* estarem presentes, suas influências não foram tão

⁷² Por razões éticas, o nome foi omitido.

perceptíveis nas execuções conjuntas. A produção vocal deverá ser melhorada com o uso de próteses dentárias adequadas.

As dificuldades relacionadas à memória podem estar ligadas à rotatividade alta dos ensaios (ou baixa frequência da metade do grupo) e não apenas aos fatores fisiológicos da velhice. As faltas aos ensaios aconteceram por motivos graves e não por desmotivação do grupo pela atividade. Os problemas de saúde das senhoras (e de suas famílias) e as dificuldades financeiras foram as principais justificativas para as faltas. Os fatores fisiológicos estiveram interligados com os psicossociais, tanto aqueles mais característicos da velhice como outros comuns a outras faixas etárias. O desinteresse e resistência diante de novas aprendizagens foram amenizados com a *conscientização* sobre a importância da atividade para a manutenção da qualidade de vida. Enfoquei, por exemplo, que para cantar (e espantar os males) durante muito tempo é preciso preservar a voz e ativar a mente. O hábito da hidratação vocal com água durante os ensaios foi internalizado por aquelas coralistas que puderam ser assíduas e influenciadas pelo processo educativo e de conscientização promovida.

Esse processo de educação e pesquisa vivenciado causou impactos na minha vida pessoal e formação profissional. Como pessoa, confirmei que preciso cuidar de minha saúde mental, física, espiritual e emocional (e social) porque *colherei* na velhice o que tiver *plantado* ao longo da vida. Como educadora, aprendi que aluno é aluno em qualquer fase e que precisa do professor para mediar seu aprendizado. Os limites entre o processo educativo e a pesquisa foram tênues, ambos impactando um ao outro provocando cansaço, muitas vezes, devido à intensidade dos papéis professor-pesquisador realizados concomitantemente. Devido ao envolvimento com as coralistas e com o processo, em alguns momentos, a objetividade pode ter sido comprometida. No entanto, se eu não fosse parte do grupo provavelmente não alcançaria tamanha colaboração das coralistas.

Como pesquisadora, sinto-me feliz com a oportunidade de sistematizar o conhecimento pretendido há algum tempo. Acredito que a flexibilidade foi desenvolvida e a criatividade foi um auxílio nos momentos de mudanças e ajustes necessários para o melhor andamento da pesquisa. Não foram realizadas gravações de todos os ensaios devido ao tempo que seria insuficiente para processar e analisar o material de um ano letivo com dois ensaios semanais. Além disso, supus que estas filmagens influenciariam o comportamento do grupo o que realmente comprovei na prática. As gravações

realizadas, juntamente com as observações diretas, o formulário e a contribuição da fonoaudióloga foram úteis para chegar aos resultados e conclusões desta pesquisa.

As estratégias educativas utilizadas neste contexto poderiam ser desenvolvidas para uma aplicabilidade mais eficiente. As dinâmicas de grupo, por exemplo, deveriam ser mais exploradas o que exigiria além de maior tempo de ensaio, um preparo e planejamento maior da regente a fim de colaborar com a dissolução dos conflitos grupais e fortalecer os vínculos entre as participantes. Em oportunidades futuras de continuidade desta pesquisa ou em novos estudos, estas e outras questões poderão ser resolvidas ou experimentadas.

As tabelas disponibilizadas com os dados coletados e analisados pela Fonoaudióloga Leila (ANEXO D) e por mim (ANEXO F) poderão ser úteis em novas pesquisas, bem como parcerias com outros especialistas contribuirão para o aprofundamento das questões levantadas e de outras novas. Se nessa pesquisa onde estudei o processo educativo-musical em um grupo de idosas, encontrei tanta diversidade entre os indivíduos em um mesmo contexto, quantos fatos novos surgiriam a partir do estudo em contextos diferentes! Assim, novas pesquisas envolvendo os gêneros, classes econômicas diferentes, níveis de escolaridade distintos, formação dos regentes e tantos outros aspectos contribuiriam para a ampliação dos estudos sobre a aprendizagem musical com idosos.

Nos Encontros de Corais de Idosos que participei, percebi que alguns corais tinham componentes mais jovens (entre 40 e 50 anos) e que talvez este fato fosse o responsável pela boa apresentação que realizaram devido à firmeza e à intensidade das vozes mais jovens. Pensando nas dificuldades existentes em corais só de idosos, talvez fosse mais fácil que os idosos fossem inseridos em outros corais (de adultos) e que não existisse essa seleção natural por idade. Será que um *Coral de Idosos* não seria uma forma de exclusão ou de apoio ao preconceito? Por que não incentivar a existência de corais onde os idosos seriam inseridos normalmente? Apesar de ser uma opção, existe o sentimento natural do ser humano de *pertencer a um grupo de iguais*, existente em todas as fases da vida, inclusive e talvez mais necessária na velhice. O que não impede que as *relações intergeracionais* sejam desenvolvidas e exploradas para o crescimento das pessoas envolvidas e da sociedade como um todo.

O conhecimento adquirido ao longo da vida é mantido na velhice, mas os conhecimentos novos podem ser impactados pelos efeitos fisiológicos e psicossociais. É

triste perceber a desigualdade nas oportunidades de acesso à Educação e à Educação Musical que reflete mais uma conseqüência das desigualdades sociais e econômicas de nossa sociedade. Bosi (1994) afirma que “cuidados geriátricos não devolvem a saúde física nem mental e pergunta: “como deveria ser uma sociedade para que, na velhice, o homem permaneça um homem?”. Ela responde com a citação de Simone de Beauvoir⁷³: “seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como homem” (BEAUVOIR, 1970 *apud* BOSI, 1994, p. 80-81). Desta forma, mais uma vez destaca-se a importância do ensino de música em todas as fases da vida do ser humano porque assim todos podem ter acesso ao aprendizado musical em momentos mais oportunos, sem tantos efeitos negativos influenciando este processo, principalmente nos níveis iniciais, que são a base para a aprendizagem posterior.

Todavia, os efeitos impactantes na velhice não devem se transformar em impedimentos para as pessoas idosas desfrutarem do prazer da vivência musical. A atividade musical de canto-coral com idosos é desafiante, mas, uma vez que existe a proliferação de programas voltados para a qualidade de vida dos idosos devido ao envelhecimento da população mundial, cabe aos educadores musicais pesquisarem maneiras eficientes de um trabalho musical com esta faixa-etária. As dificuldades não devem ser motivo para desânimo porque mesmo diante de tantas limitações, potencialidades podem ser descobertas e exploradas. O canto-coral, por ser uma modalidade em grupo, favorece sensivelmente a integração das capacidades e deficiências colaborando para um resultado musical em geral muito positivo e, principalmente, com a qualidade de vida do ser humano.

⁷³ Cf. BEAUVOIR, Simone de. **La vieillesse**. Paris: Gallimard, 1970.

REFERÊNCIAS

APFELSTADT, Hilary. Aplicando Modelos de Liderança no Treinamento de Regentes de Coros. Trad. Edson Carvalho. **Revista Canto Coral**, Brasília, ano I, n.1, 2001.

ALVES, Rubem. A Arte de produzir fome. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 out. 2002. Sabor do Saber, p.6.

ACHE Laboratórios Farmacêuticos S/A. **Álbum de direitos da terceira idade**. 2002.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. [S.l.]: Moderna: 2004.

ARAÚJO, Alzira Maria Bittencourt de. **Musicalização na terceira idade**: experiência inovadora na educação musical. Vitória: [autora], 2006.

BELHAU, Mara. (Org.) **Voz**: o livro do Especialista. vol I. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

BEE, Helen L. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BONILLA, Karine Nunes. Encontros musicais com o grupo da amizade: uma experiência em educação musical com a terceira idade. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 11., 2002, Natal. **Anais...** Natal: UFRN, 2002. p. 366-372.

BOUTIQUE, Nanci Catharina; SANTOS, Lourdes Azevedo dos. Aspectos Socioeconômicos do Envelhecimento. In: _____. **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 1996. Cap. 8, p.83-91.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **IBGE**: Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica n.º 9 - Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil em 2000. Rio de Janeiro: 2002.

_____. Senado Federal. Redação final do Projeto de Lei (nº 3.561, de 1997, na Casa de origem). Câmara nº 57, de 2003. **Estatuto do Idoso**. Brasília, 23 set. 2003. Parecer nº 1301.

_____. Lei nº 8842 de 04 de Janeiro de 1994. **Política Nacional do Idoso**. Brasília: MPAS, SAS, 1997.

_____. **Educação para Todos**: o compromisso de Dakar. Brasília: Unesco, Consed, Ação Educativa, 2001.

CAVALCANTI, Roberto de Albuquerque. Andragogia: a aprendizagem nos adultos. **Revista de Clínica Cirúrgica da Paraíba**, ano 4, n. 6, jul. 1999. Disponível em: <<http://www.cos.ufpb.br/depcir/andrag>>. Acesso em: 31 maio 2007.

CHAN, Thelma; CRUZ, Thelmo. **Divertimentos de corpo e voz**. São Paulo: T. Chan, 2001. 1CD. Faixas 20-24.

CORRÊA, Antônio Carlos de Oliveira. **Envelhecimento, Depressão e Doença de Alzheimer**. Belo Horizonte: Health, 1996.

CORONAGO, Virgínia Maria Mendes Oliveira. Celebrando a vida com doces canções. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS, 3., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: Edufba, 2007.

COSTA, Liana Cândido. Coral de idosos no palco e tensão emocional. Madre de Deus, 2008. Entrevista concedida a Michal Siviero Figuerêdo em 14 fev. 2008.

DOMINGOS, Ana Maria; ZEITOUNE, Regina Célia Gollner. **A mulher idosa no convívio com a família**: uma contribuição para a enfermagem. Rio de Janeiro: EEAN;UFRJ, 1999.

ENCICLOPÉDIA Verbo da Sociedade e do Estado: Antropologia, Direito, Economia, Ciência Política. vol. 5. 2. ed. Lisboa;São Paulo: Verbo, [19--?].

FERRARI, Maria Auxiliadora Cursino. Lazer e Ocupação do Tempo Livre na Terceira Idade. In: _____. **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 1996. Cap. 10, p.98-105.

FLAVELL, John H. **A psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget**. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1992.

FIGUERÊDO, Michal Siviero. Experiências de Gestão de Grupo num Coral de Idosos. In ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 17., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Unesp, 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FROTA, Silvana. **Fundamentos em Fonoaudiologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

GARCIA, Sonia Maria Chada. **Um repertório musical de caboclos no seio do culto aos orixás em Salvador da Bahia**. 2001. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Música, Salvador.

GATTO, Izilda De Barros. Aspectos Psicológicos do Envelhecimento. In: _____. **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 1996. Cap. 11, p. 109-113.

GERAÇÃO. In: AMORA, Antônio Soares. Minidicionário Soares Amora da Língua Portuguesa. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

_____. In: XIMENES, Sérgio. Minidicionário Ediouro da Língua Portuguesa. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2000.

GERONTOLOGIA. Disponível em <<http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Gerontologia>>. Acesso em: 23 nov. 2008.

GREENE, Margarete C. L. **Distúrbios da voz**. Trad. Marco Elizabetzki. São Paulo: Manole, 1989.

GRIBBIN, Kathy. Processos Cognitivos do Envelhecimento. In: _____. **Enfermagem e os idosos**. São Paulo: Organização Andrei Editora, 1979.

GROUT, Donald Jay; PALISCA, Claude V. **História da música ocidental**. Trad. Ana Lúza Faria. Lisboa: Gradiva, 1997.

HAYS, Terrence; MINICHIELLO, Victor. The meaning of music in the lives of older people: a qualitative study. **Sage Publications**: 2005. Disponível em: <<http://www.sagepublications.com>>. Acesso em: 20 set. 2007.

HILL, Manuela Magalhães; HILL, Andrew. **Investigação por questionário**. 2. ed. Lisboa: Sílabo, 2005.

HISTÓRIA de Madre de Deus. **Portal da Cidade**. Disponível em: <<http://www.madrededeus.com/aCidade>>. Acesso em: 17 out. 2008.

INTERNACIONAL Society Music Education. The Isme Declarations of Beliefs. **ISME Newsletter**. 5 nov. 1998. p. 24.

JOLY, Ilza Zenker Leme. Educação e Educação Musical: Conhecimentos para compreender a criança e suas relações com a música. In: HENTSCHKE, Liane. BEM, Luciana Del. (Orgs). **Ensino de Música**: propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Moderna, 2003. p. 123.

KLEBER, M. O. Avaliação em cursos universitário de música: um estudo de caso. In: HENTSCHKE, Liane; SOUZA, Jusamara (Org.). **Avaliação em música**: reflexões e práticas. São Paulo: Moderna, 2003. Cap.10, p. 148.

_____. O. Relato sobre o projeto de ensino de música nas escolas. **Fluxos Musicais**, 02 jan. 2008. Disponível em: <<http://www.fluxosmusicais.com>>. Acesso em: 19. fev. 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Trad. Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEMOS, Naira Dutra. Os Direitos dos Idosos. In: _____. **Conhecimentos essenciais para atender bem o paciente idoso**. São José dos Campos: Pulso, 2003. p. 71-75.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**. São Paulo: Loyola, 1986.

LUBISCO, N. M. L.; VIEIRA, S. C.; SANTANA, I. V. **Manual de estilo acadêmico**: monografias, dissertações e teses. 3. ed. Salvador: Edufba, 2007.

LUZ, Marcelo Caires. **A Educação Musical na Terceira Idade: uma proposta de sensibilização e iniciação à linguagem musical**. 2005. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. Disponível em: Banco de Teses da Capes. Acesso em: 15 jun. 2007.

_____. **Educação Musical na Maturidade**. São Paulo: Som, 2008.

MADRE de Deus. **Viver Bahia**. Disponível em: <<http://www.bahia.com.br/localidade>>. Acesso em: 17 set. 2008.

_____. **Roteiros Ecoturísticos**. Disponível em: <<http://www.setur.ba.gov.br/roteiros/baia/madre.asp>>. Acesso em: 17 set. 2008b.

MALERBO, Maria Bernadete; PELÁ, Nilza T. Rotter. **Apresentação escrita de trabalhos científicos**. Ribeirão Preto: Holos, 2003.

MATHIAS, Nelson. **Coral: um canto apaixonante**. Brasília: Musimed, 1986.

MAYDANA, Celina; BRASIL, Fátima. USIMÚSICA para sentir a vida. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS, 3., 2007. Salvador. **Anais...** Salvador: Edufba, 2007.

MAZARAKIS, Leila Pitangueira Guedes. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Recebida de: <leilamazarakis@gmail.com> em: 25 nov. 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe B. História Oral. Salvador, 2008. Palestra realizada na Universidade do Estado da Bahia, em 16 jun. 2008.

MITRE, Edson Ibrahim. Aspectos Otorrinolaringológicos do Idoso. In: _____. **Conhecimentos essenciais para atender bem o paciente idoso**. São José dos Campos: Pulso, 2003. p. 25-37.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa para a Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro: Bloch, 1981.

NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin. **Velhice e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1999.

OLIVEIRA, Alda. Educação musical e diversidade: pontes de articulação. In: **Revista da ABEM**, n. 14. Porto Alegre, 2006. p. 25-34.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Ciclos de vida: algumas questões sobre a psicologia do adulto. **Educa e Pesquisa**, São Paulo, vol.30, n. 2, ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.org>>. Acesso em: 05 dez. 2008.

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Artigo XXVI, 1948.

PICKLES, Vernon. Music and third age. **Sage Publications**. 2003. Disponível em: <<http://www.sagepublications.com>>. Acesso em: 20 set. 2007.

PINTO, Maria José da Conceição. **Relatório anual de prática de ensino do curso de Licenciatura em Música**. 2004. Monografia (Graduação) - Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, Salvador.

RUSSELL, Joan. Pesquisa com idosos. Salvador, 2007. Entrevista concedida a Michal Siviero Figuerêdo, em 12 nov. 2007. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO MUSICAL, 1., Salvador: UFBA. Tradução: Mara Menezes.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. p.34.

SILVA, Ruy Machado da. **A terceira idade e suas dimensões**. Salvador: Rui Machado da Silva e Marilene Bacellar Baqueiro (autores), 1995.

SOUZA, Tiago Pereira de. **Música e Idoso: uma proposta de intervenção do serviço social com arte**. [200-?]. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro. Disponível em: Banco de Teses da Capes. Acesso em: 15 jun. 2007.

SOUZA, Sônia Leal de. Educação Musical com Idosos. **Textos sobre Envelhecimento**, v.8 n. 3. Rio de Janeiro: Unati, 2005. Disponível em: <<http://www.unati.uerj.br>>. Acesso em: 2007.

SOUZA, Marcos Alvito Pereira de. **Modelo de carta de cessão de direitos e agradecimento**. Disponível em: <<http://historal200602.blogspot.com>>. Acesso em: 20 out. 2008.

SUSTOVICH, Duílio Ramos. **Semiologia do idoso para o clínico**. São Paulo: Sarvier, 1999.

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente**. São Paulo: Moderna, 2003.

TERCEIRA Idade canta no TCA. **AGECOM- Comunicação do governo da Bahia**, Salvador, out. 2007. Disponível em: <<http://www.agecom.ba.gov.br/noticias>>. Acesso em: 08 out. 2007.

TOURINHO, Ana Cristina Gama dos Santos. A motivação e o desempenho escolar na aula de violão em grupo? Influência do repertório de interesse do aluno. **ICTUS: Periódico do Programa de Pós -Graduação em Música da UFBA**, Salvador, 2002, p.157-271, dez. 2002. [anual]

VERENA, Alberti. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Trad. Daniel Grassi. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Trabalho revisado por:

TEXTO&CONTEXTO METODOLOGIA DE PESQUISA CIENTÍFICA E REDAÇÃO
(Assessoria – Consultoria – Normatização – Gramática - Redação)
MARCOS DAL BELLO – (71) 8138.7750 / 8801.1770 / 9135.1634 / 9634.6304
textocontexto@hotmail.com
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8187344906579920>

APÊNDICES

APÊNDICE A - ATIVIDADES REALIZADAS

Jogos de mãos: Nós quatro; A do te cá;

Rodas: Periquito Maracanã; Abre a roda; Tava na Peneira;

Brincadeiras Cantadas: Eu era assim; Aranha Caranguejeira; Quero Namorar (Carmem Mettig)

Trava-Línguas: Pia o pinto; A Aranha arranha o jarro; O Padre Pedro; Num prato comem três tigres;

Canções: O mar estava sereno (para explorar as articulações e emissões das diferentes vogais); Rap do ar (Bia Bedran)

Preparação vocal: respiração com e sem contagem; caretas; sons vocais sem e com altura definida; exercícios de articulação (utilizei os trava-línguas acima); desaquecimento (da voz cantada para a falada – processo inverso do aquecimento)

Vocalizes: em 5ª asc. e desc (graus conjuntos) de meio em meio tom utilizando os nomes das coralistas ou sílabas variadas; Faixas 21 a 24 do Cd de Thelma Chan.

Cânones: Frère Jacques (trad. Francesa); Primavera (desconhecido); Raida (trad. israelita)

Outras: execução de movimento sonoro (Willems) realizado por mim com regência (dedo); batimentos; percepção musical (“é tom maior ou menor?” tocando no teclado).

APÊNDICE B - MÚSICAS DO REPERTÓRIO

Obs: O 1º soprano cantava o corresponde ao tenor.

SEMANA SANTA

Raida (tradicional israelita), em Mi menor;
Cristo no Horto (Peter C. Lutkin/ Sidney Lanier), em Ré Menor, a três vozes;
Ressuscitou (desconhecido) em Fá Maior, a duas vozes: soprano e contralto;
Amar como Jesus amou (Pe. Zezinho), em Dó Maior, uníssono.

ANIVERSÁRIO DA PREFEITA

Não Olhe Assim (Cesar Rossini/César Augusto)* (arr. Michal), em Lá Maior, a três vozes;
Sua Amizade(Silmar Coleta/ arr. Cláudia Cavalcante), em Ré Maior, a duas vozes;
Trem das Onze (Adoniran Barbosa), em Si Menor, uníssono.

ANIVERSÁRIO DA CIDADE (ensaiado, mas não apresentado)

Saudação à Madre de Deus (composta pela coralista Valdina Barbosa), Mi M, uníssono;
Mulher Rendeira (Zé do Norte), em Ré Maior, a duas vozes e contracanto;
Asa branca (Luiz Gonzaga), Dó Maior, a duas vozes no fim refrão (soprano e 1ºsoprano).

VII Encoti PARALELO/2008

Boa Tarde (Thelma Chan), em Ré Maior, uníssono, de meio em meio tom até Sol Maior;
Mulher Brasileira (Benito di Paula);
Eu era assim (tradicional);
Sua amizade(Silmar Coleta/ arr. Cláudia Cavalcante);
Canção da América (Milton Nascimento), em Ré Maior, uníssono.

VII Encoti – TEATRO DO ISBA/2008

Mulher Brasileira (Benito di Paula), em Dó Maior, a duas vozes (soprano e 1º soprano);
Sua Amizade, em Ré Maior, a duas vozes, soprano e 1º soprano.

*Gravação: Leandro e Leonardo.

IV ENCONTRO DE CORAIS DA UATI/Uneb

Mulher Brasileira; Mulher Rendeira e Amizade (Flávio Santos), em Sol Maior, a duas vozes.

NATAL

É Natal (Desconhecido), em Ré Maior, uníssono;

É Maria (Hino católico ensinado pelas coralistas), em Ré Maior, a duas vozes;

Cristo é meu Salvador (Desconhecido), em Dó Menor, a duas vozes.

Glória (Tradicional francesa), em Fá Maior - duas vozes;

Louvação do Natal (Hino católico ensinado pelas coralistas), em Dó Maior, a duas vozes;

Nasceu-nos hoje um menino (Hino católico ensinado pelas coralistas), em Dó Menor, a duas vozes e contracanto.

Noite de paz (Franz X. Gruber/ Joseph Möhr), em Si b M, a três vozes

APÊNDICE C – FORMULÁRIO

(elaborado por Michal S. Figuerêdo)



SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL
CORAL **CANTO QUE ENCANTA**

Ficha Individual**DADOS PESSOAIS**

NOME: _____ APELIDO: _____ IDADE: ____
 DATA DE NASCIMENTO __/__/__ NATURALIDADE: _____
 RESIDENTE NO MUNICÍPIO A ____ ANOS
 ESTADO CIVIL: () CASADA () VIÚVA () DIVORCIADA () _____
 APOSENTADA: () SIM () NÃO FONTE DE
 RENDA: _____ PROFISSÃO: _____
 GRAU DE INSTRUÇÃO: _____

DADOS FISIOLÓGICOS

(Auto-avaliação: ruim, regular, bom, ótimo/ explicações e comentários)

VOZ _____
 AUDIÇÃO _____
 VISÃO _____
 RESPIRAÇÃO _____
 MEMÓRIA _____
 MOVIMENTOS _____
 OUTROS (DEPRESSÃO; ARTICULAÇÃO; CORAÇÃO) _____
 MEDICAMENTOS UTILIZADOS _____

DADOS MUSICAIS

1. Algum parente músico? () não () sim _____
 2. Qual o tipo de música que você mais ouviu na infância e juventude?
 () religiosa () popular () folclórica () internacional ()
 Outra _____
 Alguma em especial? _____
 3. Já participou de corais, grupos musicais ou artísticos, concursos, cursos, etc?
 () não () sim _____

4. Como era a música “de seu tempo”? E hoje? _____

5. Gostaria de aprender a tocar um instrumento? () não () sim _____

6. Para você, o que é música? _____

SOBRE O CORAL

(Quando a resposta for mais de uma opção, numere em grau de importância: 1.º, 2.º, etc)

1. Você está no coral porque...

() gosta de cantar () encontra as colegas () quer ocupar-se () outro

2. Que tipo de música mais gosta de ouvir?

() religiosa () popular () folclórica () internacional () Outra

3. Que tipo de música mais gosta de cantar?

() religiosa () popular () folclórica () internacional () Outra

4. O que você acha mais difícil nos ensaios do coral?

() decorar as letras () cantar afinado () cantar em várias vozes () “manter o fôlego”

() seguir os comandos da prof.^a () movimentar-se cantando () fazer os exercícios vocais ()

5. Como você gostaria que fossem os ensaios?

6. Fale sobre a professora.

7. Gostaria de falar algo que não perguntei? () não () sim _____

AValiação Musical

1. Classificação vocal: () soprano () meio-soprano () contralto () tenor () baixo

2. Habilidades Musicais

Cante um trecho melódico (pedaço de música) de sua escolha.

Música: _____ Tom: _____ Afinação: () sim () não

Agora, que música é essa? (Marcha Soldado) acertou? () sim () não _____

Eu vou tocar Marcha Soldado e você cantar, certo? (nos tons Fá M e Ré M, com introdução)

Esperou a introdução () sim () não _____

Afinação () sim () não _____

Regularidade rítmica () sim () não _____

Expressão Musical (forte, fraco, crescendo, diminuindo, rallentando, acelerando)

Expressão corporal (abriu os olhos, levantou as sobrancelhas, mexeu as mãos, mexeu o corpo, bateu palmas, dançou) _____

Comentários _____

Madre de Deus, ___/___/2008

Assinatura da professora

Assinatura do(a) coralista

APÊNDICE D – MODELOS DOS ROTEIROS DE ENSAIO

CORAL DE IDOSOS **CANTO QUE ENCANTA**Prof.^a e Regente: Michal Siviero

PLANO DE AULA/ENSAIO (Terças e Quintas de 15:00h às 16:30h)

Primeiro Semestre DATA __/__/____

ATIVIDADES	COMENTÁRIOS	DIFICULDADES (PESQUISA)
Integração -15'		
Musicalização – 20'		
Repertório- 40'		
Encerramento-15'		

Quadro 1 - Roteiro de Ensaio 1

CORAL DE IDOSOS CANTO QUE ENCANTA

Profª e Regente: Michal Siviero

PLANO DE AULA/ENSAIO (Terças e Quintas de 15:00 às 16:30)

Segundo Semestre - DATA ___/___/_____

ATIVIDADES	DIFICULDADES (PESQUISA)
Aquecimento	
Repertório- 40'	

Quadro 2 - Roteiro de Ensaio 2

CORAL DE IDOSOS CANTO QUE ENCANTA

Profª e Regente: Michal Siviero

PLANO DE AULA/ENSAIO

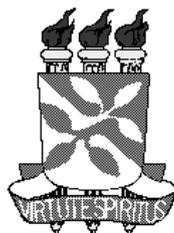
Segundo Semestre (Out-Dez) - DATA ___/___/_____

ATIVIDADES	DIFICULDADES (PESQUISA)
Aquecimento	
Repertório	
Desaquecimento	

Quadro 3 - Roteiro de Ensaio 3

APÊNDICE E – AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE DADOS, VOZ E IMAGEM

(A lista com os nomes/assinaturas foi omitida para preservar a identidade)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
ESCOLA DE MÚSICA - EMUS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA - PPGMUS

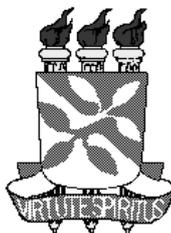
AUTORIZAÇÃO

Eu, coralista do Coral de Idosos Canto que Encanta, participante do Grupo Viver Melhor da Secretaria de Desenvolvimento Social- Sedes, da Prefeitura Municipal de Madre de Deus – PMMD, estado da Bahia, **autorizo a utilização dos dados** fornecidos por mim à Educadora Musical Michal Siviero Figuerêdo, por ocasião de sua pesquisa de Mestrado em Música, pela Universidade Federal da Bahia – UFBA - e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB, para usarem-nos integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, **autorizo a utilização de gravações em áudio e vídeo de minha imagem e voz** que estão sob a guarda da referida pesquisadora para fins de colaboração e divulgação da pesquisa científica ora realizada.

Para tanto, assino meu nome na lista das coralistas participantes, anexo.

Madre de Deus, __/__/2008.

APÊNDICE F - MODELO DE CARTA DE AGRADECIMENTO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
ESCOLA DE MÚSICA - EMUS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA - PPGMUS

AGRADECIMENTO

Agradecemos ao **Coral Canto que Encanta** do Grupo de Terceira Idade Viver Melhor da Secretaria de Desenvolvimento Social da Prefeitura Municipal de Madre de Deus pela inestimável contribuição à Educadora Musical Michal Siviero Figuerêdo, na ocasião de sua pesquisa de Mestrado em Música, pela Universidade Federal da Bahia – UFBA - e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – Fapesb.

A participação de todas as coralistas nos ensaios e na pesquisa muito contribuiu para o conhecimento dos aspectos envolvidos na Educação Musical com Idosos no Canto Coral.

Michal Siviero Figuerêdo
Educadora Musical – Mestranda em Música pela Universidade Federal da Bahia.

Prof. Dr. Luiz César Magalhães
Orientador da Pesquisa – Chefe do Departamento de Composição, Literatura e Estruturação Musical da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia.

Prof. Dr^a Ana Cristina Gama dos Santos Tourinho
Coordenadora em exercício do Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia.

APÊNDICE G – ROTEIRO DO FILME

Canto que Encanta – 2008

A edição de um vídeo foi realizada para mostrar algumas partes do processo educativo-musical e alguns dos aspectos impactantes percebidos durante a pesquisa. As filmagens foram agrupadas em quatro partes: Ensaios, Apresentações, Depoimentos e Extras.

ENSAIOS

1. Aquecimento social, corporal e vocal

Mês de Abril

- Canção “Boa Tarde” (Thelma Chan): Canção que induz movimentos (aperto de mão, abraço) para promover a integração do grupo. Percebe-se a alegria e a descontração. Muitas não seguem os comandos com boa coordenação dos gestos com a letra da música.

- Jogo de Mãos “A do te cá”: Brincadeira utilizada para desenvolver a atenção, a prontidão, a coordenação, a lateralidade e a regularidade rítmica na pulsação. Algumas coralistas demonstram dificuldades (no ritmo e na atenção) e o grupo demora um pouco para obter a sincronia. A professora ensina e corrige com paciência, repetindo várias vezes.

- Vocalise com os nomes das coralistas: exercícios vocais em sequências ascendendo de meio em meio tom. Desafinações acontecem e a professora faz gestos ilustrativos para o grupo repetir trechos. Após estas correções, o grupo melhora um pouco a execução, embora algumas coralistas continuem cantando incorretamente.

2. Músicas do Repertório

Mês de Abril

- “Não Olhe assim”: a primeira vez que as coralistas cantaram esta música neste ensaio. As coralistas dos naipes 1º Soprano e Contralto demonstram ter esquecido o arranjo elaborado pela professora, já ensinado e desenvolvido anteriormente. Esse trecho ilustra como a professora relembra as vozes e procura auxiliar na execução que vai melhorando aos poucos.

Mês de Junho

- “Não Olhe assim”: a mesma música cantada dois meses depois. A execução aparenta melhora em relação à anterior. Esta melhora pode ter acontecido devido à aprendizagem e amadurecimento da peça, mas também pode ser porque neste ensaio, foi cantada no fim deste, com as vozes já aquecidas. Outro fator que pode ter

contribuído na evolução é o fato de o grupo cantar em roda, todas abraçadas, ouvindo-se umas às outras. Foi um momento de emoção contagiante.

APRESENTAÇÕES

Mês de Setembro

- “Mulher Brasileira”: 1ª apresentação, no “Encoti Paralelo”, na escola do Salete (Ensino Fundamental), no bairro dos Barris, em Salvador. Embora não mostrado no vídeo, neste encontro houve ampla interação com as crianças com músicas e peças voltadas para a conscientização sobre o respeito aos idosos.

- “Mulher Brasileira”: andando e cantando ao entrar no palco do Teatro do ISBA, em Salvador, no Encoti 2008. As coralistas parecem descontraídas, fazem gestos e algumas cantam sorrindo. Esta execução é mais fluente que a anterior, provavelmente devido ao acompanhamento no pandeiro por um músico profissional convidado.

- “Sua Amizade”: ainda no Teatro do ISBA. As coralistas que ensaiaram o 1º soprano faltaram e uma que compareceu havia faltado aos ensaios anteriores a esta apresentação: na primeira parte atrasaram as entradas comprometendo a execução. Na 2ª parte, as duas vozes soam corretamente, mas todo o coral não entra a tempo na frase “Com o meu sorriso” (provavelmente, esquecimento da letra) repetindo o ocorrido em alguns ensaios. No final desta música, algumas semitonações.

OBS. Neste evento, optei por ficar numa posição lateral ao coral para que a coreografia (com flores e confetes) em “Sua Amizade” fosse mostrada. Entretanto, refleti que a posição centralizada à frente do coral produz maior segurança, conforme o sentido durante a apresentação na Uneb (infelizmente, ainda não tive acesso ao registro áudio-visual).

Mês de Dezembro

“Natal” no Shopping Barra, em Salvador: o coral apresenta músicas natalinas. No vídeo, as músicas mais conhecidas foram mostradas sem repetições.

a) É Natal (com Play Back): com coreografia. A voz de uma coralista é ouvida segurando os fins das frases. Os cortes em cada verso foram trabalhados durante os ensaios. Como esta senhora faltou os ensaios anteriores... “improvisou” bastante (!!?). Nas músicas subseqüentes, também erra gestos coreográficos, trechos de músicas, além de cantar sobressaindo às vozes das demais coralistas, comprometendo a unidade musical em muitos momentos.

b) Maria, mãe de Jesus (com Teclado – Michal): música sugerida por uma coralista. Faz parte do repertório católico e aceita por todas. Fiz o arranjo a 2 vozes e percebe-se que é executada com portamentos em alguns trechos.

c) Cristo é meu Salvador (com Play Back): Música israelita bem ritmada. Elaborei gestos para ajudar na fixação da letra, principalmente porque era uma música alheia ao repertório das coralistas. No vídeo, a maioria das coralistas está atenta, cantando e realizando os movimentos sincronicamente.

d) Glória nas alturas (com Play Back/ teclado de Michal): executada a 2 vozes e nos finais, a 3 vozes.

e) Louvação do Natal: Também sugerida por uma coralista. Idem comentários letra b.

f) Tudo é Paz: Letra insegura, o naipe do soprano (melodia) canta fraco em relação aos demais.

Nesta apresentação natalina, apesar de tantas imperfeições, o resultado geral foi satisfatório provocando emoção em todas nós. Voltamos todas realizadas para casa...

Nos poucos momentos em que o “câmera improvisado” filmou a regência, esta acontece com veemência e até certo ponto, de maneira exagerada. Talvez para mobilizar o grupo chamando sua atenção. O grupo nem sempre corresponde aos apelos sugeridos pelos gestos e expressões faciais.

Tenho a vívida impressão de que as músicas novas (alheias ao repertório das coralistas) são cantadas de forma mais insegura e com menos intensidade do que àquelas que já fazem parte da vivência delas, ainda que seja com novos arranjos (Ex. Sua amizade x Mulher Brasileira, Louvação do Natal)

DEPOIMENTOS

Foram selecionados alguns dos depoimentos das coralistas. Preferi aqueles onde a dicção favorecesse o entendimento das falas das senhoras. Fica evidente a importância do Coral na vida destas senhoras e o aspecto sócio-humano que a atividade promove. As deficiências relacionadas às próteses inadequadas e mesmo ausência de dentes são visivelmente percebidas.

EXTRAS

Novembro

Esta seção contém algumas partes de um ensaio onde pretendi mostrar: a posição das cadeiras em círculo, diferentemente do 1º semestre em filas; outras maneiras de interação pedagógico-musical; e as brincadeiras “O Ar” e “A Aranha” realizadas no intuito de promover o “Desaquecimento” sugerido pela Fonoaudióloga Leila. Este desaquecimento precisa ser melhorado e ampliado. A menina que aparece neste ensaio é neta de uma das coralistas.

APÊNDICE H – ROTEIRO/COMENTÁRIOS - 25 DE MARÇO DE 2008

(Nomes fictícios)

Ensaio, Terça, 12 presentes...

Justificativas das que faltaram:

Zeny: “gripe estranha”

Tânia: encomenda de salgados que havia esquecido

Áurea: viagem a passeio

Comentários sobre apresentação: Eliana começou a falar sobre a apresentação demonstrando estar bem chateada com Alzira. Comentei com as demais faltantes o que acontecera e pedi que deixássemos para a próxima aula esta avaliação para não virar “conversa”, já que Alzira não estava presente.

Musicalização- Vocalize em 2ª Maior (sílabas “pá”) com ritmo de baião. Depois pedi para baterem o 1º tempo (apenas mostrei batendo a palma). Demonstraram um pouco de dificuldade, se atrapalhavam um pouco ao fazer as duas coisas ao mesmo tempo (cantar um ritmo e bater palma diferente do ritmo da melodia ou do pulso).

Repertório- Havia pensado recapitular o repertório, mas desisti. Pretendia utilizar “Cristo no Horto” para treinar o ouvido das coralistas (harmonia 3 vozes), mas esqueci a partitura. Achei melhor começar algo novo.

1. “Não olhe assim”: Tom G ficou confortável. Fizemos uma versão*. Introduzi 2 vozes (melodia e tenor) em alguns momentos, no fim de 2 frases. Ficou bonito. Elas Tb gostaram.

Obs: Depois de tentarmos várias “rimas e adaptações” para mudar a letra masculina para feminina, aceitamos a sugestão de Evé:

**Não olhe assim, não*

Você é Lindo demais

Tem tudo aquilo que a gente procura

Em um rapaz

APÊNDICE I – ROTEIRO/COMENTÁRIOS - 08 DE ABRIL DE 2008

Terça, 16 presentes

Integração: Ado te cá- em roda, em pé – Expliquei e algumas ajudaram a “consertar a posição das mãos de algumas colegas. Adelaide, Custódia, Nalva e Heloísa erravam muito, c/ movimentos rígidos, nervosos. A maioria, que estava acertando, começou a torcer nariz, murmurar (*hummm*). Reclamei e disse que é assim mesmo, que a gente iria repetir e que ninguém tinha que ficar reclamando e sim ter paciência com quem não estava pegando rápido. Cada pessoa tem uma facilidade pra uma coisa. Também falei pra quem estava errando para observar mais os outros. (Adelaide, por exemplo, além de ficar nervosa, olhava perdido ou para baixo). Aí foram acertando, e eu acelerando o andamento até um ponto que conseguissem. Todos acertaram umas duas vezes. Periquito: Mudei de andamento várias vezes, e todas respondiam de pronto, com atenção e desenvoltura. Aproveitei para mostrar que nessa brincadeira ninguém errou porque todos faziam juntos e não um de cada vez como na ado te ca. “Parece que a gente se preocupa tanto com os outros que acabamos errando”, eu disse.

Musicalização: Vocalize com nomes em graus conjuntos asc. e desc. Num intervalo de 5.^a. (dicção); Movimento sonoro: foi chamado de “muriçoca” (acho que Adenil) por alguém e pegou-depois que fui explicando, foram melhorando a execução. Frere Jacques: cânone- ficou excelente.

Repertório: Não olhe...- uníssono; mudei algumas de lugar para separar em vozes e aproveitei (avisando) para separar Heloísa e Eliana que estavam conversando. Primeiro soprano (Adélia, Verôncia e Luana) e contralto (Zeny pegou bem; Joelma, no final do ensaio, me disse que não gosta dessa voz- contralto- porque sente que fica com ela presa, não sai. Gosta de cantar alto). Deixei Áurea na melodia e ela disse que gosta de cantar fino.

Obs: Ivonete (nome real), ex-coralista, apareceu no meio do ensaio, tulmutuando, uma vez que sempre foi querida pelo grupo (e por mim). Comecei a cantar “Amizade” (que ela gosta) e todas acompanharam. Foi um momento de ternura. Foi rápido, não atrapalhando o ensaio.

APÊNDICE J – ROTEIRO/COMENTÁRIOS - 08 DE JULHO

RETORNO

Terça-feira, dez presentes. Não cantamos, conversamos.

Avaliação do 1º semestre.

Todas ficamos chateadas porque não nos apresentamos na Câmara Municipal no aniversário da cidade. Eu fiz comentários sobre a evolução do coral neste semestre.

Mais uma vez, algumas comentaram sobre a diferença sobre o início do coral e hoje (minha broncas...), principalmente Bela (que chegou de viagem) e Zoraide.

As becas estão causando polêmica – alguns “palhaços estavam usando cabeções iguais aos nossos...no carnaval e nas festas juninas. Não estão mais satisfeitas com as becas velhas...(a cor vermelha da antiga administração que ficou inimiga da atual tem incomodado uma vez que as novas cores são azul, amarelo e laranja...)

Tânia e Heloísa afirmaram que estão com as vozes educadas, que agora não cantam alto (querendo dizer “forte” “gritando”). Perguntei se achavam melhor, elas disseram que sim e que até os filhos já comentaram a diferença.

Quando perguntei se elas gostavam de se apresentar e sentiam falta disto, as respostas choveram e resolvi anotar as respostas de cada uma por vez, repetindo a pergunta sempre que mudava para uma nova participante:

“O que você sente quando sobe no palco?” – Demos muitas risadas e as respostas foram interessantíssimas. Pensei que seria legal gravar estas respostas já que só anotei.

Zeny – Me sinto a própria. Mas o nervoso “tá pau a pau”.

Custódia- Dá um frio na barriga.

Tânia- Eu fico empolgada para os outros verem que cantamos bem, que somos da Terceira Idade, mas não somos derrubadas. A voz sai que nem sinto.

Jurema- Eu fico parecendo que não sou eu. Parece que é outra pessoa.

Zoraide- Não sinto nada. Antigamente quando a pró falava “Zaide” eu comia aço, me tremia toda. Hoje já acostumei.

Bela pegou a “ponga” no assunto de Zoraide e aproveitou:

Bela – Antigamente eu dizia “vou sair desse coral”. As minhas filhas diziam “não saia não, mainha”. Eu pensava “eu não saio” (punho direito batendo na perna de leve). (Por que a senhora queria sair? - perguntei) A senhora dava tanto carão na gente, eu ficava escabreada. No caminho, pró, ia todo mundo comentando dizendo que ia sair...

Perguntei a Lucivone, voltando ao assunto da apresentação.

Lucivone – As mãos ficam geladas e suando. Sinto um nervoso.

Bela– Feliz. Quando vejo tanta gente vendo... a gente renova. A gente fica orgulhosa quando pessoas nossas ficam aprovando (fez o gesto com o polegar “sinal de legal”)

Leandra- Feliz. Graças a Deus. *(comentei que a primeira apresentação de Lealdina foi no TCA!)*. Estou me sentindo feliz até hoje.

Luana- Eu fico ansiosa. Na mesma hora, nervosa. Depois, pronto: quando começa a cantar acaba o nervoso.

Heloísa- Não sinto nada. Só fico triste quando não tem ninguém para assistir. *(No aniversário da cidade em 2007, tinha pouca gente; na feira de produção de 2007, também, nem cantamos porque da demora também em nos chamar)*.

Bela: “Tem umas novas desfazendo das velhas”. *(ela sempre repete isso, ao longo dos anos)* “eu faltei e estavam cochichando”. *(eu disse que poderia nem ser dela...)*

OBS: Fiz comentários sobre Alzira, Áurea e Verônica que são mais novas e que sempre dão opinião, mas que nem por isso querem ser melhor do que ninguém, querem ajudar... Bela disse que não citou nomes e que gostava de Áurea e que não tava falando nisso. (eu respondi que apenas aproveitei a oportunidade porque o comentário dela me fez lembrar que, às vezes, quando uma delas abrem a boca para falar, algumas pessoas fazem cara feia... e que sabia que ela, Bela, não tinha nada a ver já que não estava freqüentando os últimos meses...)

Não sei se deveria ter tocado neste assunto... acho que pode virar fofoca. Apesar de ter falado bem e tentado defender... quem é que sabe?

Bela: Vamos cantar terça-feira próxima e nem ensaiamos?!

APÊNDICE K – ROTEIRO/COMENTÁRIOS - 18 DE AGOSTO

Terça, 17 presentes, dez garrafinhas.

Caretas; vocalises (3 em 3 do re mi re do; 5ª desc; mananhã; badagá); Sua amizade, Mulher brasileira; Maria, Maria – decoramos até a metade; Canção da América.

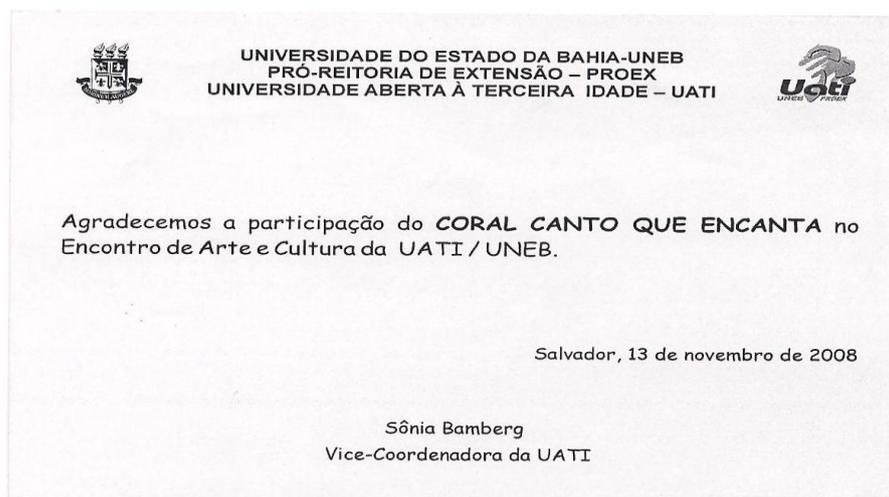
Em Sua Amizade, houve uma parada súbita na entrada de “Com o meu sorriso”. Perguntei o que foi – esqueceram todas ao mesmo tempo! Fui perguntando e chegamos à conclusão que eu tenho que relembrar antes de entrar nas frases ou estrofes que o resto elas lembram. O problema são as entradas.

Como em qualquer faixa etária, basta um intervalo para existir conversas...

Canção da América – caras feias. Eliana cochichando com Bela... Perguntei o que foi, ela disse: “veio de lá essa música, né pro? Não tem como mudar... Eu disse que eu também não tinha gostado mas que já estava começando a gostar porque já estava aprendendo.

ANEXOS

ANEXO A – CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO EM EVENTO

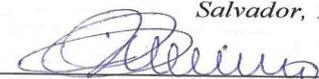


8º Encontro Estadual de Corais da Terceira Idade

Certificado

*Certificamos que, o **Coral Canto que Encanta** participou do 8º ENCOTI Encontro Estadual de Corais da Terceira Idade e das apresentações paralelas em escolas da rede pública estadual e municipal de 19/08 à 12/09/2008, com o tema **Fazendo Cidadania através da Música**, promovido pela Associação dos Servidores Aposentados e Pensionistas da Previdência Federal na Bahia/ Casa do Aposentado e Pensionista ASAP/CAP*

Salvador, 16 de setembro de 2008.


Belanisia Ribeiro dos Santos
PRESIDENTE


Risoleta Silava Barreto
DIRETORA SOCIAL

ANEXO B – FOTOS



Figura 2 - Coral no VII Encoti – 2007 no TCA, Salvador (Mulher Rendeira/Lampião)



Figura 3 - Coral no Natal de 2008 - Shopping Center Barra, Salvador

RECORTE DO JORNAL "MADREDEUSENSE"



Figura 4 - Foto do Coral no TCA (Encoti 2007) no jornal do Município

ANEXO C – FORMULÁRIO/FONOAUDIÓLOGA



Secretaria Municipal da Saúde e Meio Ambiente
Programa de Atenção Psicossocial – PAPS

Setor: Fonoaudiologia

Avaliação Vocal
(Adaptação : Behlau & Pontes, 1995)

Identificação do Paciente:

Prontuário: _____ Data: __ / __ / ____
Nome: _____

QUALIDADE VOCAL

1. Tipo de Voz:

Grau de Alteração: () discreto () moderado () severo () extremo

Inadequação Vocal: () ao tipo físico () à função exercida
() à emoção da fala () inadequação total

Alteração vocal com movimento de cabeça: () dir. () esq. _____

Sistema de Ressonância:

() uso equilibrado
() uso excessivo: () laringe () faringe () cavidade nasal
() uso insuficiente da cavidade nasal
() uso compensatório da cavidade nasal

2. Emissão dos Sons da Fala:

TMF:

/a/: _____ /i/: _____ /u/: _____
/s/: _____ /z/: _____ s/z: _____
Contagem nº: _____ (em ____ segundos)

Articulação:

() normal () indiferenciada () hipertônica
() travada () exagerada

Ataques Vocais: Índice de Ataques Vocais: _____

() isocrônicos () bruscos () aspirados () uso alternado

Distúrbios Articulatorios: _____

Qualidade de Emissão:

- estabilidade flutuações quebras sonoras bitonalidade
 decréscimo na altura decréscimo de intensidade
 uso de ar de reserva

3. Frequência Fundamental:

Pitch:

- agudo mediano grave

Registro:

- elevado modal basal uso divergente

Gama Tonal Habitual:

- normal restrita excessiva monoaltura

4. Intensidade Vocal:

- Loudness:** adequada aumentada reduzida

- Modulação:** adequada excessiva restrita

5. Velocidade da Fala:

- normal reduzida aumentada muito variada

6. Resistência Vocal:

Adequada: _____

- Não Mantém:** qualidade vocal altura intensidade
 articulação velocidade ressonância
 dinâmica respiratória

7. Respiração:

Durante a Anamnese: adequada Inadequada, como? (assinalar abaixo)

- ciclos curtos uso do ar de reserva
 superior volume respiratório insuficiente
 invertida volume expiratório excessivo
 ruidosa volume expiratório insuficiente

- Pausas longas: respiração nasal respiração bucal
 Pausas curtas: respiração nasal respiração bucal

Durante Exame:

Tipo: superior média inferior completa

Modo: bucal nasal naso-bucal

Coordenação fonorrespiratória: adequada inadequada, no nível:

Respiratório: excesso de ar insuficiência de ar

Fônico: hipertonia laríngea hipotonia laríngea

Articulatório: exagero imprecisão alt. Estrutural

8. Estruturas da Fonação:

Lábios, língua, dentes, oclusão, palato duro e mole, mandíbula:

Laringe:

Em repouso: normal elevada abaixada

Em movimentação à fonação: adequada insuficiente excessiva

Dor ao toque? _____

Após manipulação ocorre alteração?

9. Funções Reflexo-vegetativas:

Sucção, mastigação, deglutição:

Coordenação Deglutição-fala:

10. Audição:

Audiometria: _____

Discriminação de altura e intensidade: _____

11. Avaliação Corporal:

Durante a fala: _____

Hipertonicidade específica:

()face ()cintura escapular ()costas ()peito

()dor ao toque de: _____

12. Habilidade Comunicativa:

Organização do pensamento, fluência, expressão de idéias:

13. Psicodinâmica Vocal:

14. Contato Visual:

15. Avaliações Complementares:

Qualidade de vida e Voz:

Termos descritivos para a Voz:

Outras:

Observações complementares:

Terapeuta:

Data: ___ / ___ / ____

ANEXO D – TABELAS DAS AVALIAÇÕES FONOAUDIOLÓGICAS

Tabela 1 - Resumo da Avaliação vocal A

Nome	Idade	Grau de alteração vocal	Sistema de Ressonância	Articulação	Pitch (Frequência na fala)	Gama Tonal Habitual
Alzira	62	Aspereza leve	Equilibrado	Indiferenciada	Agudo	Normal
Tânia	72	Rouquidão moderada	Uso compensatório da Cav. Nasal	Levemente travada	Médio-grave	Normal
Áurea	61	Rouquidão leve	Equilibrado	Travada	Médio	Normal
Adelaide	69	Discreta	Equilibrado	Levemente travada	Médio-grave	Restrita
Custódia	58	Rouquidão e aspereza discretas	Uso insuficiente da Cav. Nasal	Travada	Médio	Restrita
Elisabete	58	Discreta	Hipernasalidade leve	Levemente travada	Grave	Normal
Eliana	74	Discreto	Equilibrado	Normal	Médio-grave	Normal
Heloísa	71	Discreto	Uso excessivo da faringe e compensatório da cav. Nasal	Indiferenciada para os "S"	Agudo	Normal
Ivana	71	Rouquidão, soprodisidade instabilidade discretas	Uso excessivo da faringe	Indiferenciada para fricativas sonoras /z/ e /j/	Agudo	Restrita
Joelma	65	Flutuações Discretas	Equilibrado	Normal	Médio	Pouco restrita
Jandira	66	Discreta piora com movimento de cabeça a direita e flutuações	Uso excessivo da Laringe e Faringe	Travada	Grave	Restrita
Jurema	67	Rouquidão e flutuações discretas	Equilibrado	Normal	Médio com Agravamento	Normal
Leandra	69	Rouquidão discreta em final de emissão	Equilibrada	Indiferenciada	Médio	Restrita
Léa	60	Moderada piora com movimento de cabeça a esquerda, rouquidão e soprodisidade	Equilibrada	Indiferenciada	Médio-grave	Restrita
Lucivone	57	Soprodisidade e Rouquidão Moderados. Quebras sonoras e bitonalidade.	Uso compensatório da cav. nasal	Indiferenciada	Médio	Restrita
Luana	61	Moderada rouquidão com movimento de cabeça a esquerda, rouquidão e soprodisidade discretas na posição normal	Equilibrado	Indiferenciada	Médio-agudo	Restrita

Nome	Idade	Grau de alteração vocal	Sistema de Ressonância	Articulação	Pitch (Frequência na fala)	Gama Tonal Habitual
Luíza	66	Discreta rouquidão e soproidade	Equilibrado	Normal	Médio	Normal
Bela	79	Moderada com flutuações, decréscimo de intensidade, bitonalidade e pigarros	Equilibrado	Travada	Agudo	Normal
Marília	66	Discreta rouquidão com movimento de cabeça a esquerda	Uso excessivo da cav. nasal	Travada	Médio-grave	Normal
Valquíria	72	Discreta piora com movimento a direita, flutuações e decréscimo da intensidade	Equilibrado	Travada	Médio	Restrita
Verônica	59	Soproidade leve	Equilibrado	Indiferenciada	Médio	Normal
Zoraide	78	Rouquidão e soproidade severas. Decréscimo na altura e intensidade	Equilibrada	Indiferenciada	Médio	Restrita
Zeny	62	Discreto	Uso de laringe	Travada	Médio	Normal

Tabela 2 - Resumo da avaliação vocal B

Nome	Idade	Loudness (Intensidade)	Coordenação Pneumofônica	Estruturas da Fonação	Percepção auditiva
Alzira	62	Adequado	Adequada	Uso de prótese total (atrapalhando fonação)	Relata ouvir bem
Tânia	72	Adequado	Uso do ar de reserva	Uso de prótese total (atrapalhando fonação)	Relata sentir perda
Áurea	61	Adequado	Adequada	Uso de próteses parciais (atrapalhando fonação)	Relata ouvir bem
Adelaide	69	Reduzido	Insuficiência de ar	Uso de prótese total (atrapalhando fonação)	Relata ouvir bem
Custódia	58	Adequado	Insuficiência de ar	Uso de prótese total (atrapalhando fonação)	Relat a ouvir bem
Elisabete	58	Aumentado	Adequada	Não faz uso de prótese	Relata ouvir bem
Eliana	74	Adequado	Uso do ar de reserva	Uso de prótese total (não atrapalhando fonação)	Relata ouvir bem
Heloísa	71	Adequado	Adequada	Uso de prótese total (atrapalhando fonação)	Relata ouvir bem
Ivana	71	Adequado	Uso do ar de reserva	Uso de próteses parciais (atrapalhando fonação)	Relata ouvir bem
Joelma	65	Adequado	Insuficiência de ar	Uso de prótese total (atrapalhando fonação)	Perda auditiva na orelha esquerda
Jandira	66	Reduzido	Insuficiência de ar	Palato com alteração morfológica e uso de prótese total sup. (atrapalhando a fonação)	Relata ouvir bem
Jurema	67	Normal	Insuficiência de ar	Uso de prótese total (não atrapalhando fonação), presença de RGE*	Relata ouvir bem
Leandra	69	Reduzido	Insuficiência de ar	Uso de prótese total folgada (atrapalhando fonação)	Perda auditiva leve em ambas as orelhas
Léa	60	Reduzida	Hipertonia Laringea	Ausência de 02 unidades dentárias, dificuldade na protrusão lingual	Relata ouvir bem
Lucivone	57	Reduzido	Insuficiência de ar e imprecisão articulatória	Dificuldade na coordenação de palato mole, uso de próteses totais (dificultando articulação) e língua geográfica	Relata ouvir bem
Luana	61	Adequado	Insuficiência de ar	Ausência de 04 unidades dentárias, desgaste central. Possível DTM	Relata ouvir bem
Luíza	66	Adequado	Adequada	Uso de prótese total (não atrapalhando fonação)	Perda auditiva moderada na orelha esquerda
Bela	79	Adequado	Adequada	Uso de prótese total (atrapalhando fonação)	Relata dificuldade para ouvir na orelha direita
Marília	66	Adequado	Adequada	Arcada inferior apenas c/2 caninos. Arcada superior com restos radiculares e ausência das unidades dentárias. Mobilidade de língua restrita	Perda auditiva moderada a profunda na orelha esquerda

Nome	Idade	Loudness (Intensidade)	Coordenação Pneumofônica	Estruturas da Fonação	Percepção auditiva
Valquíria	72	Reduzido	Imprecisão articulatória	Uso de prótese total (atrapalhando fonação)	Relata ouvir bem, mas sente zumbidos
Verônica	59	Adequado	Uso do ar de reserva	Ausência dos molares inferiores. Sente na laringe quando tocada a esquerda na cartilagem tireóidea	Relata ouvir bem
Zoraide	78	Reduzido	Insuficiência de ar e imprecisão articulatória	Usa prótese total sup. e não utiliza a inf. mesmo com ausência total dos dentes inf. (prejuízo a fonação)	Relata ouvir bem
Zeny	62	Adequada	Excesso de ar e hipertonia laríngea	Usa prótese total superior e paciais inferior. Língua e palato com morfologia e movimentos adequados	Relata dificuldade recente em ouvir

Tabela 3 - Tempos Máximos de Fonação A

Nome	Idade	TMF /a/ (Média em segundos)	TMF /i/ (Média em segundos)	TMF /u/ (Média em segundos)	TMF /s/ (Média em segundos)
Alzira	62	10,33"	20"	19"	13,66"
Tânia	72	16,5"	19"	14,8"	13,6"
Áurea	61	23"	21,66"	26"	13,33"
Adelaide	69	9,66"	9,33"	8,5"	4,66"
Custódia	58	15,66"	9,33"	16"	11,66"
Elisabete	58	13"	16"	14,33"	8,66"
Eliana	74	8"	9"	8,33"	6,66"
Heloísa	71	9,16"	7,33"	8"	9,66"
Ivana	71	6,16"	6,83"	5,23"	9,66"
Joelma	65	13,66"	11,33"	14"	10"
Jandira	66	11"	11,33"	13,33"	10,33"
Jurema	67	9,8"	12"	10"	10,66"
Leandra	69	9,26"	11,23"	13"	6,83"
Léa	60	19"	22,33"	19"	10"
Lucivone	57	7,6"	7,9"	6,76"	9,93"
Luana	61	7,99"	10,15"	9,33"	12,66"
Luíza	66	13"	18,33"	15,66"	12"
Bela	79	9"	10"	9,66"	12"
Marília	66	6,56"	7,51"	8,65"	11,33"
Valquíria	72	10,66"	9,66"	11"	12"
Verônica	59	10,34"	16,33"	13"	11,44"
Zoraide	78	11"	9,33"	6,66"	*6,33"
Zeny	62	23"	23"	22"	17"

Observação: O TMF considerado normal é de 18 a 20, não especificamente para idosos, mas para adultos em geral.

Tabela 4 - Tempos Máximos de Fonação B

Nome	Idade	TMF /z/ (Média em segundos)	Relação S/Z	Contagem em única inspiração (duração em segundos)	OBSERVAÇÕES
Alzira	62	11,33"	1,20	Nº 28 em 15"	
Tânia	72	8"	1,7	Nº 47 em 28"	
Áurea	61	9,66"	1,38	Nº 30 em 11"	
Adelaide	69	4.66"	1,0	Nº 27 em 10"	
Custódia	58	*	*	Nº 30 em 10"	* não conseguiu emitir /z/ ou /v/
Elisabete	58	6"	1.44	Nº 17 em 11"	
Eliana	74	6"	1.11	Nº 24 em 9"	
Heloísa	71	7"	1.38	Nº 26 em 11"	
Ivana	71	*	*	Nº 15 em 7"	* não conseguiu emitir /z/ ou /v/
Joelma	65	13.66"	0.73	Nº 30 em 13"	
Jandira	66	10"	1,03	Nº 30 em 15"	
Jurema	67	14"	0.76	Nº 30 em 11"	
Leandra	69	6.61"	1.03	Nº 16 em 10"	
Léa	60	13"	0.76	Nº 29 em 17"	
Lucivone	57	*	*	Nº 30 em 11"	* não conseguiu emitir /z/ ou /v/
Luana	61	6,33"	2	Nº 20 em 11"	
Luíza	66	16,33"	0.75	Nº 24 em 17"	
Bela	79	9,67"	1,24"	Nº 20 em 11"	
Marília	66	5.8"	1.95	Nº 28 em 13"	
Valquíria	72	8,33"	1,44	Nº 16 em 10"	
Verônica	59	10.48"	1.09	Nº 35 em 13"	
Zoraide	78	*5"	*1.26	Nº 19 em 9"	* uso do /f/ e /v/ e relação f/v. Não conseguiu emitir o /s/ e /z/
Zeny	62	14"	1,2	Nº 60 em 35"	

ANEXO E – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO (FONOAUDIÓLOGA LEILA)

Observação de Ensaio de Canto Coral para 3ª Idade

Madre de Deus - Bahia

Data: 29 de abril de 2008

Professora e regente: Michal Siviero

Presentes: 20 componentes de um total de 26 coralistas.

Relatório de Fonoaudiologia

Fonoaudióloga: Leila Pitangueira Guedes Mazarakis

Convém ressaltar que as observações a seguir foram feitas antes de quaisquer avaliações ou orientações às coralistas.

Ao ser apresentada a turma, percebi grande excitação e temor de algumas integrantes do coral.

Como proposta inicial, a regente apresentou atividade de integração leve, trabalhando atenção, ritmo, velocidade, propriocepção e coordenação psicomotora. A turma reunida em círculo, brinca de “Adoleta”, cantando e batendo palmas, atentas a letra e ao clímax da brincadeira.

A introdução da ludicidade e lazer a prática do canto coral merece menção positiva, pois contribui para aspectos cognitivos e aciona zonas cerebrais de recompensa e prazer.

Dando prosseguimento ao aquecimento, a regente inicia exercícios vocais propriamente ditos. Foi interessante o uso de vibração de língua, pois contribui para o aquecimento vocal, propiciando maior mobilidade de todo trato vocal, da orofaringe a subglote (ou seja, da boca a região abaixo das pregas vocais). Entretanto, convinha perceber que nem todas as integrantes do grupo faziam o exercício ou o faziam adequadamente. (Em outra oportunidade, sugeri a regente que, em alternativa a vibração de língua, aquelas que apresentassem dificuldade fizessem vibração de lábios, um pouco menos eficaz, mas muito mais simples).

A vibração de língua continuou sendo introduzindo o exercício glissando ascendente. Neste exercício, há um aumento de tonalidade do grave para o agudo, de maneira contínua. A regente permaneceu ascendendo em diferentes escalas e, por vezes, retornava a oitavas mais baixas, mesclando. Esse exercício propicia o controle da tensão da prega vocal (seu estiramento e encurtamento), além de trabalhar a percepção auditiva dos diferentes tons e pequenas nuances tonais.

A seguir, foram propostos exercícios de sobrearticulação. O que tem importância no que se refere a projeção vocal e clareza da pronúncia. Sabe-se que nesta faixa de idade, uso de próteses e ausência de unidades dentárias, além da flacidez dos músculos orofaciais, constituem grande obstáculo para a inteligibilidade da fala, sendo esta dificuldade estendida as letras de músicas.

Em seguida, foram trabalhadas a capacidade respiratória e pneumofônica com a emissão de consoantes fricativas surda /x/ e sonora /z/. Entretanto, da mesma maneira observada em relação a vibração de língua, muitas delas pareciam não fazer o exercício com bom rendimento.

Muito interessante também o treino de registros diferentes: de peito e de cabeça. Em termos vocais, esse domínio pode conferir a voz maior extensão e brilho, uma vez que as mudanças de tom podem ser conseguidas, por técnica, sem sobrecarga as pregas vocais e utilizando as caixas de ressonância naturais do corpo.

Durante os exercícios, a regente chamou a atenção das coralistas com relação à postura corporal. Vale ressaltar que em boa parte do aquecimento e ensaio, as senhoras estiveram sentadas em cadeiras baixas de braço. Tal mobiliário não é o ideal ao melhor aproveitamento da voz, sugeriria o uso de cadeiras altas ou alternância entre ficar de pé e sentadas. É necessário que o abdome e diafragma tenha mobilidade e possibilidade de oferecer apoio ao prolongamento de frases e sílabas dentro da música. Além de ampliar a capacidade respiratória por aumentar a expansão intercostal (entre costelas), diminuindo as tensões cervicais e escapulares.

A regente propôs de forma lúdica e técnica vocalize com os nomes das componentes do coral. Essa prática é sempre repetida, inclusive durante a chamada (frequência).

Encerrado o aquecimento vocal, o grupo iniciou o treino de algumas músicas. No grupo, percebi relativa carência de vozes graves e de sustentação aquelas presentes.

Quando não orientadas pela regente, tendem a tons altos. Entretanto, a mediação da professora consegue harmonizar as vozes.

Durante o canto de música bastante conhecida do grupo, a segurança as faz cantar com maior expressividade e alegria, havendo boa harmonia e adaptação ao arranjo.

Convém ressaltar que a utilização de água durante o ensaio não representa maioria do grupo, apesar da cobrança constante da regente e a tentativa de conscientizar o grupo.

No aspecto psicossocial, não hesitaria em afirmar os benefícios visíveis do convívio social e da atividade na motivação individual das componentes.

Obs: Ao fim da observação, relatei à regente as sugestões e elogios, como descritos ao longo do relatório.

ANEXO F – TABELAS (FORMULÁRIOS)

Tabela 5 - Dados Pessoais

NOME	ID	NATUR.	Veio Madre	p/	EST.CIVIL	FILHOS	APOS	RENDA	PROFISSÃO	ESCOLA
1.Adélia	57	Mª Guarda	c/ 20		Casada	1	N	Marido	Do lar	4ª
2. Custódia	57	S.Sebastião	c/47		Casada	4	N	Marido	Do lar	3ª
3. Lucivone	57	Madre			Casada	2	N	Marido	Do lar	7ª
4.Elisabete	58	S.Sebas	mocinha		Solteira	1	N	Lava roupa	Lavadeira	5ª
5.Verônica	59	Ruças-CE	Há 11 anos		Viúva	2	S	INSS	Secretária	Ensino Médio
6.Léa	60	S.Estevão S.F.Conde	c/ 9 anos		Separada	6	N	Biscate	Do lar	4ª
7.Áurea	61	Madre	-		Separada	3	S	INSS	Auxiliar de Enfermagem	5ª
8. Luana	61	Madre	-		Casada	9	N	Marido	Marisqueira; Do lar	2ª
9. Alzira	62	Madre	-		Separada	?*	N	Casa alugada	Do lar, maris- queira, “Barraqueira”	5ª
10.Zeny	62	Bom Jesus	Bebê		Viúva	6	S	INSS/ Pensão	Do lar; Serviços gerais	4ª
11.Marília	63	Santo Amaro	(Zeca)		Viúva	6	S	INSS/ Pensão	Merendeira	5ª
12.Joelma	64	Madre			Casada	7	S	INSS	Ajudante de Cozinha	3ª
13.Jandira	66	Senhor do Bonfim-BA	Há 42 anos		Viúva	9	S	INSS	Porteira de escola	3ª
14.Luíza	66	Maceió	C/ 40		Viúva	1	S	Pensão	Do lar	5ª
15.Jurema	67	Madre			Divorc.	10	S	INSS	Auxiliar de Enfermagem	4ª
16.Nalva	69	S. F.Conde	c/24		Casada	9	S	INSS (aut.)	Do lar	3ª
17.Leandra	69	Madre			Casada	4	N	Marido	Do lar	3ª
18.Adelaide	69	Ilha Frades	Há 34		Casada	9	N	Marido	Do lar	6ª
19.Ivana	70	Candeias	C/37		Separada	4	N		Costureira	5
20.Heloísa	71	Madre			Viúva	1	S	INSS/ Pensão	Do lar	1ª
21.Tânia	72	Madre			Viúva	7	S	Pensão	Do lar	2
22.Valquíria	72	Madre			Casada	6	S	INSS	Do lar; Marisqueira	5ª
23.Eliana	73	Mª Guarda			Casada	Não tem	S	INSS	Bordadeira	4ª
24.Zoraide	78	Madre			Casada	4	S	INSS	Professora	Ensino Médio
25.Bela	79	Madre			Viúva	7	S	INSS/ Pensão	Marisqueira	3ª

*Dado não coletado.

OBS.:

- o item “ESCOLA” se refere ao grau de instrução. As séries se referem ao antigo Ensino Primário ou Ginásial, atual Ensino Fundamental (sem a última alteração para 9 anos)

- A abreviatura “APOS” significa “Aposentada?”

Tabela 6 - Auto-avaliações

NOME	IDADE	VOZ	AUDIÇÃO	ÓCULOS	PROT	RESP	MEMÓ	MOVI	DOENÇAS
1. Adélia	57	RE	O	-	-	O	O	O	-
2. Custódia	57	RE	O	ATU	DES	RU	RE	O	Pressão alta; má circulação.
3. Lucivone	57	RU	O	DES	DES	B	B	B	-
4. Elisabete	58	B	O	ATU	DN	B	RE	B	-
5. Verônica	59	O	O	ATU	?	O	O	B	-
6. Léa	60	RE	RE	DES	DN	RE	RU	RU	Artrose, gastrite, dor de cabeça.
7. Áurea	61	B	RE	DES	DES	O	B	O	Pressão a; calcificação ombro
8. Luana	61	RE	RE	ATU	DES	RU	RU	B	Hérnia na coluna, osteoporos e, pressão variante; dores nas pernas.
9. Alzira	62	O	B	DES	DES	B	RE	O	Labinrite (?); dor no peito.
10. Zeny	62	Re	RE	ATU	DES	RE	RE	RE	Pressão alta; má circulação; diabetes tireóide.
11. Marília	63	RE	RU	DES	DES	RE	O	B	Labinrite; tem marcapasso
12. Joelma	64	RE	B	DES	DES	RE	RE	B	-
13. Jandira	66	RE	RE	ATU	DES	RU	RE	B	Pressão alta; Gastrite; dores no braço direito, coluna e na cabeça; insônia.
4. Luíza	66	RE	RE	DES	DES	RE	O	B	Diabetes; artrose no joelho. Tem 3 rins!
15. Jurema	67	RE	RE	DES	ATU	O	RE	RU	Pressão alta; artrose/ joelho.
16. Nalva	69	RE	RE		?	B	B	O	Nervoso (que a faz esquecer as coisas)
17. Leandra	69	RE	RE	DES	DES	B	RU	B	Pressão alta.

18. Adelaide	69	RE	RE	DES	DES	B	RE	RE	Pressão alta; artrose
19. Ivana	70	RE	O		?	B	RE	O	Pressão alta; artrose; rinite.
20. Heloísa	71	O	O	DES	DES	O	O	O	Pressão alta; bursite; Glaucoma
21. Tânia	72	B	O	ATU		O	RE	O	
22. Valquíria	72	RE	RE	DES	DES	RE	RU	RE	Pressão alta; estresse; depressão. Dedo gatilho; labirintite.
23. Eliana	73	OT	B	ATU	DN	B	B	RE	-
24. Zoraide	78	RU	BO	não usa	ATU	RE	RE	B	
25. Bela	79	RE	RE	ATU	DES	RE	RE	B	Artrose no pé eq; queda pressão ocular; catarata.

***Legenda:** O: Ótimo/B: Bom/RE: Regular/DES: Desatualizado/ ATU: Atualizado/DN: Dentes Naturais

Tabela 7 - Avaliações Musicais

NOME	Idade	Voz/ Extensão	Afinação	Ritm o	Percepção - Reconhec. melodias	Percepção da introdução	Expressão Musical
1. Adélia	57	soprano	S	S	S	S	Fraco (esqueceu a letra)
2. Custódia*	57	2º soprano (1º sop) Insegura (F2-F#4)	N S	N N	N S	N N	-
3. Lucivone	57	2º soprano	S	S	S	S	-
4. Elisabete	58	2º soprano D2-G4	S	S	S	N	-
5. Verônica*	59	(1º sop.)	S	S	S	S	-
6. Léa	60	2º soprano C3-C4	S	N	S	S	-
7. Áurea	61	1º soprano Até A4 c/ facilidade	S	S	S	S	Forte; Crescendo
8. Luana	61	1º soprano Até F4	S	S	S	N	Forte. Fraco
9. Alzira	62	1º soprano	S	S	S	S	Fraco; Crescendo
10. Zeny	62	2º soprano	S	N	S	S	Rallentando
11. Marília	63	2º sop A2-F#4	S	S	S	S	-
12. Joelma	64	Contralto E2-D3 pe	S	S	S	S	Crescendo
13. Jandira	66	Voz grave. Rouca confusa	N	S	S	N	-
14. Luíza	66	soprano Boa extensão (escora)	N	S	S	N	Forte
15. Jurema	67	soprano E2-G4 c/ brilho!	S	S	S	S	Forte; diminuindo.
16. Nalva	69	soprano	S	S	S	S	Fraco e legatto
17. Leandra	69	soprano	S	S	S	N	Crescendo

NOME	IDADE	Tom de VOZ.	Afinação	Ritmo	Percepção - Reconhecimento de melodias	Percepção-Entrada após introdução	Expressão Musical
18.Adelaide	69	2º soprano E2 - E4	S	S	S	S	-
19.Ivana	70	Contralto G2-C4 pe	S	S	N (reconheceu, mas não lembrou a letra)	S	Fraco
20.Heloísa	71	2º soprano E2-G4	S Desafinou em algumas notas	S	S	S (insegura)	-
21.Tânia	72	2º soprano E2-G4	S	S	S	S	Forte
22.Valquíria	72	1º soprano Boa extensão	S	N	S	S	Cresc; dimin.
23.Eliana	73	1º soprano Boa extensão	S	S	S	N	F, Cresc. Dimin.
24.Zoraide	78	Contralto 1 oit. F2-G3	S	S	S	S	-
25.Bela	79	2º soprano 1 oit. C3 -C4	S	S	S	S	Fraco

OBS.:

- Os comentários em vermelho referem-se à segunda avaliação da coralista. Foram mantidos os dois resultados para fins comparativos (na continuação da avaliação musical também);

-A avaliação de Verônica foi realizada ao longo dos ensaios: devido a imprevistos, não foi possível realizar sua avaliação formal durante o preenchimento do formulário, daí a ausência de alguns dados na tabela.

Tabela 8 - Avaliações Musicais 2

NOME	IDADE	EXPRESSÃO CORPORAL	MÚSICA LEMBRADA	TOM	COMENTÁRIOS
1. Adélia	57	Balançou a cabeça no pulso e bateu os dedos, sem barulho, no pulso.	Mulher Rendeira	B	Voz limpa e firme
2. Custódia	57	Balançou a cabeça no fim da frase, idem no ritmo junto com mão na perna, ar sorridente, relaxada.	Ave, cheia de graça (insegura, meio recitando) Prece ao vento (TRD.)	Bb Gm	Disse que tem medo de errar pq os outros falam. Confirmou que estava mais à vontade
3. Lucivone	57	Abriu olhos; levantou sobrancelhas; mexeu as mãos no ritmo da melodia, às vezes	Mulher Rendeira	G	Em Fá, cantou Marcha Soldado 1 8; <u>disse que a garganta estava inflamada</u>
4. Elisabete	58	Abriu olhos; levantou sobrancelhas; mexeu as mãos e o corpo; sorriu	Paixão de um homem – Waldick Soriano	B/Bm	Cantou Não olhe sem eu solicitar e disse “Adoro essa música”; franziu testa e entrou atrasado na intro; Em Fá, cantou Marcha Soldado 1 8;
5. Verônica	59	-	-	-	Voz firme, leve vibrato, segura, afinada e facilidade para cantar harmonicamente.
6. Léa	60	Mexeu as mãos; olhos baixos no teclado.	(não lembrava de nada)	-	Rouca; voz falhada. Disse que se aborreceu antes e fica rouca
7. Áurea	61	Abriu olhos; levantou sobrancelhas; mexeu as mãos e o corpo; dançou.	Não olhe Assim	G	Gosta de cantar na região aguda aguda; voz anasalada. Em F Marcha S..cantou 1 8 acima, “esganado”.
8. Luana	61	Mãos para trás; Levantou as sobrancelhas e olhos.	Saudação a Madre de Deus – Valdina Barbosa	B	Insegura, agoniada em cantar s’- disse que não gosta de cantar só porque falta o fôlego e não tem quem “encubra”
9. Alzira	62	Abriu olhos; levantou sobrancelhas; mexeu as mãos.	Você chega em casa mais cedo	Em	Voz limpa, expressiva; segura, faz duo.
10. Zeny	62	Mexeu o corpo; sorriu no final	Minha serás eternamente – Orlando Dias	D	Parece que a respiração assustada faz atrasar as entradas, provocando irregularidade rítmica
11. Marília	63	- mão paradas no teclado	Cinderela (/)	Gm	Cantou 1 8 em R e m F. Cantou agudo qdo pedi; voz tendenciando ao agravamento;
12. Joelma	64	Olhos sorridentes; palmas sem som.	Agora é cinza: Bide /Marçal 1933Carnaval	F	Começou a sentir diferença na voz h00 á 1 ano.

NOME	IDADE	EXPRESSÃO CORPORAL	MÚSICA LEMBRADA	TOM	COMENTÁRIOS
13.Jandira	66	Mexeu as mãos no pulso;	Carneirinho	Ab	-
14.Luíza	66	Marchou, deu uma volta sorrindo.	Não olhe Assim	F	Ansiosa p/ acabar logo (tinha 3 pessoas na sala – ela disse que não tinha problema)
15.Jurema	67	Abriu olhos;mexeu o corpo. (olhos no teclado)	Beijo Roubado ?	Não consegui	Em Fá, cantou Marcha Soldado 1 <u>8</u> ;
16.Nalva	69		Pau no Gato	G	-
17.Leandra	69	Balançou a cabeça no pulso; mãos cruzadas na frente da barriga.	Parabéns	D	-
18.Adelaide	69	Mexeu as mãos;	Assim se passaram 10 anos	B	Em Fá, cantou Marcha Soldado 1 <u>8</u> ; <u>fizemos duo em “Asa branca”.</u>
19.Ivana	70	Abriu olhos; levantou sobranceiras; balançou a cabeça no pulso; braços cruzados; risonha.	Estou pensando em Deus – Pde Zezinho	B	Voz soprada, meio “presa” c/ pouco volume;
20.Heloísa	71	Levantou sobranceiras; mexeu as mãos e o corpo.	Trem das Onze Adoniran Barbosa	F#m	Em Fá, cantou Marcha Soldado 1 <u>8</u> ; <u>Em Ré</u> , ritmo irregular. Voz anasalada.
21.Tânia	72	Abriu olhos; levantou sobranceiras; mexeu o corpo.	Raiou a manhã florida- Adovaldo	F	Em Fá, cantou Marcha Soldado 1 <u>8</u> .
22.Valquíria	72	Abriu olhos; mexeu o corpo.	“Moro” ‘não tem bloco na rua”	B	<u>8</u> em Fá e 8 ac em ré. <u>Pouca intensidade.</u> “Moro” cantou mezzo-forte.
23.Eliana	73	Marchou	Meu primeiro amor- H.Gimenez, J.Fortuna e Pinheirinho	B	Respiração barulhenta; mau hálito
24.Zoraide	78	Mãos na frente do corpo, paradas.	Abre a roda	A	Em F: 1 <u>8</u> . Em D, desafinou – agudo d+
25.Bela	79	Semblante alegre, cabeça baixa	Tindolelê, minha nega	C	-

ANEXO G - COMENTÁRIOS DAS PARECERISTAS

Mensagem recebida por <mackelyrb@gmail> em 30 abr. 2008, 14:24:

Gostaria de salientar que o trabalho é muito importante tanto para a área de música/educação musical quanto para as áreas que envolvem a terceira idade. As impressões que tive sobre dissertação foram as melhores possíveis, trata-se de um trabalho muito bonito e consistente, que apresentou um forte envolvimento da pesquisadora. Neste trabalho foram levantadas questões importantes, que, ao meu ver, necessitam ser aprofundadas numa futura tese de doutorado. Com a tendência para o envelhecimento da população, tanto no Brasil como em outras partes do mundo, se faz necessário estudos voltados para este público. A Música/Educação Musical se apresenta como uma importante ferramenta não apenas para o entretenimento, mas também como alternativa para o desenvolvimento humano, intelectual e para a busca de uma melhor qualidade de vida. (Mackely Ribeiro Borges, Etnomusicóloga)

Mensagem recebida por <joanapoubel@gmail.com> em 24 abr. 2008, 14:38:

Em relação a primeira impressão que tive do trabalho: foi altamente positiva. Procurou de forma objetiva relatar a pesquisa, os resultados, as relevâncias... Todos os gráficos tinham uma boa colocação, acompanhados de discussões e referenciais. Qualquer pessoa pertencente ao assunto ou não, consegue entender perfeitamente o objetivo do trabalho... Mas o que mais me impressionou, principalmente quando assisti a filmagem foi o poder que a música tem em transformar essas mulheres... Mulheres domésticas, do lar, lavadeiras... Muitas, depressivas... E no momento em que estão cantando... É mágico... Elas esquecem a dura rotina e incorporam a artista. E o mais bonito de tudo, elas não recebem para isso... Fazem simplesmente por amor... Esse trabalho é muito mais do que simplesmente aula de música... É serviço social, auto ajuda, valorização pessoal, terapia. Fico feliz em existir um trabalho desse nível na cidade de Madre de Deus, tornando-se exemplo para outros municípios. (Joana Poubel, Fonoaudióloga).

Mensagem recebida por leilamazarakis@gmail.com em 03 de maio de 2009, 23:08:

Em geral, a maioria das senhoras coristas demonstram grande euforia e felicidade ao comentarem sobre coral em suas vidas. Em todos os depoimentos, quando questionadas sobre a importância do coral, respostas como: "Distração, alegria, reunião com as colegas, saída de casa, motivação, realização ...", são frequentes nos discursos. Em muitas respostas, as coralistas demonstram que, a atividade dos ensaios e as apresentações fazem-nas "artistas", sentindo-se valorizadas numa atividade que desejavam na juventude, mas, por razões como repressão de esposos, familiares ou atividades domésticas exaustivas, não exerceram até então. Com a experiência clínica de atendimentos a idosos num Centro de Atenção Psicossocial, a alta prevalência de Depressão em mulheres na faixa etária acima de 55 anos com perfil similar ao do grupo estudado nesta pesquisa, é correto apontar que os benefícios do canto-coral vai muito além dos ganhos laríngeos e de desempenho vocal. O aspecto bio-psico-social, num conceito amplo de saúde, é contemplado no que tange o combate a estados mentais depressivos, pela atividade de cunho socio-interacional, além do estímulo cognitivo e motor da atividade de canto coral (memória, atenção, ritmo, a linguagem propriamente dita e motricidade orofacial). Desta forma, baseado no discurso das coralistas e em minha própria observação, é indiscutível os ganhos psicossociais da atividade de canto-coral na vida das integrantes do grupo estudado.

ANEXO H - VÍDEO EDITADO

(Vide Roteiro do Filme e Comentários no APÊNDICE G)

